

AGDA AQUINO



Licções de fotografia para fazer em casa

TÉCNICAS
COMPOSIÇÃO
E CRIATIVIDADE

EJ Editora
UFPB

Licções de fotografia para fazer em casa

TÉCNICAS, COMPOSIÇÃO
E CRIATIVIDADE



Reitor
Vice-Reitora

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Liana Filgueira Albuquerque



Direção
Gestão de Editoração
Gestão de Sistemas

EDITORA UFPB

Natanael Antonio dos Santos
Sâmella Arruda Araújo
Ana Gabriella Carvalho

Conselho Editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Editora filiada à:



AGDA AQUINO

**LIÇÕES DE FOTOGRAFIA PARA FAZER EM CASA:
TÉCNICAS, COMPOSIÇÃO E CRIATIVIDADE**

EDITORA UFPB
JOÃO PESSOA
2021

Direitos autorais 2021 – Editora UFPB

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo e a revisão textual/normalização desta publicação são de inteira responsabilidade da autora.

Projeto Gráfico	Editora UFPB
Revisão Gráfica	Alice Brito
Fotografias	Agda Aquino
Editoração Eletrônica e Design de Capa	Sâmella Arruda Araújo

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

A657l Aquino, Agda.
Lições de fotografia para fazer em casa: técnicas, composição e criatividade [recurso eletrônico] / Agda Aquino.
- João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

E-book.
ISBN : 978-65-5942-110-7

1. Fotografia. 2. Técnicas fotográficas. 3. Selfie. 4. Fotografia para iniciantes. I. Título.

UFPB/BC

CDU 77

Livro aprovado para publicação através do Edital N° 01/2020/Editora Universitária/UFPB – Programa de Publicação de E-books.

EDITORA UFPB Cidade Universitária, Campus I
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

A Matheus, o companheiro nos caminhos da vida.
A Íris, o melhor que já fizemos juntos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Os porquês deste livro.....	8
Como esse livro foi feito.....	10
Equipamentos utilizados.....	11
Materiais importantes para ter em casa.....	12
Como ler esse livro.....	12

COMPOSIÇÃO E CRIATIVIDADE

Composição

Lição 1 – Quadro dentro do quadro.....	16
Lição 2 – Espelho infinito.....	19
Lição 3 – Reflexo com a tela do celular.....	22
Lição 4 – Reflexo na varanda.....	26
Lição 5 – Reflexo na janela do carro.....	29
Lição 6 – Perspectiva forçada.....	31
Lição 7 – Regra dos terços.....	36
Lição 8 – Direcionamento do olhar.....	38
Lição 9 – Ângulo zenital.....	41
Lição 10 – Fundo infinito.....	45

Luz

Lição 11 – Luz da janela.....	52
Lição 12 – Luzes coloridas.....	55
Lição 13 – <i>Flare</i> com luz natural.....	58
Lição 14 – <i>Flare</i> com lanterna.....	61
Lição 15 – Arco-íris.....	63
Lição 16 – Bandeira de efeito com luz artificial.....	66
Lição 17 – Bandeira de efeito luz natural.....	70
Lição 18 – Sombra.....	73
Lição 19 – Contraluz noite.....	76
Lição 20 – Contraluz dia.....	78
Lição 21 – TV como pano de fundo.....	80
Lição 22 – TV como iluminação.....	82

Cor

Lição 23 – Preto e branco.....	86
Lição 24 – Tom sobre tom.....	88
Lição 25 – Papel colorido.....	91
Lição 26 – Cores complementares.....	94
Lição 27 – Cores análogas.....	96
Lição 28 – Tríade cromática.....	98

Superfícies translúcidas

Lição 29 – Box do banheiro.....	101
Lição 30 – Copos e taças.....	104
Lição 31 – Lupa.....	106
Lição 32 – Gelo.....	108
Lição 33 – Debaixo d'água.....	111
Lição 34 – Plástico bolha.....	115
Lição 35 – Saco plástico.....	118
Lição 36 – Meia fina.....	120
Lição 37 – Bolhas de sabão.....	122
Lição 38 – Água e superfícies reflexivas.....	125

Fotomontagem

Lição 39 – Fotomontagem clássica.....	128
Lição 40 – Três em uma.....	131
Lição 41 – Falsa polaroid.....	134

TÉCNICAS DE FOTOGRÁFICAS

Pequena profundidade de campo

Lição 42 – Foco e desfoque.....	141
Lição 43 – Macrofotografia	149
Lição 44 – <i>Bokeh</i>	153
Lição 45 – <i>Bokeh</i> com figuras	157

Velocidade do obturador

Lição 46 – Congelar o movimento	162
Lição 47 – <i>Splash</i>	169
Lição 48 – Registrar o movimento.....	172
Lição 49 – <i>Panning</i>	174
Lição 50 – <i>Zoompanning</i>	178
Lição 51 – <i>Light painting</i> silhueta.....	182
Lição 52 – <i>Light painting</i> iluminado.....	188
Lição 53 – Véu de noiva.....	191
Lição 54 – Fotos fantasmagóricas	194

Últimas dicas	234
Faça álbuns de referências	235
Conheça seu equipamento	235
Exercite.....	237
Referências	239
Glossário.....	241
Sobre a autora	250

Dupla exposição

Lição 55 – Na câmera	203
Lição 56 – Na pós-produção.....	206

Flash criativo

Lição 57 – Disparo contínuo	210
Lição 58 – Disparo de segunda cortina.....	214

Filtros e lentes

Lição 59 – Vermelho	219
Lição 60 – Coloridos.....	224
Lição 61 – Estrela	227
Lição 62 – Olho de peixe	231

APRESENTAÇÃO

OS PORQUÊS DESTE LIVRO

Este é um livro feito por uma professora de fotografia em isolamento social, e isso é determinante para a identidade da obra. A quarentena imposta pela pandemia mundial do Covid-19 me fez colocar em prática um projeto engavetado há anos: um manual de fotografia objetivo, direto, de fácil consulta e com exercícios de simples execução. Voltado especialmente para estudantes, curiosos e professores que queiram usar a fotografia como recurso didático, a ideia é compreender algumas das principais técnicas fotográficas e poder exercitá-las em casa, seja com equipamentos mais potentes ou adaptando para os smartphones. O mote principal é usar objetos domésticos simples e praticar a fotografia no conforto do lar, sem o medo de julgamentos alheios e, mais ainda, sem o receio de andar com equipamentos na rua ou no transporte público, uma preocupação real na nossa sociedade hoje. Praticar em casa também pode ser uma forma de dar segurança ao fotógrafo iniciante antes de enfrentar uma atividade fotográfica em outro ambiente e propicia algo fundamental para o exercício do fazer fotográfico: a intimidade com o equipamento que se tem em mãos.

Há mais de uma década, me dedico ao ensino da linguagem fotográfica em cursos de universidades públicas e privadas, na graduação e na pós-graduação, e uma coisa sempre me incomodou: os manuais de fotografia são quase sempre escritos por pessoas de outros países, especialmente europeus ou norte-americanos, que trazem realidades e possibilidades práticas muito diferentes da vivência da maioria dos brasileiros. Isso faz uma diferença enorme, pois não só as

nossas condições climáticas são distintas, como também o nosso acesso a equipamentos e ao espaço público. Situações ideais de ambiente e recursos técnicos são raras de acontecer por aqui, pois necessitam de um investimento financeiro alto. Além disso, apenas cerca de dezesseis por cento da literatura mundial sobre fotografia é assinada por mulheres¹. Apesar de nós sempre termos trabalhado com fotografia, nunca nos foram dadas as mesmas oportunidades para ocupar os espaços no universo profissional e nas publicações. Este livro, portanto, chega com a intenção de colaborar com a mudança desse quadro.

Sou privilegiada em poder escrevê-lo. Cresci vendo meu pai, astrônomo por paixão, envolvido no movimento de olhar o mundo através de lentes. Livros de fotografia e equipamentos fotográficos, muitas vezes improvisados ou mesmo construídos em casa, fizeram parte da minha infância e juventude, coisa incomum para minha geração. Mergulhei durante anos na literatura e nas experiências, somando projetos, ensaios, exposições, curadorias e outros tantos trabalhos com a imagem, num universo predominantemente ocupado por homens. Fui também a primeira mulher a assumir a docência dos conteúdos de fotografia nos Departamentos de Comunicação Social da UFPB – primeiro como professora substituta em 2010 e efetiva a partir de 2014; e da UEPB – em 2012, instituições nas quais leciono até hoje. Acompanhando mudanças sociais e tecnológicas, é encantador ver as possibilidades democráticas de ensino e aprendizagem que as tecnologias proporcionaram, e aproveitá-las deve ser uma das missões de um professor comprometido. A ideia dos tutoriais encontrados aqui está

1 Para mais informações, sugiro conferir o trabalho da pesquisadora Daniela Fonseca Moura, que faz um levantamento do espaço ocupado pelas mulheres no fotojornalismo e na autoria de livros de fotografia. Disponível no link: <http://livrosdefotografia.org/artigos/6904/visibilidade-e-memoria-das-mulheres-nos-livros-de-fotografia>. Acesso em julho de 2020.

baseada no recurso didático da exemplificação detalhada possibilitando a reprodução. Ao repetir os passos, o aprendiz é capaz de compreender os processos e também criar sua própria identidade na construção das imagens.

COMO ESSE LIVRO FOI FEITO

Publicadas originalmente no meu perfil do *Instagram* (@agdaaquino)², principal rede social de compartilhamento de imagens dos dias de hoje, me lancei o desafio de ensinar pelo menos uma técnica fotográfica diferente por dia. Identificadas com as *hashtag* #selfiesdaquarentena, a opção por autorretratos se deu por dois grandes motivos: a limitação dos assuntos no ambiente doméstico e o fenômeno social provocado pela democratização do acesso às câmeras nos celulares, aliado ao compartilhamento de imagens de si mesmo: ou seja, as *selfies*. A situação também limitou os recursos e possibilidades de produção fotográfica, promovendo arranjos e improvisações que acabaram enriquecendo o material final e aproximando o fazer fotográfico da realidade de grande parte das pessoas. Foram publicadas, no total, aproximadamente 80 postagens com mais de 100 imagens entre março e julho de 2020, reorganizadas aqui em formato de tópicos e adicionadas explicações conceituais, técnicas e visuais mais detalhadas. Essa experiência foi essencial para a interlocução com outras pessoas sobre a forma de abordar os conteúdos, ajudando a formatar as explicações contidas aqui. A casa bagunçada nas cenas por trás dos cliques faz parte da história contada nesse livro, já que ele não foi feito em estúdio ou em cenários elaborados, aconteceu junto com a vida, em

2 É possível acessar a plataforma de compartilhamento de imagens tanto pelo aplicativo instalado em dispositivos móveis de comunicação quanto através de navegadores pela página da Internet. Disponível no link: www.instagram.com/agdaaquino. Acesso em julho de 2020.

meio ao cotidiano desorganizado de uma família surpreendida por uma quarentena provocada por uma crise sanitária mundial.

É importante ressaltar que com a parceria do meu marido e também professor de fotografia, Matheus Andrade, fazer este livro não foi um trabalho solitário: sem ele, a obra certamente seria diferente. Em maior ou menor grau, em vários momentos do processo, ela foi partilhada: seja ao dar algumas sugestões, clicar a máquina para concretizar ideias, segurar luzes, filtros e flashes, revisar alguns textos e mesmo produzir algumas imagens, como mostrado ao longo do livro. Nossa filha, Íris, então com quatro anos, também deu sua contribuição em alguns cliques de bastidores.

EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

A maioria das fotos trazidas aqui pode ser reproduzida por uma única pessoa, principalmente se ela usar o recurso do temporizador da câmera, aquele dispositivo que retarda o disparo permitindo que o fotógrafo aperte o botão e se posicione para aparecer na imagem. Um tripé, do mais simples que seja, ou até improvisado, também vai facilitar a vida da fotógrafa ou do fotógrafo, possibilitando estabilidade e preparação do enquadramento com mais facilidade. Eu usei quatro tipos de equipamento fotográfico na execução das imagens deste livro: a câmera do *smarthphone*, uma câmera DSLR, uma câmera esportiva compacta (GoPro) e uma câmera *mirrorless*, sem dúvida a mais usada na produção das fotos, por ser um equipamento que possui um recurso *wireless* que me permite controlá-la por celular. Esse é um excelente auxílio para produção de autorretratos, mas não é imprescindível. Todas as ideias podem ser feitas, com as devidas adaptações, com o equipamento fotográfico tradicional ou com o celular. Em cada lição, quando necessário, eu explico as diferenças.

MATERIAIS IMPORTANTES PARA TER EM CASA

Alguns objetos se mostraram extremamente úteis na produção das fotos: lanternas pequenas, luminária de leitura, pisca-pisca da árvore de Natal e um pedaço de tecido preto de aproximadamente 2x2 metros. Outros objetos foram inseridos de forma criativa, aproveitando o que tinha em casa mesmo: livros, plástico bolha, escorredor de macarrão, sobras de madeira, espelhos, olho mágico, sombrinha, lupa, dentre outros. Ao fazer os seus experimentos, aproveite para usar a criatividade com o que você já tem por perto. Muitas vezes, a luz principal era a luz natural, vinda da janela.

COMO LER ESSE LIVRO

Esse é um livro que tenta estimular as pessoas a fotografarem, com tutoriais simples e diretos. Como nem todo mundo está familiarizado com os termos específicos da área, fiz um pequeno glossário ao final da obra. Também identifiquei com um ícone de câmera com estrelas o nível de complexidade na execução de cada lição: uma para simples, duas para intermediária e três para complexa. É importante frisar que, até as fotos consideradas mais complexas, são relativamente fáceis de fazer se levarmos em conta todo o universo da fotografia, afinal também foram feitas em casa, com limitações de espaço e de equipamento. A classificação das lições vai além do instante do clique, leva em conta também a pré-produção e a pós-produção da imagem, dependendo do caso. O livro está dividido em dois capítulos que se complementam: Composição e Criatividade – composto também por lições sobre cor, luz e utilização de materiais inusitados; e Técnicas Fotográficas – que mergulha em algumas das técnicas clássicas do universo da fotografia. As lições são independentes umas das outras e não necessitam de uma leitura

integral do livro para a compreensão e prática, porém algumas estão relacionadas e colaboram com o entendimento das outras. Apesar de ter um conteúdo amplo e diversificado, várias técnicas e dicas fotográficas ficaram de fora da obra, afinal seria impossível incluir todas. A intenção do livro, mais do que um catálogo de possibilidades, é funcionar como incentivo para um mergulho mais profundo no mundo da fotografia.

CLASSIFICAÇÃO DAS LIÇÕES:



SIMPLES



INTERMEDIÁRIA



COMPLEXA

COMPOSIÇÃO E CRIATIVIDADE



COMPOSIÇÃO



LIÇÃO 1 - QUADRO DENTRO DO QUADRO



“Moldura dentro da moldura”, “enquadramento dentro do enquadramento” ou ainda “quadro dentro do quadro” é uma das técnicas de composição fotográfica mais famosas que existem. Consiste em colocar seu assunto principal dentro de algum elemento físico no local fotografado, uma espécie de segundo quadro para a foto, já que o primeiro é aquele que naturalmente a fotografia faz: recortar o mundo 3D em uma imagem 2D, emoldurar o instante. Essa técnica é comumente usada em janelas, buracos, frestas ou mesmo em paisagens naturais como pedras e árvores.





Resolvi usar algo que temos muito em casa: livros. Empilhei no formato que desejava para criar um “buraco” no meio. Coloquei uma luminária de leitura na diagonal dessa entrada, na minha lateral direita, e me positionei do lado oposto da câmera. Fiz o foco e disparei no timer (temporizador). Essa foto também é um bom exemplo de pequena profundidade de campo, que acontece quando o diafragma da câmera está bem aberto, deixando uma parte da imagem em foco e outra fora de foco.





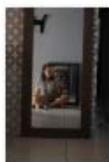
LIÇÃO 2 - ESPELHO INFINITO



Quem nunca se distraiu com o efeito de reflexo infinito que acontece quando um espelho está em frente ao outro? Esse clássico da fotografia é fácil de fazer na teoria, mas encontrar o ângulo certo e clicá-lo pode dar um trabalhão. Por aqui, foi preciso realocar o espelho do banheiro e do quarto em três cômodos diferentes até dar certo, porque é preciso uma distância mínima entre os dois, que depende principalmente do tamanho deles e do que deseja que apareça no enquadramento.

Explicando de forma compacta, esse tipo de reflexo é fruto da posição paralela de duas superfícies reflexivas que lançam a luz uma de volta para a outra "infinitamente", e elas vão ficando cada vez menores porque a luz está percorrendo esses trajetos de ida e volta, de forma proporcionalmente distante uma da outra, formando esse "túnel". Os meus espelhos não estavam exatamente paralelos porque um deles era pequeno para me enquadrar na cena, mas, mesmo deixando uma leve distorção, funcionou.

Foram mais de 40 cliques para acertar o ângulo do espelho infinito.



P4170245



P4170246



P4170247



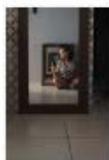
P4170248



P4170249



P4170251



P4170252



P4170253



P4170254



P4170255



P4170257



P4170258



P4170259



P4170260



P4170261



P4170263



P4170264



P4170265



P4170266



P4170267



P4170269



P4170270



P4170271



P4170272



P4170273



P4170275



P4170276



P4170277



P4170278



P4170279



P4170281



P4170282



P4170283



P4170284



P4170285





LIÇÃO 3 - REFLEXO COM A TELA DO CELULAR



O reflexo é um recurso bastante popular na composição fotográfica. Além do uso do espelho, existem outras formas de criar esse efeito de repetição da imagem invertida, usando superfícies reflexivas como água, vidros e materiais metalizados, por exemplo. Recorrer à tela do celular como uma espécie de espelho é um truque contemporâneo que tem sido usado para simular o efeito do reflexo da água em ambientes abertos. Foi um verdadeiro desafio fazê-lo funcionar dentro de casa, principalmente por causa dos pequenos espaços.

Para produzir essa foto foram usados dois *smartphones* e uma boa dose de paciência, já que o ambiente doméstico limita as paisagens. A dica é fotografar com um celular enquanto o outro serve de “espelho”, posicionado abaixo da câmera (ou ao lado para um reflexo lateral). Sugiro que o celular que reflete esteja sem capa de proteção e bem limpo. A dificuldade de fazer com a câmera tradicional é que a tela do celular é pequena para a amplitude da lente, ou seja, seria preciso uma superfície reflexiva maior. É experimentar para compreender como posicionar os dois equipamentos até conseguir a imagem desejada.



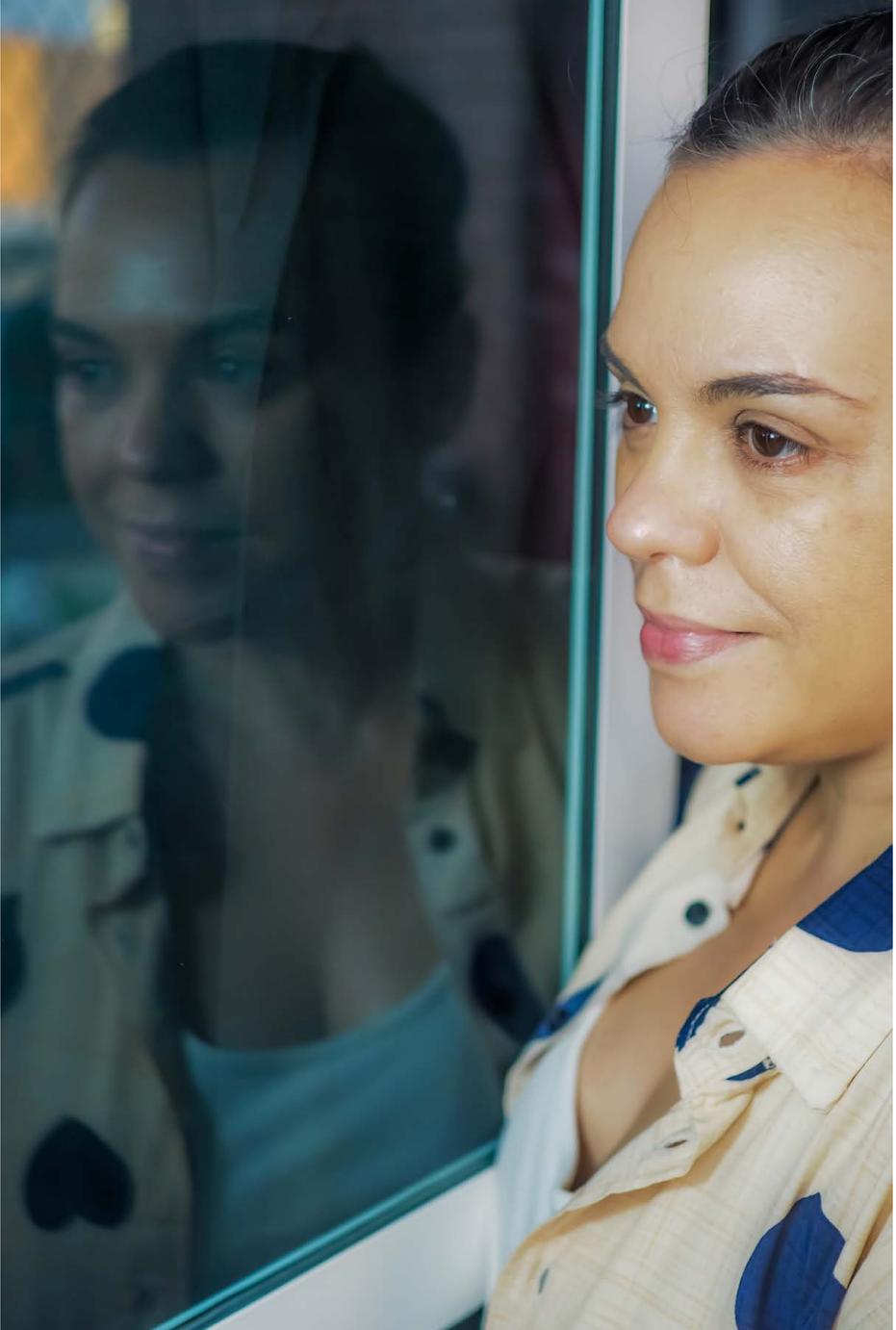


É possível fazer com o celular na vertical, encontre uma forma de esconder os dedos.





LIÇÃO 4 - REFLEXO NA VARANDA



O reflexo na porta de vidro da varanda tem sido uma estratégia recorrente nos ensaios fotográficos profissionais produzidos nas casas dos clientes. A dificuldade que enfrentei diz respeito à pouca quantidade de luz que recebo nessa parte da casa, o que diminui o reflexo. Ela fica sempre na sombra e o ambiente interno é mais iluminado do que o externo.

A solução foi colocar um tecido preto por dentro do vidro e iluminar o rosto com uma luz artificial, de luminária mesmo. Veja nas imagens como o reflexo fica mais suave com pouca iluminação no tema principal e como fica escuro com a luz nas costas da pessoa fotografada, em contraste com a paisagem que reflete bem, pois está com bastante luz. Esse tipo de foto é mais difícil fazer sozinho, pois é preciso que o fotógrafo ou a fotógrafa busque o ângulo do reflexo.



Reflexo suave com a pessoa pouco iluminada e reflexo escuro com o contraluz





LIÇÃO 5 - REFLEXO NA JANELA DO CARRO



Sempre que penso em fazer um autorretrato em reflexo no vidro, assim na rua, lembro-me da foto de Vivian Maier³ refletida numa vitrine, com feição séria e chapéu redondo, Rolleiflex médio formato no peito, misturando sua imagem com a do mundo lá atrás.

Estas não foram bem “na rua”, e sim na garagem do prédio, mas o princípio é o mesmo: vidro em local bem iluminado (como a luz do sol, por exemplo) faz um bom reflexo. Na primeira foto, o sol está iluminando o vidro diretamente, por trás de mim, deixando a silhueta escurecida diante da superfície empoeirada. Na outra, com o vidro limpo, o sol está indireto, iluminando a cena como um todo e dando mais nitidez à imagem, mesclando melhor o reflexo da paisagem com o meu.



3 Para conhecer o trabalho da fotógrafa norte-americana Vivian Maier, sugiro assistir ao documentário *A fotografia oculta de Vivian Maier (Finding Vivian Maier – 2014)*.



LIÇÃO 6 - PERSPECTIVA FORÇADA

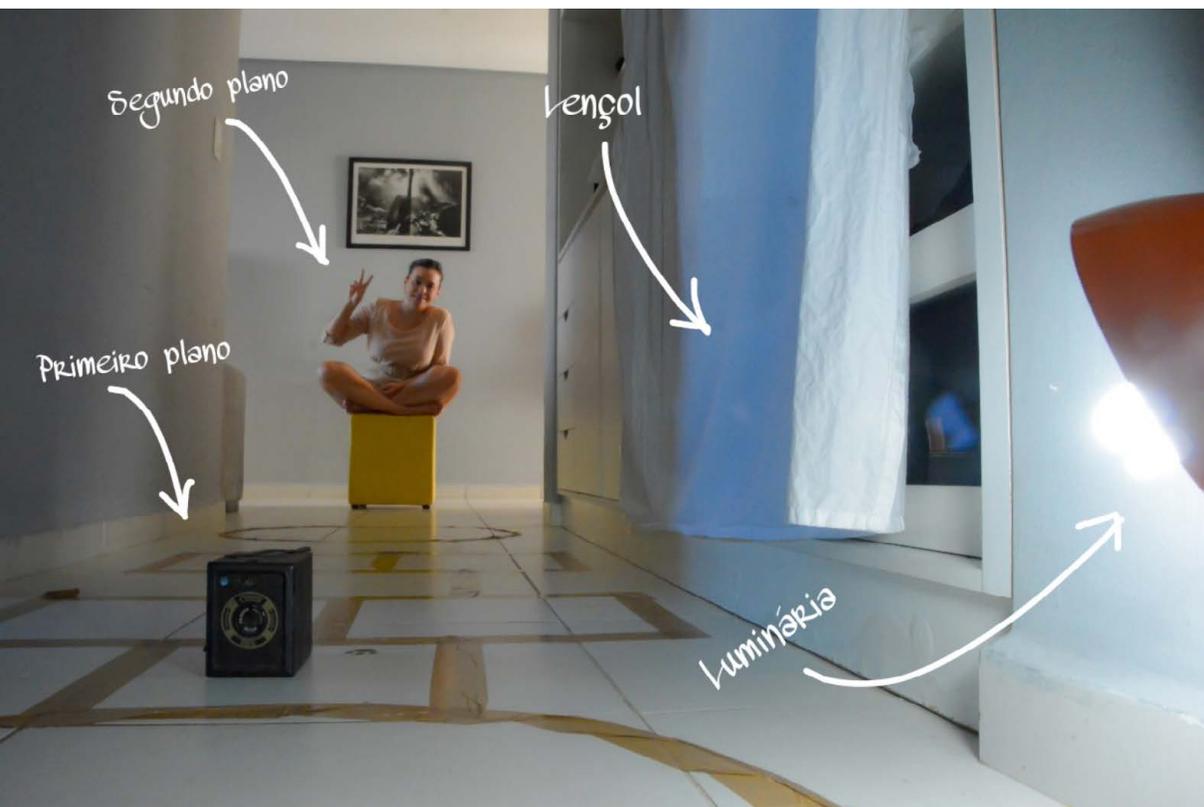


A perspectiva forçada é uma técnica de composição divertida que é capaz de provocar a distorção da percepção do tamanho dos objetos. O desafio aqui em casa foi o ambiente limitado: é mais fácil fazer em locais abertos, como praias e parques, pois o efeito funciona melhor com a distância física entre o elemento fotografado no primeiro plano e o no segundo plano.

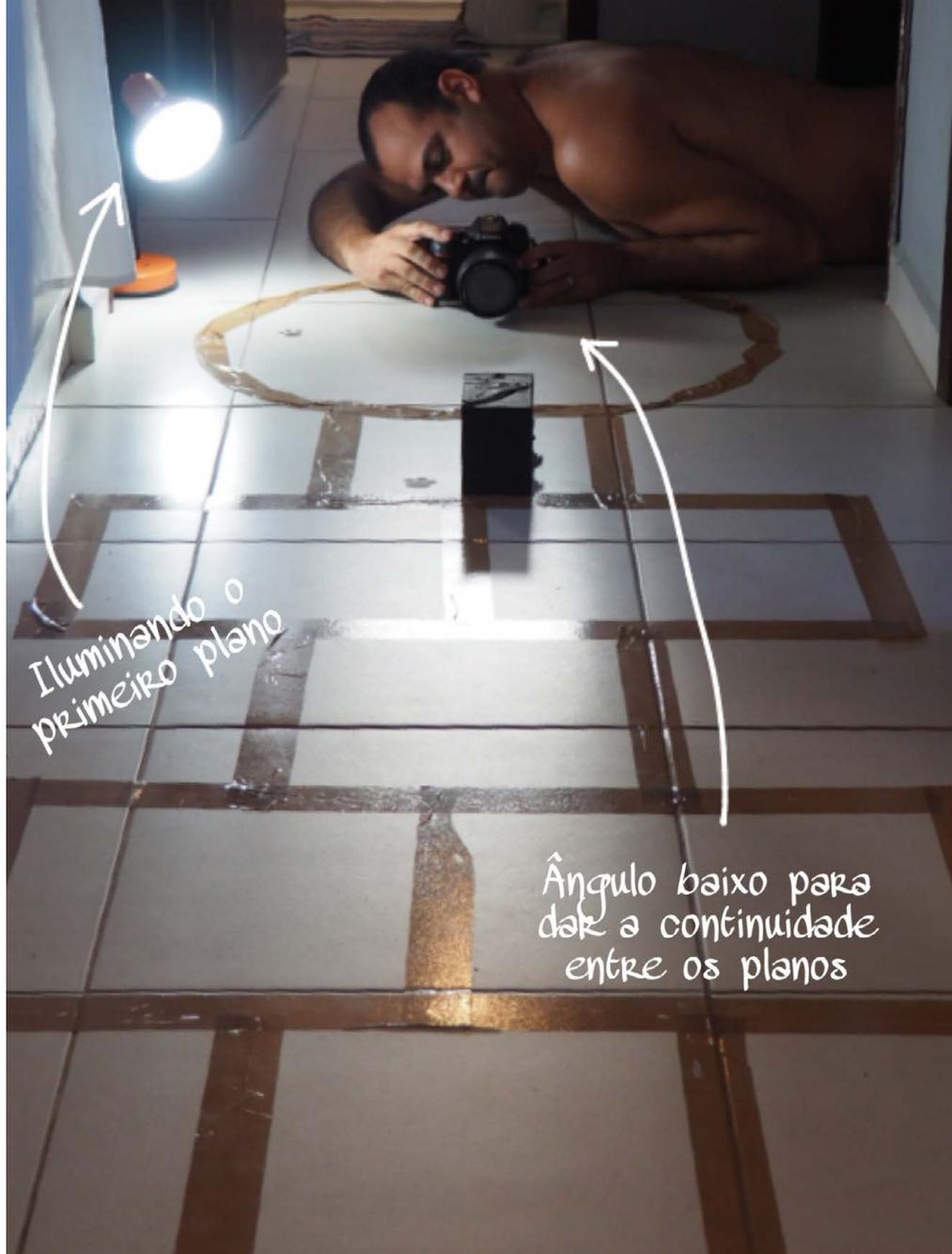
Por aqui, a solução encontrada foi usar o corredor da sala. É o tipo de foto que dá pra fazer facilmente com o celular, principalmente em locais bem iluminados, porque ele vai deixar tudo em foco, uma das maiores dificuldades desse tipo de registro, já que os elementos estão em distâncias focais diferentes. Além disso, é preciso encontrar o ângulo certo do clique para que um elemento encaixe no outro. Muitas lentes vão fazer a leitura da distância entre os objetos de maneira a dar focos diferentes a eles. Por isso a vantagem do celular: ele tende a deixar tudo em foco, porque tem um diafragma bem pequeno, especialmente se o local for bem iluminado.

A ilusão de ótica causada pela impressão de que algo que está bem perto da câmera e outro elemento que está longe aparentam estar juntos, no mesmo nível, é mais facilmente executado em lentes teleobjetivas, que tendem a achatar os planos (o que está na frente com o que está atrás). Mas para usar esse tipo de lente, é necessário ter mais espaço. Para executar o

clique, a câmera teve que ficar próxima ao chão para dar a impressão de continuidade da cena. Além disso, foi necessário fazer um corte da foto na pós-produção para tirar os elementos laterais que poluíam a imagem e acabavam entregando o truque. Foi preciso iluminar o objeto do primeiro plano com uma luminária de leitura, porque a luz estava muito diferente nos dois planos. O lençol branco na parede ajudou a iluminar o corredor e a disfarçar os objetos da estante.

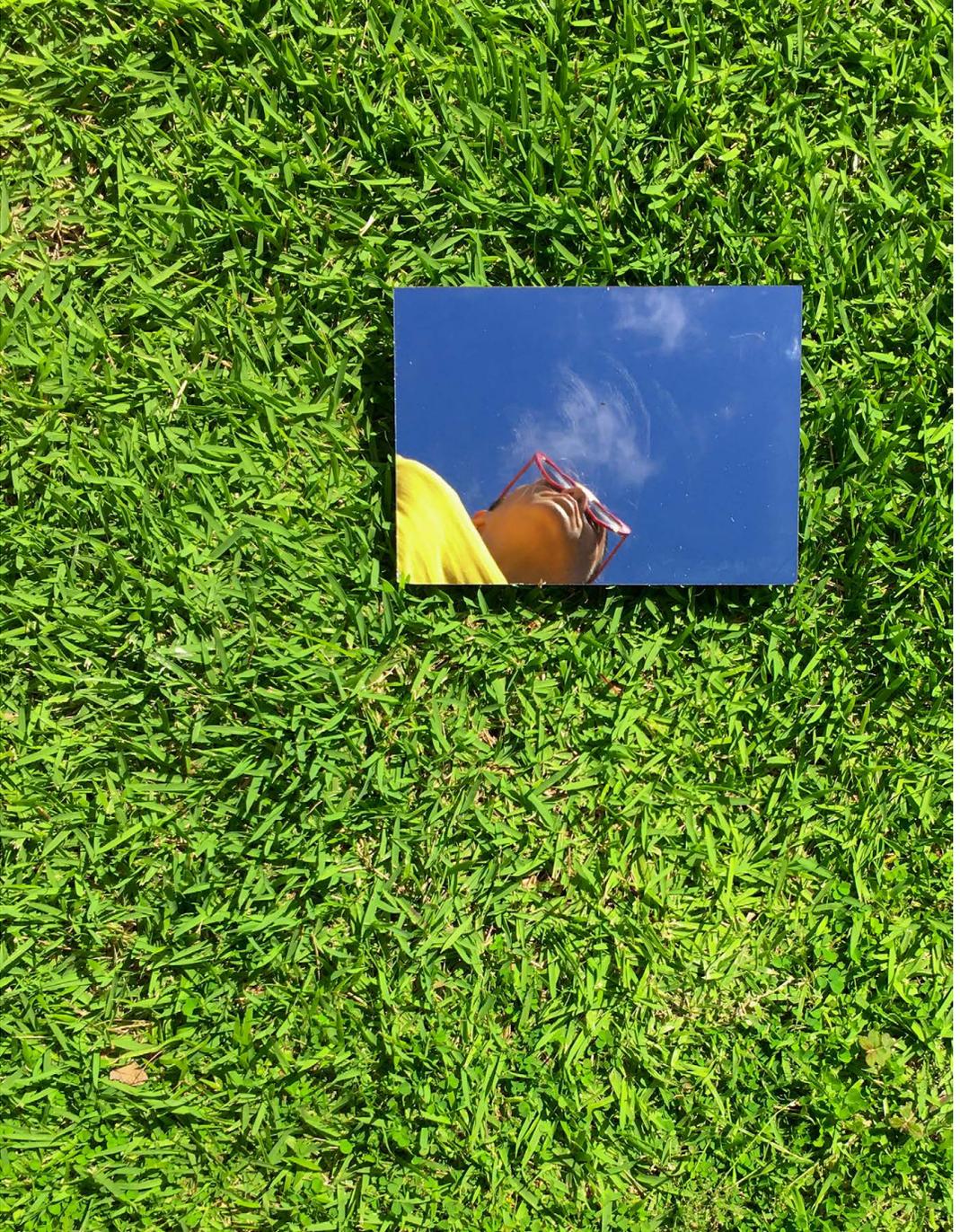




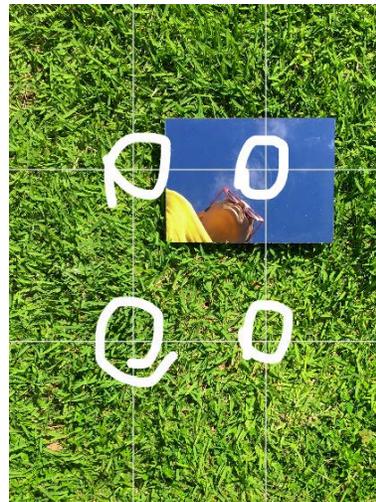




LIÇÃO 7 - REGRA DOS TERÇOS



A regra dos terços é uma proposta de distribuição dos conteúdos da imagem fotografada que consiste basicamente em descentralizar o objeto (ou assunto) principal da sua foto, o que a deixaria mais dinâmica. Nesse dia, aproveitei a grama na calçada do prédio para fazer essa composição e a maior dificuldade do clique foi que o celular não aparecesse no espelho. Na hora de editar, usei a regra dos terços, que sugere que você posicione seu elemento principal em um ou dois pontos de uma grade imaginária colocada por cima da imagem, os chamados pontos de ouro. Essa dica vale para muitas situações e não custa nada experimentar. A regra dos terços também ajuda a posicionar o horizonte em registros de paisagem e a antagonizar elementos, posicionando-os em pontos opostos da grade.





LIÇÃO 8 - DIRECIONAMENTO DO OLHAR





O uso (ou o aproveitamento visual) de linhas para direcionamento do olhar é uma técnica comum na composição fotográfica. Essas linhas podem ser muitas, como no caso da nossa foto, ou apenas uma, como em corredores e ruas. Em ambientes externos, essa estratégia é muito usada na observação de estruturas urbanas, porém trilhas na natureza ou outros tipos de formação visual que promovam a ideia de caminho ou direcionamento também funcionam como forma de conduzir o olhar do observador. Isso faz com que, apesar da imagem fotográfica ser estática, aconteça uma espécie de movimento diante da fotografia, já que o observador da foto passeia a visão pela imagem.

Dentro de casa, essa opção de composição exige um pouco mais de criatividade. Eu usei uma caixa de lápis de cor, dois bastidores de bordado de tamanhos diferentes e fita adesiva. Assim consegui fazer esse círculo de “setas coloridas” apontando para o meu olho.





LIÇÃO 9 - ÂNGULO ZENITAL



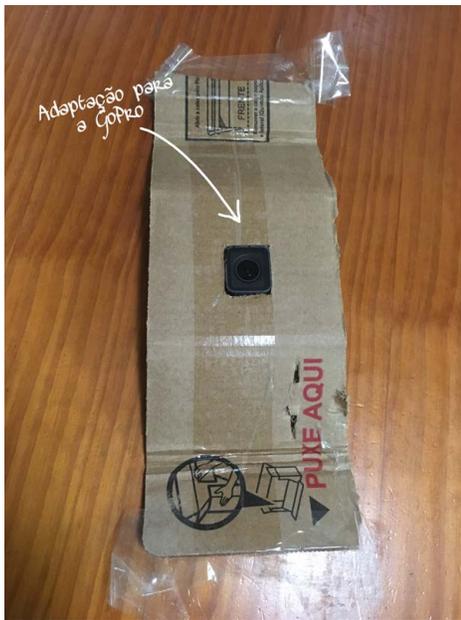
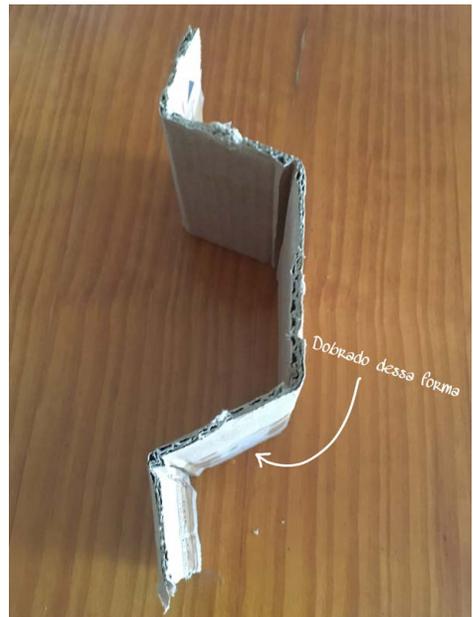
O nome desse ângulo, em 90 graus, é Zenital, que vem da palavra zênite, que na astronomia se refere ao ponto imaginário do observador quando olha para o que seria o centro do céu. Na fotografia e na cinematografia, esse posicionamento íngreme

da câmera de cima para baixo também é chamado de *plongê* absoluto e o contrário, de baixo para cima, de *contra-plongê* absoluto.

Ele é muito utilizado em produtos audiovisuais de temas como manualidades e culinária, porque proporciona uma visão privilegiada dos materiais vistos de cima, mas é possível encontrá-lo em videocliques, por exemplo. Esse ponto de vista fotográfico também é conhecido como “Olho de Deus”, numa referência ao olhar absolutista que vem de cima. Para conseguir fazer esse clique em casa, eu peguei um pedaço de papelão e fiz um apoio para o celular, já que não tinha como fixar a câmera no teto, porque a fita adesiva não aguentaria o peso do equipamento.

A minha dificuldade em fazer a foto com o smartphone foi logística: ativar o timer, posicionar a câmera no suporte de papelão no teto e voltar para a cama rapidamente. Não funcionou, porque o teto era muito alto para mim. O plano B foi utilizar a GoPro, que é uma câmera pequena muito usada para imagens esportivas justamente por ser portátil, ideal para situações de muita luz. Eu consigo controlar esse equipamento pelo celular através de um aplicativo, e assim fazer vários cliques sem precisar sair da posição. Também é possível fazer com o *smartphone* caso você consiga alcançá-lo no teto com facilidade ou se tiver outra pessoa que faça isso.

Vale salientar que essa imagem foi editada depois do clique para corrigir a distorção provocada pela lente da GoPro, que é uma olho de peixe/grande angular.







LIÇÃO 10 - FUNDO INFINITO



O uso do fundo infinito é uma estratégia da fotografia profissional para registrar com qualidade tanto pessoas quanto produtos. Utilizado para fotografias produzidas em estúdio com a intenção de dar destaque ao que é fotografado, ele retira da imagem a quebra de nível que acontece com o canto ou quina da parede em encontro ao piso (ou de uma caixa na fotografia de pequenos objetos), além de uniformizar o fundo da imagem.

Basicamente, o que o fundo infinito faz é arredondar o canto de trás da foto, que geralmente desvia o foco de visão, e acaba dando uma cara mais profissional para a imagem. Eu fiz na sala de casa e usei folhas de jornal, colando com fita adesiva. Tecnicamente falando, o segredo do clique está em enquadrar bem, preenchendo a imagem com o material de fundo.





Eu consigo disparar remotamente através do dispositivo de controle *wi-fi* que existe na minha câmera *mirrorless*, que ajusto pelo aplicativo baixado no meu celular, recurso utilizado na maioria das fotos desse livro. Com ele consigo também ter um *preview* da foto, disparar em sequência e conferir os cliques. É importante lembrar que é possível fazer a mesma imagem sem esse recurso do controle remoto, ele apenas facilita a vida de quem fotografa sozinho.

Aproveitei o cenário para trabalhar também a direção de arte, que é uma área de atuação no audiovisual e se refere, em linhas gerais, a pensar e materializar os detalhes daquilo que está em cena de forma física: elementos de cena, objetos e figurino são alguns deles. Na fotografia de moda essa expressão pode ser substituída pela produção de moda, que pensa também naquilo que vai compor a imagem de moda, em especial a vestimenta, mas não só ela. A combinação da roupa e da máscara com o cenário foi inspirada em um ensaio da revista australiana Frankie Magazine⁴. O resultado é uma imagem de impacto que pode ser traduzida de diversas formas e funcionar em diferentes contextos.

4 A revista possui um perfil no Instagram onde é possível conhecer parte de seu conteúdo. Disponível na conta www.instagram.com/frankiemagazine - Acesso em junho de 2020.



Fundo infinito





LUZ



LIÇÃO 11 - LUZ DA JANELA



O conceito de luz da janela pode ser mal compreendido por quem ainda não tem a prática fotográfica ou o entendimento da luz. Ele diz respeito a essa luz natural lateral diurna que entra em casa (ou em ambientes fechados em geral), seja pela janela ou por outra abertura, como uma porta.

Essa imagem foi produzida apenas com essa fonte de luz, vinda da porta de entrada de casa, e exemplifica bem as suas características: difusa, espalhada, suave e lateral – praticamente uma luz de estúdio com difusor (ou melhor, a luz de estúdio é que procura imitar essas características). Por causa disso, ela é a fonte de luz preferida para se fotografar em casa e provoca essas sombras suaves. Eu optei por iluminar meu rosto de lado, que dá mais ideia de volume, mas também poderia ser de frente, iluminando o rosto por igual. Essa luz serve também para fotografar objetos ou alimentos.

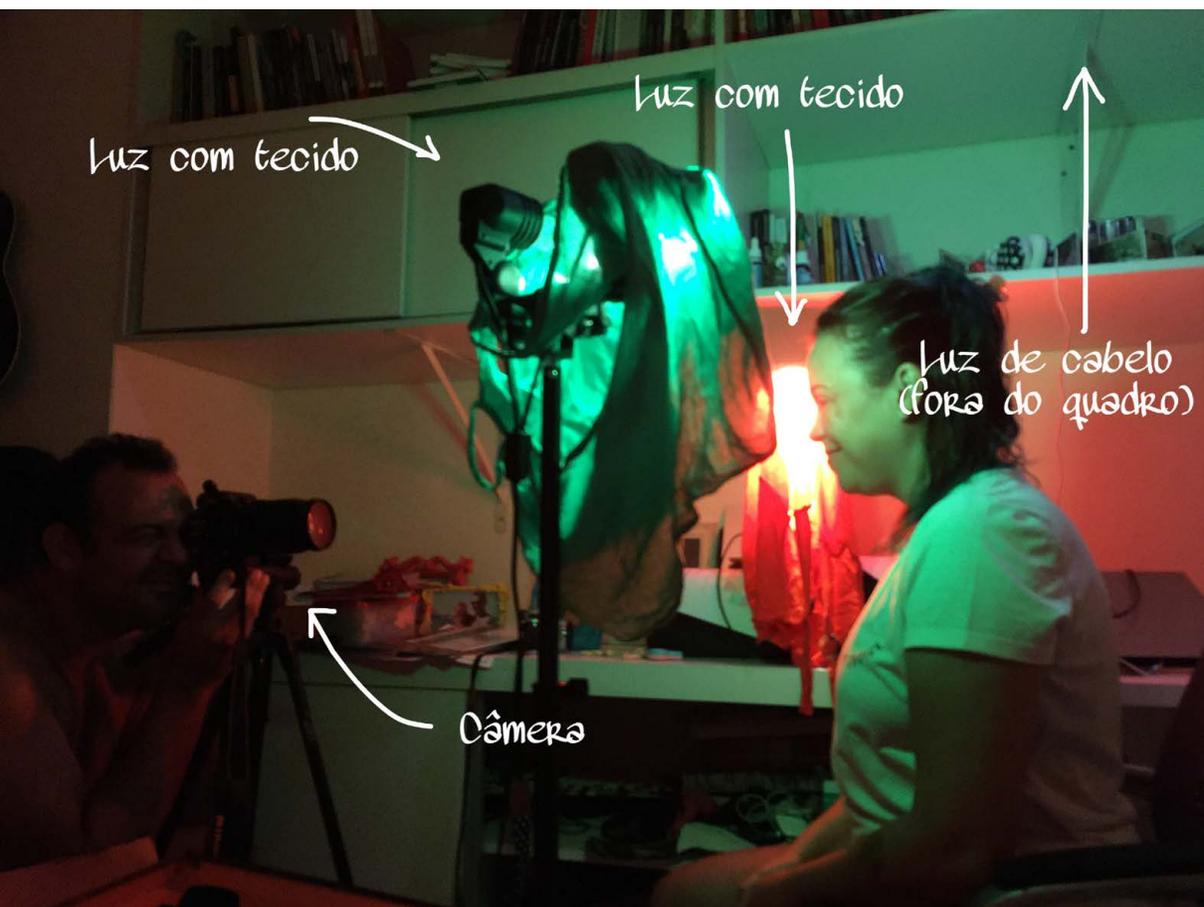


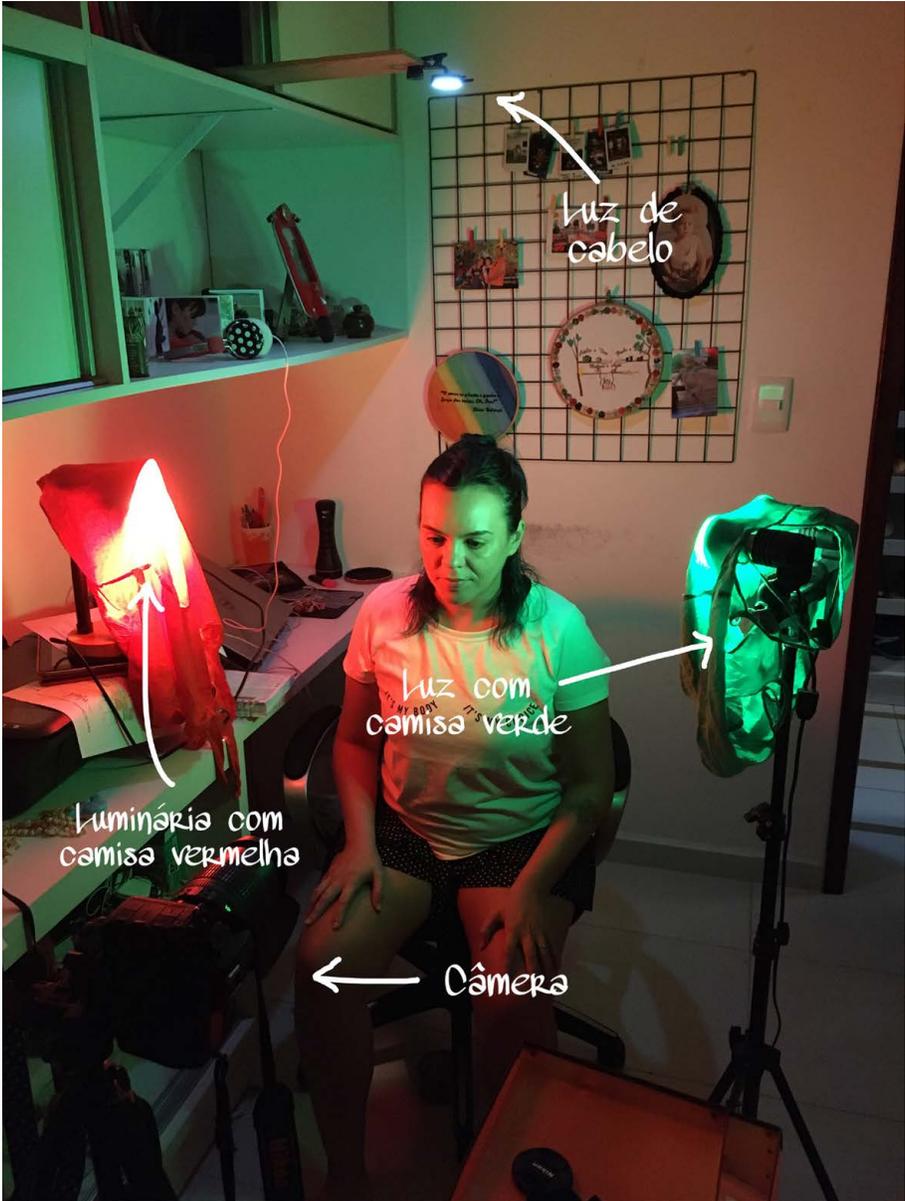


LIÇÃO 12 - LUZES COLORIDAS



O segredo desse clique é ter duas fontes de luz: uma de cada lado, com luminárias ou lanternas, por exemplo. Para fazer a cor, basta cobrir a luz com um tecido ou roupa da cor escolhida. Funciona ainda melhor com papel celofane, que é translúcido. Também usamos uma luz de cabelo, que ajuda a criar profundidade e volume, mas funciona sem ela.







LIÇÃO 13 - FLARE COM LUZ NATURAL



O *Flare*, ou *Lens Flare*, é o efeito que aparece quando a luz do sol entra na lente, identificado por aquelas bolinhas de luz que aparecem na fotografia e que muita gente gosta de adicionar à imagem em pós-produção. Esse toque de charme na verdade é considerado um defeito técnico, uma aberração óptica que ocorre quando a luz entra na câmera de forma intensa e direta e, por causa dos vidros internos que compõem a lente, reproduz essas bolhas iluminadas disposta em linha. O formato dessas luzes pode ser arredondado ou hexagonal, dependendo do seu equipamento e da sua abertura de diafragma.

O aparador de luz encaixado em frente a algumas lentes ajuda a evitar que isso ocorra. Considerado um erro durante muito tempo na fotografia e na cinematografia, o *Flare* está entre os efeitos preferidos da era da fotografia digital. A dificuldade em fazê-lo no ambiente doméstico é encontrar um local com incidência direta do sol, ou seja, é muito mais fácil fazer em locais abertos. Exige da fotógrafa ou do fotógrafo uma busca de encaixe entre a fonte de luz, o *flare* e o assunto fotografado, por isso é mais difícil fazer com tripé ou disparo remoto. Além disso, algumas lentes não reproduzem tanto essa aberração de luz, deixando o efeito bem suave e isso acontece por causa da forma como ela foi construída.

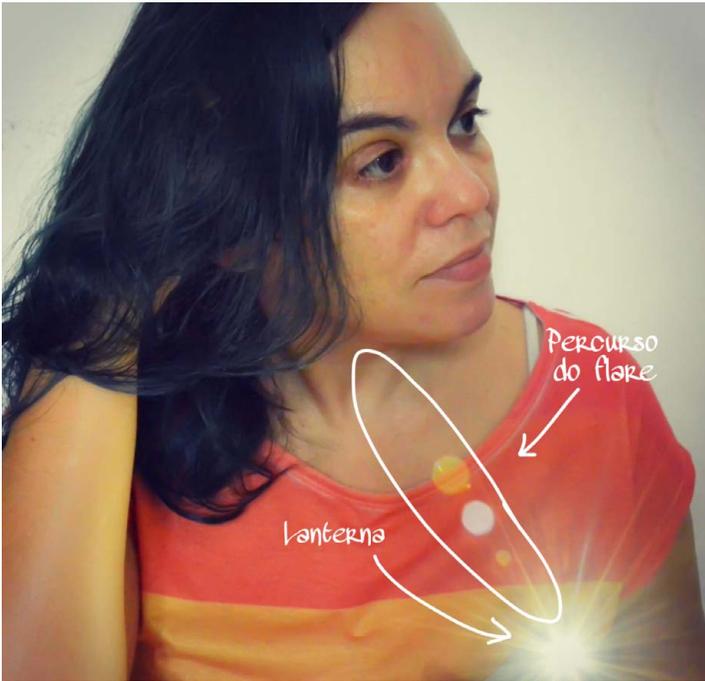




LIÇÃO 14 - FLARE COM LANTERNA



Também é possível fazer o *Flare* com fonte de luz artificial, como uma lanterna, por exemplo. Eu usei a do celular, mas não consegui fazer sozinha com a câmera no tripé, continuou sendo necessário o fotógrafo para buscar o efeito na hora do clique.



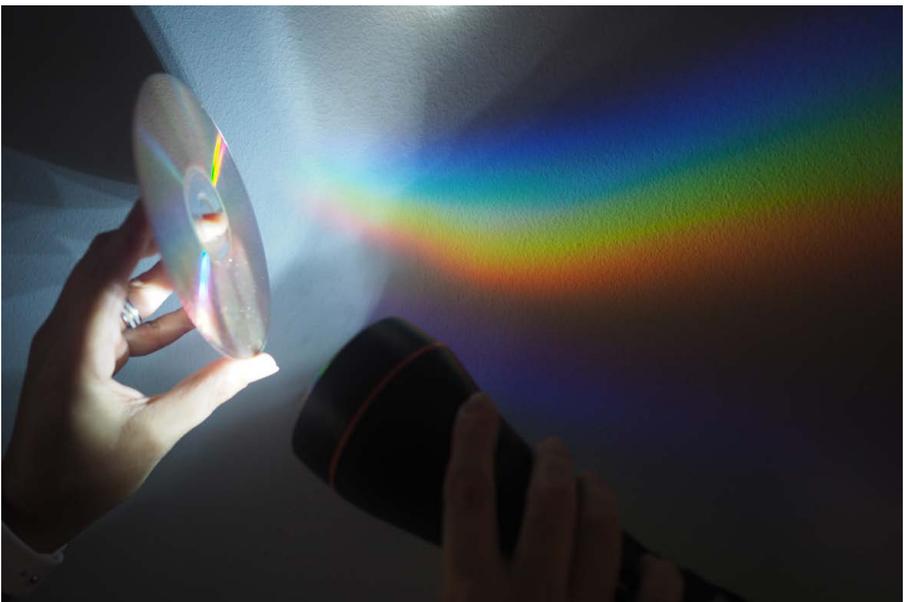


LIÇÃO 15 - ARCO-ÍRIS



Sabe aquele velho truque de fazer um arco-íris com uma lanterna e um CD? Se você nunca experimentou, essa pode ser uma oportunidade: basta direcionar uma luz intensa no lado brilhoso do CD. Nessa imagem foi só isso: jogar a luz

colorida e fazer o clique. Para dar certo, alguém precisa segurar o aparato de luz e mirar no rosto enquanto a câmera faz a foto no *timer*, ou um terceiro indivíduo aperta o disparador.



Aplicação de arco-íris por aplicativo

Muitos aplicativos para celular simulam esse efeito na pós-produção da foto. Eu experimentei no *PicsArt*, que é gratuito. Nele você pode riscar o arco-íris com o dedo para fazer o formato desejado no local que quiser da imagem: em linha reta ou em arco.





LIÇÃO 16 - BANDEIRA DE EFEITO COM LUZ ARTIFICIAL



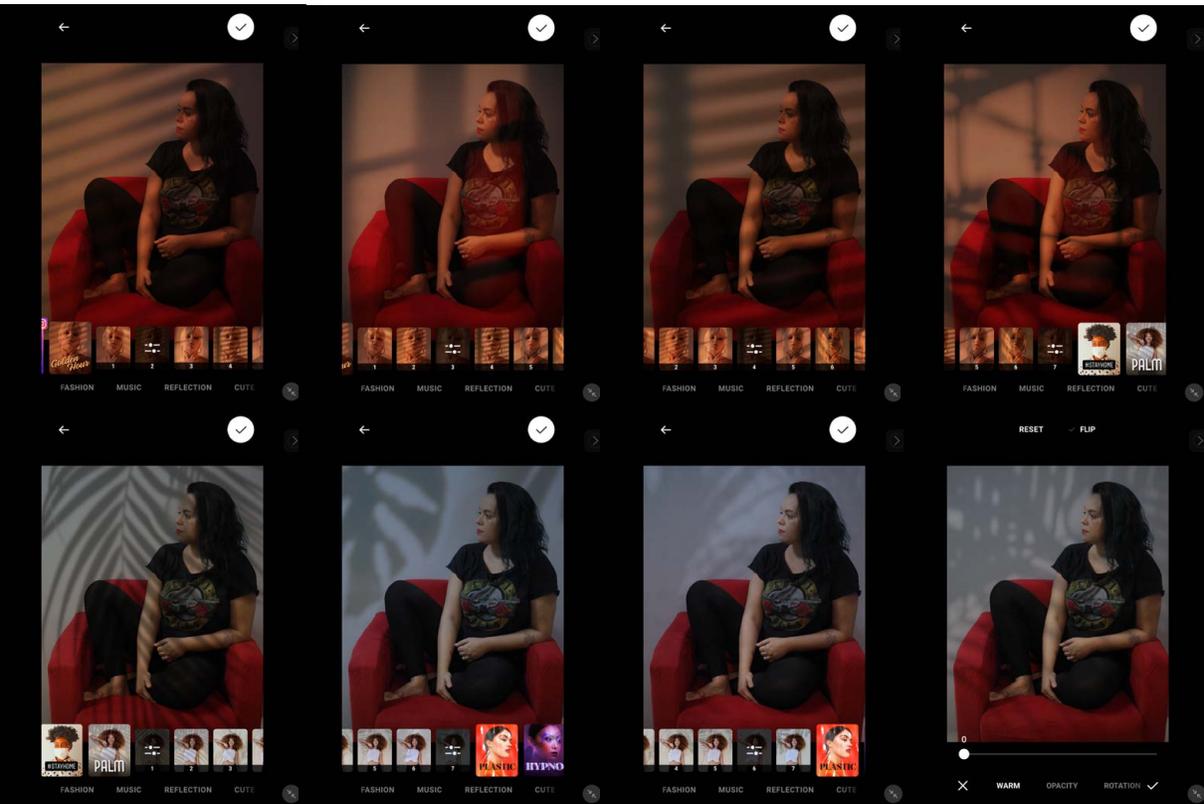
Conhecida na cinematografia como a técnica de "bandeira de efeito", essa espécie de máscara para luz é capaz de criar sombras em diversas formas. Usei um pedaço de isopor em formato de janela, mas também é possível fazer em papel, cartolina, papelão, EVA, etc. A fonte de luz pode ser natural ou vinda de uma fonte artificial, a exemplo de lanternas e luminárias. Nessa foto a luz usada foi uma lâmpada amarela, para dar esse ar noturno, com a câmera no tripé e no temporizador, e uma pessoa ajustando o ângulo da "janela". A luz intensa ajuda a deixar a sombra definida, bem desenhada.





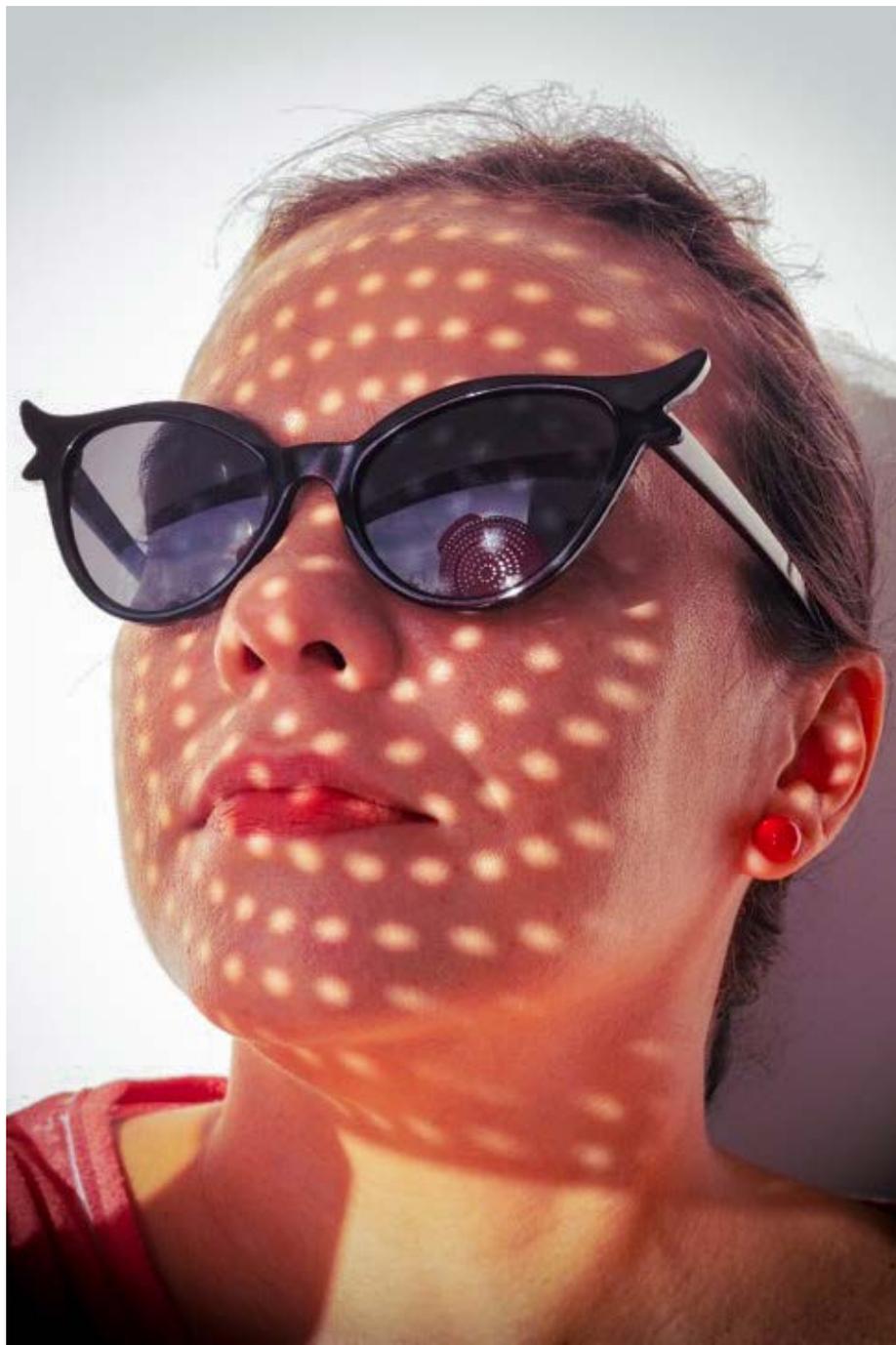
Bandeira de efeito na pós-produção

A bandeira de efeito também pode ser simulada através de aplicativos. Eu fiz uma foto simples na poltrona da sala e apliquei o filtro por cima. Existem diversas possibilidades de ajustes e alguns aplicativos deixam o efeito mais natural ou artificial. Usei o efeito chamado *Golden Hour* no aplicativo *Prequel*.





LIÇÃO 17 - BANDEIRA DE EFEITO LUZ NATURAL



A bandeira de efeito pode ser feita com luz natural, de uma janela ou do sol direto. Ela é administrada de forma mais fácil se estiver próxima ao horizonte, como nessa foto, mas também pode ser do sol a pino, depende da proposta. Usar utensílios inusitados pode funcionar e deixar a foto diferente.

Recorri a um escorredor de cozinha, que fez sombras em formato de bolinhas, mas a mesma ideia pode ser adaptada para toalhas rendadas, peneiras ou outros objetos que produzam sombras diferentes. Fazer sozinha exige um pouco de destreza, pois é necessário acertar o ângulo da sombra enquanto faz o clique no disparo remoto ou no *timer*. É importante que a luz esteja intensa, para fazer sombras bem delineadas.



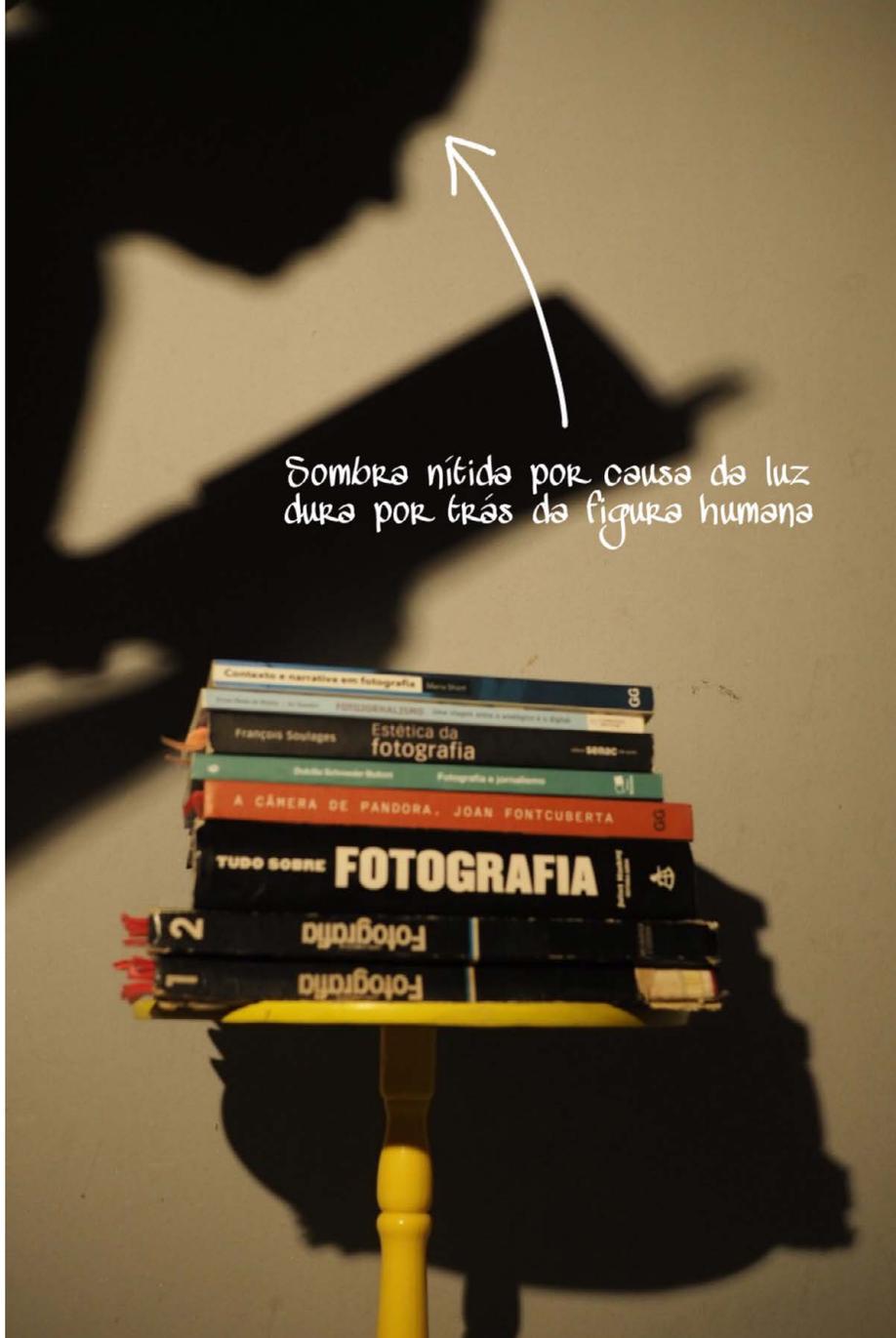


LIÇÃO 18 - SOMBRA



Se existe luz, existe sombra, só que ela se comporta de formas diferentes dependendo de como se trabalha essa luz. Nessa proposta, uma sombra bem definida interage com os livros. Para fazer uma imagem desse tipo, é necessária uma luz intensa e direcional em um ambiente pouco iluminado. Quanto mais perto da superfície em que a sombra é refletida a pessoa ficar, mais definida ela será.

É aí que aparece a primeira dificuldade: fazer o clique sem a pessoa aparecendo no enquadramento. Outro dificultador é que esse tipo de foto necessita de uma espécie de direção: o fotógrafo ou a fotógrafa precisa orientar o modelo ou a modelo no posicionamento para encontrar o ângulo certo. A não ser que o registro seja apenas da sombra sem a interação com outras coisas.

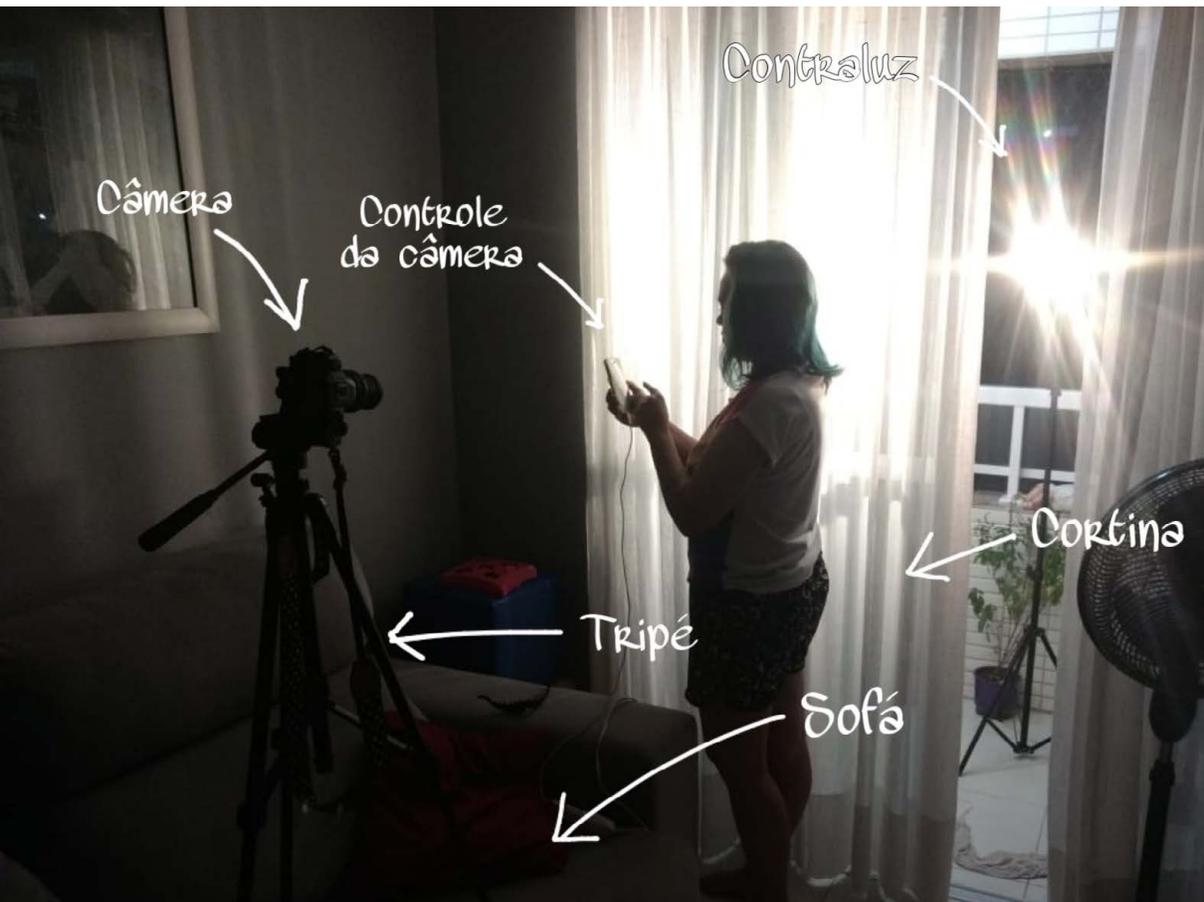




LIÇÃO 19 - CONTRALUZ NOITE



Clássico e fácil de fazer, o contraluz funciona em diversas situações. Nessa imagem ele foi produzido à noite, usando a cortina da sala e uma luz do lado contrário, na varanda, com o ambiente interno escuro. Também é possível fazer com um lençol numa porta e ligar a luz do cômodo de dentro: o segredo é iluminar a parte oposta do assunto fotografado.





LIÇÃO 20 - CONTRALUZ DIA



O contraluz para fazer silhueta é uma técnica que também funciona durante o dia. Para que isso aconteça, é preciso fazer o clique do lado oposto do sol (ou da fonte de luz), mirando para ele, e posicionar o objeto ou pessoa fotografada preferencialmente cobrindo a luz.

Esse efeito é facilmente percebido quando se tenta fotografar alguém no pôr do sol ou na praia quando o sol fica nas costas da pessoa, escurecendo o rosto. Nessa foto, uma sombrinha foi usada para espalhar um pouco a luz solar e criar um efeito de textura e cor. Uma dica: se você quiser que a figura humana apareça nas situações de contraluz exemplificadas, será necessário adicionar outra fonte de luz iluminando-a, como um flash, por exemplo.





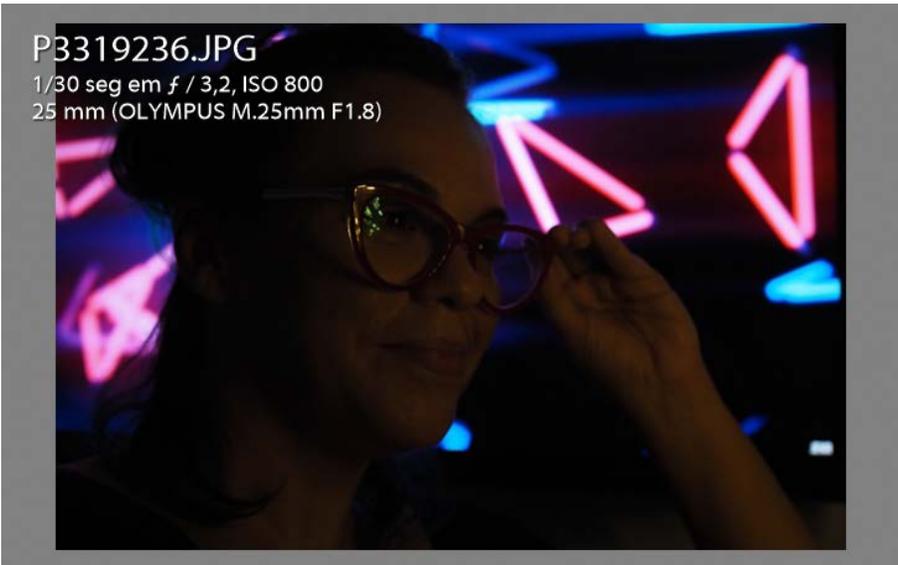
LIÇÃO 21 - TV COMO PANO DE FUNDO



Esse exemplo é a junção de uma foto com cenário e finalização na pós-produção⁵. O primeiro passo foi baixar uma foto de uso livre na internet com o tema escolhido: *neon*. Com o *pendrive* pude

5 Foto inspirada no tutorial de Luiz Ribetav: <https://www.instagram.com/ribetav/>. Acesso em julho de 2020.

colocar a imagem na tela da TV. Em seguida, com o ambiente escuro e uma luz suave no rosto, foi feito o clique. Depois a foto foi tratada em aplicativos no celular: clareamento do rosto e tratamento dos tons no *Lightroom*; aplicação da imagem de fundo por cima de forma esmaecida no *Picsart* e, por fim, um efeito vibrante no *Cymera*.



Fonte: Disponível em: <https://wallpaperforu.com/wallpaper-red-and-blue-led-strips-neon-abstract-digital-art-3d-lights/>





LIÇÃO 22 - TV COMO ILUMINAÇÃO



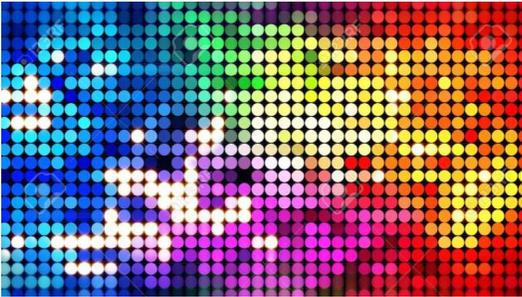
Nessa foto, a imagem exibida na TV serve para iluminar o rosto e para refletir nos óculos escuros. Você pode buscá-la nas plataformas de disponibilização de imagens gratuitas, eu experimentei algumas com a temática *neon*. É possível exibir a imagem na TV através de espelhamento da tela do *smartphone*, com o *pendrive* ou pelo computador com cabo HDMI, por exemplo. Depois disso, executar o clique é fácil: se aproximar da tela com o ambiente escuro e fazer o registro com um enquadramento próximo. Você pode incluir ou não a tela da TV no quadro.



P5049617.JPG

1/50 seg em $f / 3,5$, ISO 1000

14 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)



Fonte: Disponível em <https://www.istockphoto.com/pt/vetorial/colorful-sparkling-disco-wall-gm940478712-257097708>





COR

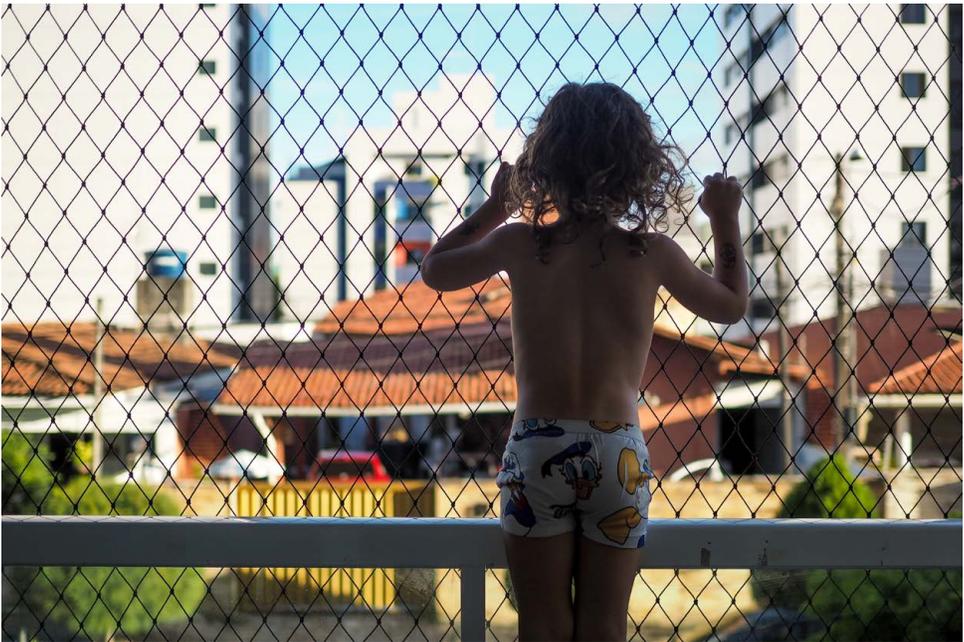


LIÇÃO 23 - PRETO E BRANCO



A fotografia em preto e branco surgiu por uma limitação técnica: demorou décadas para descobrir processos que fizessem a imagem em cor fixar no papel. Com o surgimento da fotografia colorida e, depois, da digital, usar o P&B virou opção estética. Nessa foto, um dos poucos registros do livro que não é um autorretrato, o recurso foi utilizado para dar destaque à criança em relação

à paisagem. A luz intensa da rua provocada pelo sol forte fez o ambiente externo ficar bem mais claro do que o interno, provocando a silhueta na criança, que estava na sombra. Percebendo esse contraste, optei em deixar a foto monocromática, chamando atenção para o tema principal sem distrair o observador com a profusão de cores da paisagem. Também posicionei o meu tema principal, a criança, de forma descentralizada, inspirada na regra dos terços, para dar mais dinamismo à foto.

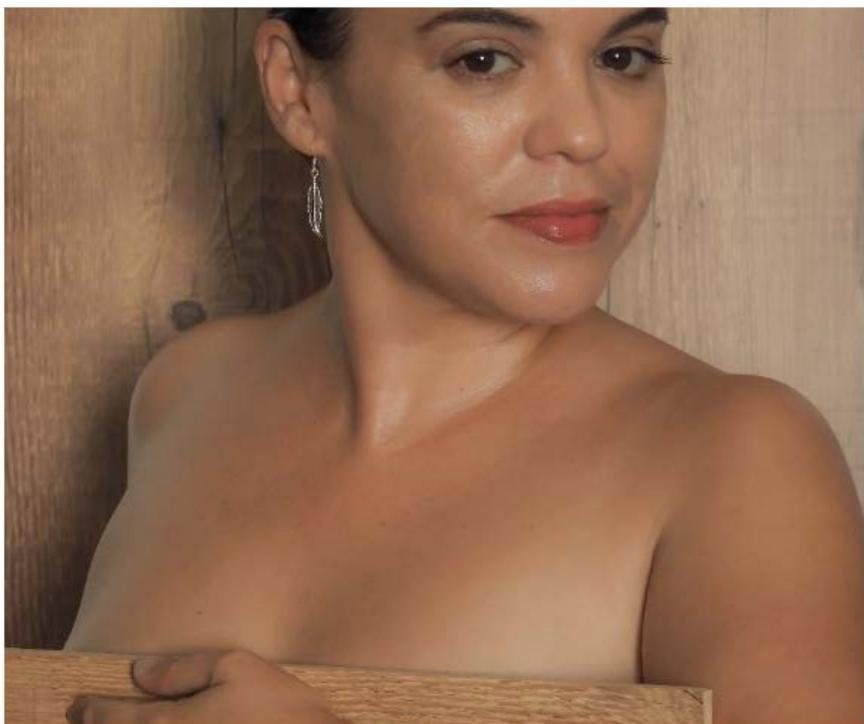


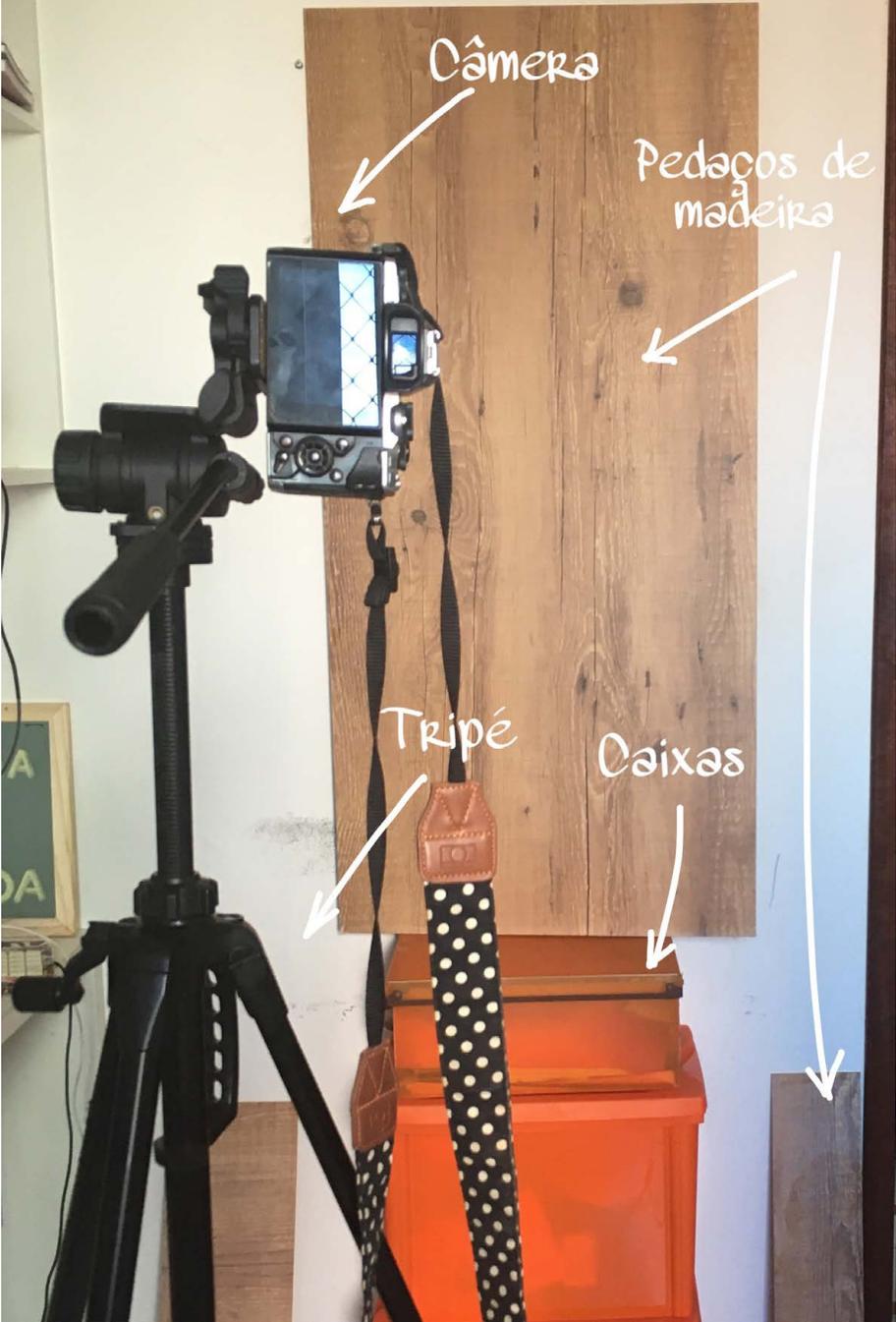


LIÇÃO 24 - TOM SOBRE TOM



O recurso de tom sobre tom é uma boa opção visual para a imagem fotográfica. A escala cromática pode ser feita tomando como base uma cor principal, que no caso dessa foto foi o tom de pele, e compor o quadro com tons semelhantes ou aproximados. Essa estratégia costuma passar a sensação de harmonia. Para a luz, recorreremos à janela frontal durante o dia. Usamos um pedaço de madeira como cenário e também para cobrir parte do corpo, posicionados um pouco na diagonal para não refletirem a luz, evitando um brilho indesejado.







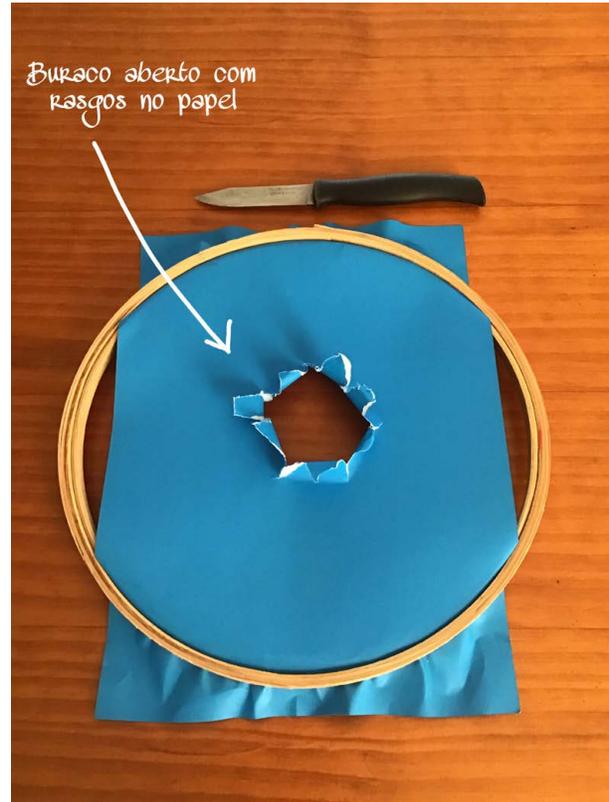
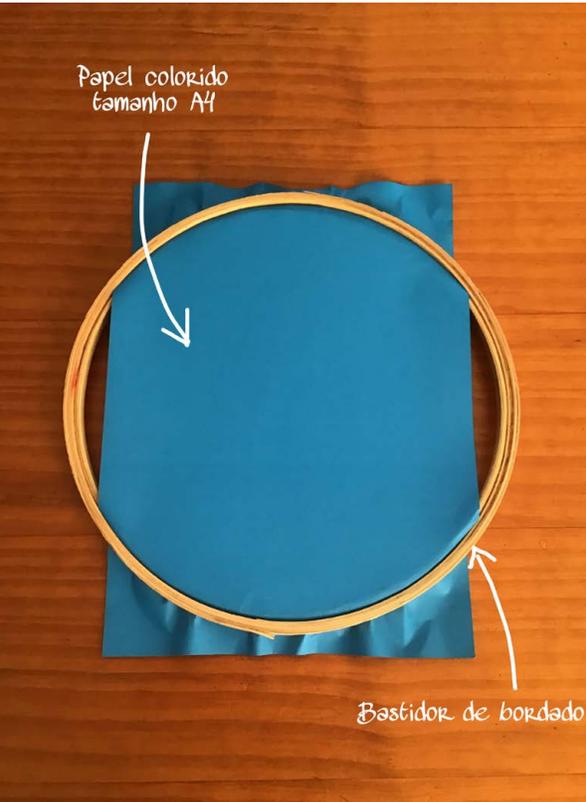
LIÇÃO 25 - PAPEL COLORIDO



O uso de cores intensas pode ser um recurso chamativo na fotografia, estratégia herdada de outros âmbitos das artes visuais. Para essa imagem, peguei um papel azul, coloquei em um bastidor de bordado grande e fiz o buraco puxando pedaços para fora, com o cuidado de

ficar no tamanho ideal para visualizar o olho e parte do rosto, como a sobrancelha. A luz foi natural, do corredor do prédio, que é um ambiente muito iluminado. Quanto mais perto o rosto ficar do papel, menos sombra ele vai fazer na pele. O preenchimento do quadro fotográfico com a cor intensa e a quebra dela com buraco ao meio faz a imagem saltar aos olhos.





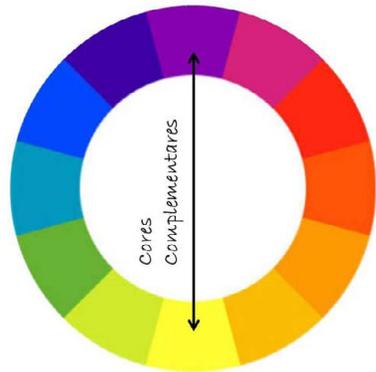


LIÇÃO 26 - CORES COMPLEMENTARES

Usando uma cor como base, é possível recorrer a algumas técnicas para compor combinações harmoniosas distintas. Tendo o amarelo da parede como referência, montei três propostas distintas, usando as roupas como combinação. A partir do círculo cromático, uma ferramenta de compreensão das cores, é possível pensar em combinações que provoquem diferentes efeitos visuais. Dentre elas, escolhi três: cor complementar, tríade de cores e cores análogas.



A cor complementar é aquela que fica do lado oposto do círculo cromático: no caso do amarelo é o roxo. Esse tipo de combinação provoca a sensação de energia e vibração na imagem e é uma opção bastante comum, não apenas em combinação de roupas, composição de fotos ou criação de coleções e estampas, como também na direção de arte de filmes, séries, programas de TV e comerciais publicitários, por exemplo.

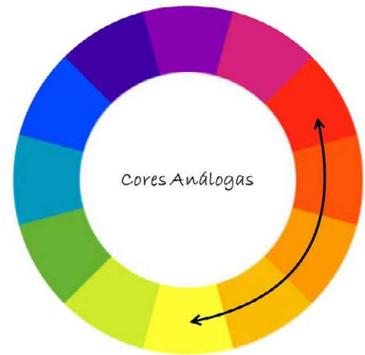




LIÇÃO 27 - CORES ANÁLOGAS



As cores análogas são aquelas que ficam uma ao lado da outra no círculo cromático, que, dependendo das cores escolhidas, pode formar um tom sobre tom. Em geral, esse recurso é composto entre duas a cinco cores. Nessa imagem, optei pelo lado das cores quentes, partindo do amarelo rumo ao vermelho. Essa é uma junção harmoniosa, mesmo com tons vibrantes, porque eles ficam dentro de uma mesma paleta tonal.

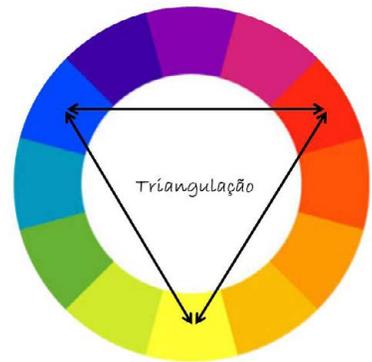




LIÇÃO 28 - TRIÁDE CROMÁTICA



A tríade cromática, ou triangulação de composição cromática, é o uso concomitante das três cores que se encontram nas extremidades de um triângulo equidistante (com os lados iguais) dentro do círculo cromático. Essa é uma combinação que provoca uma imagem de alto contraste e, nesse caso, foi composta pelas cores primárias: amarelo, vermelho e azul.





SUPERFÍCIES TRANSLÚCIDAS



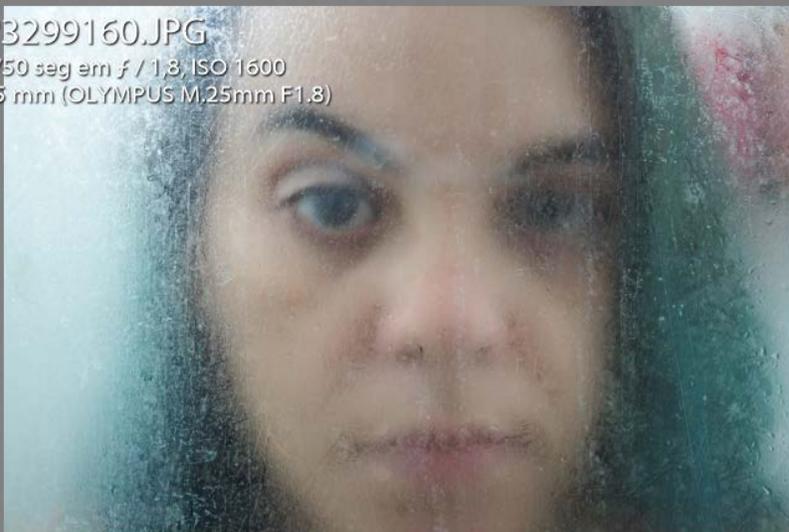
LIÇÃO 29 - BOX DO BANHEIRO



Essa foto foi executada com a câmera no tripé e no *timer*, com o vidro molhado. Para a superfície ficar embaçada, deixe o chuveiro quente ligado por alguns minutos. Nesse tipo de imagem, existe a opção de deixar o foco no vidro ou no assunto por trás dele. Preste atenção em casos de contraluz forte, porque você pode precisar de uma luz complementar à frente.

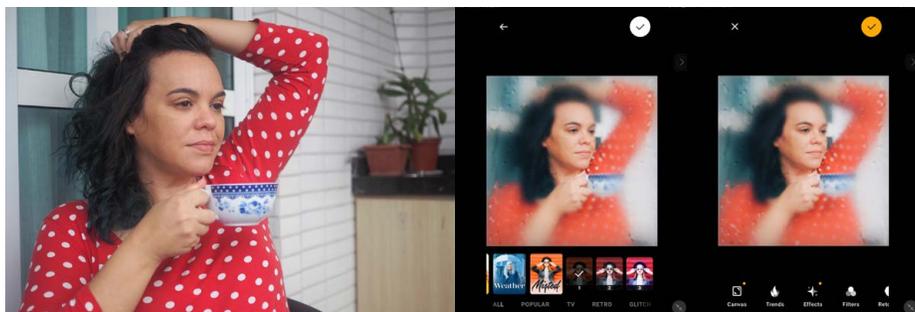
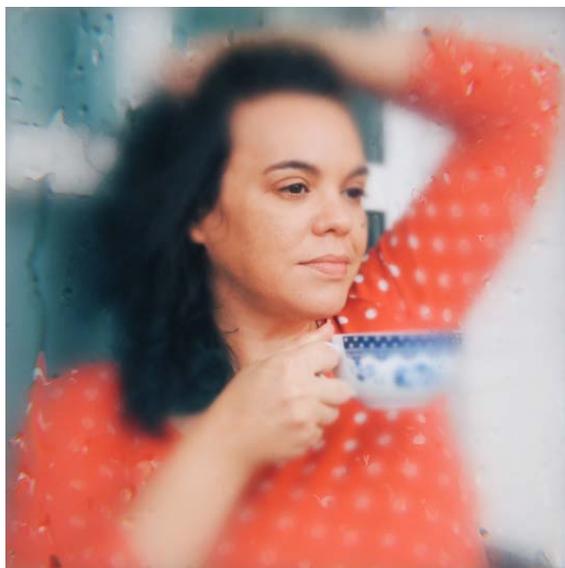
PB299160.JPG

1/50 seg em f / 1.8, ISO 1600
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)



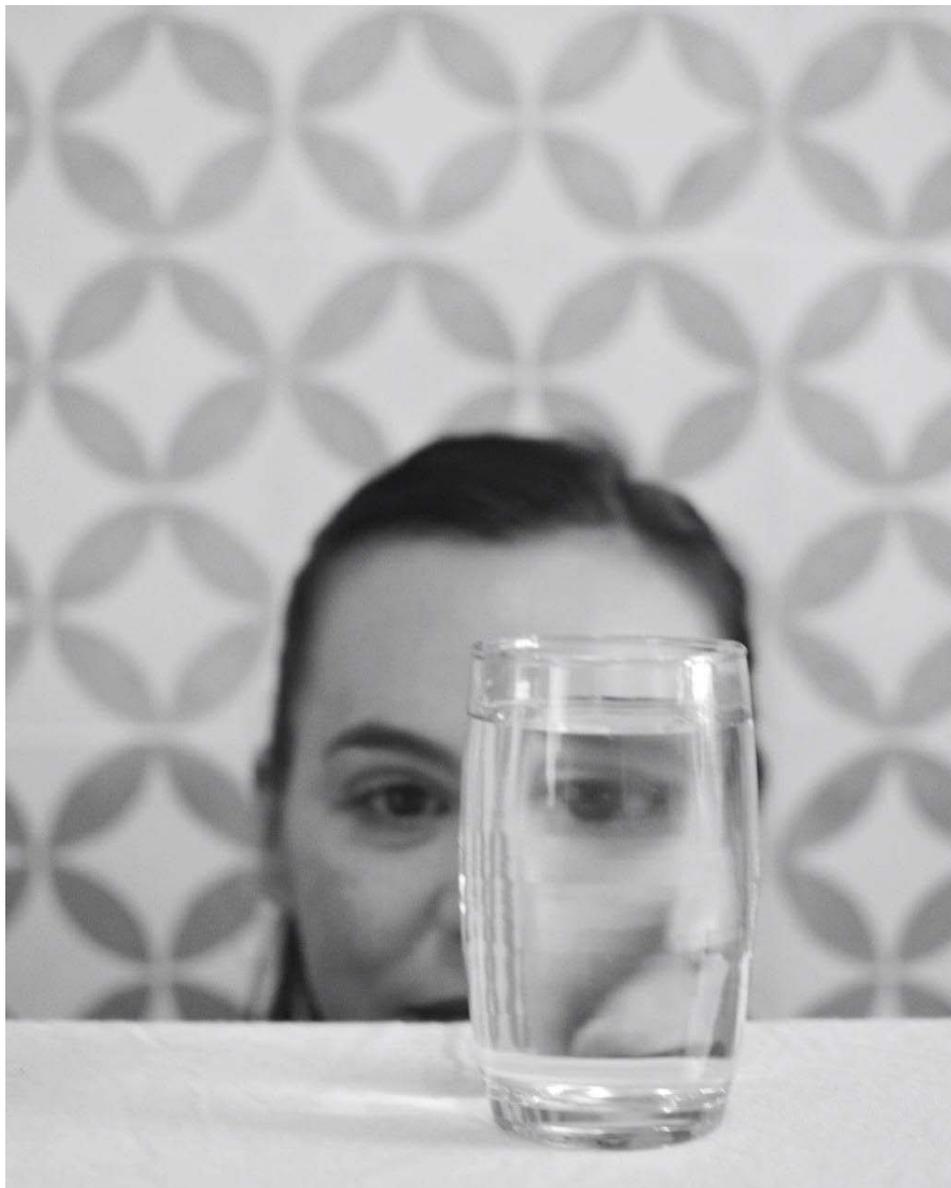
Simulando vidro molhado na pós-produção

Muitos aplicativos oferecem opções de simulação de vidro molhado para sobrepôr na imagem. Eu usei uma foto comum feita na varanda de casa com a câmera no tripé e no *timer*, depois editei no aplicativo *Prequel*, usando o filtro *Misted*.





LIÇÃO 30 - COPOS E TAÇAS

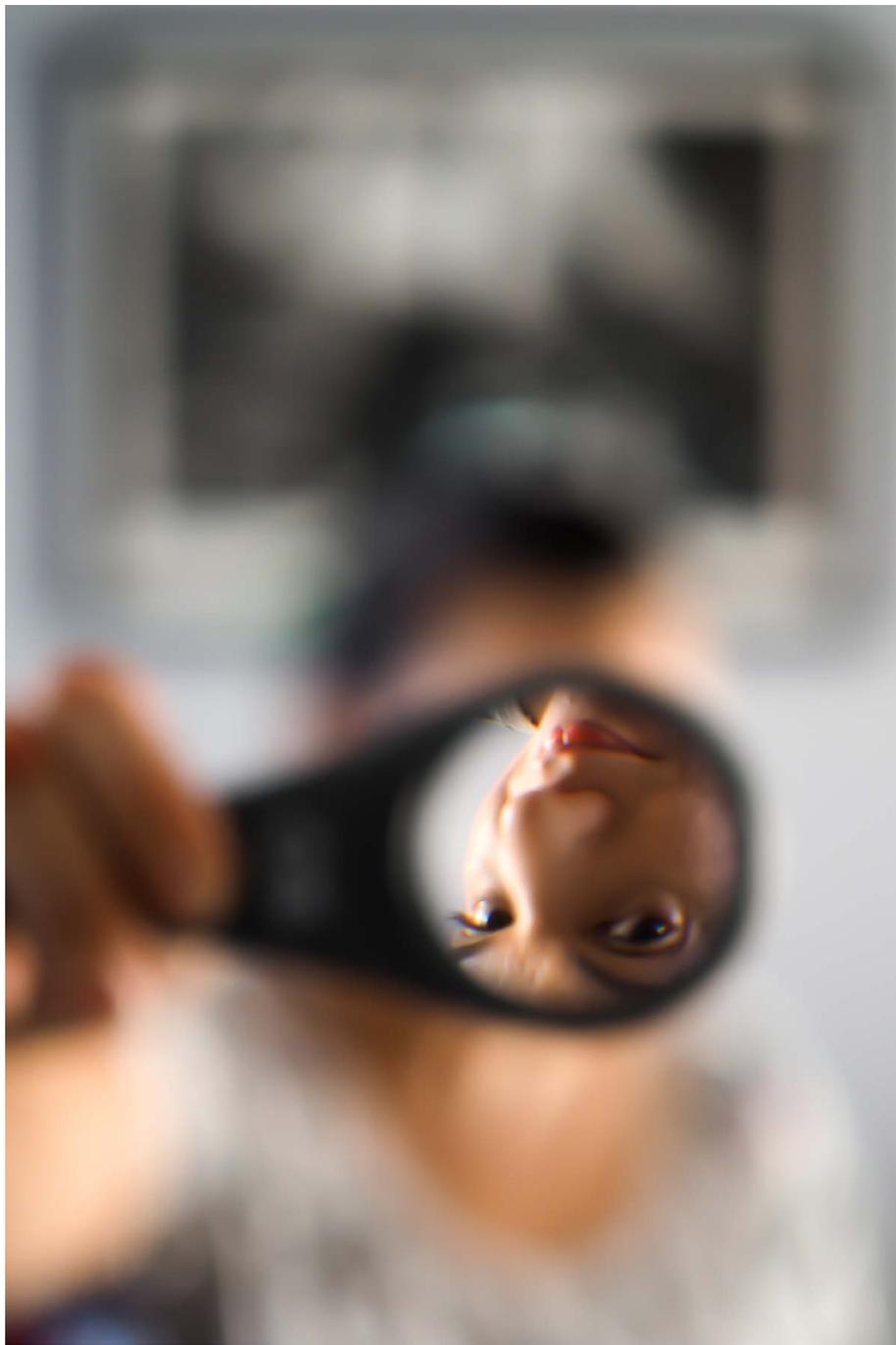


Diferentes tipos de superfícies causam efeitos distintos na propagação da luz. O vidro do copo e a água dentro dele provocam o fenômeno de refração da luz, quando ela muda de comportamento ao passar por essas superfícies. Diferentes copos provocarão resultados distintos nas imagens que passam por eles. Apesar de usar objetos simples, pode ser difícil encontrar o ângulo, a distância e o ponto certo da foto. O uso do preto e branco foi uma escolha para destacar o efeito.





LIÇÃO 31 - LUPA



A lupa é um instrumento ótico que usa uma lente de aumento para ampliar a visão de objetos pequenos ou detalhes. O importante nesse tipo de clique é fazer o foco pontual na imagem refletida dentro da lupa, para desfocar o resto. É uma imagem difícil de executar sozinho, porque pode ser necessário ajustar o foco manualmente. Para compreender um pouco mais sobre foco e profundidade de campo, confira a Lição 42.

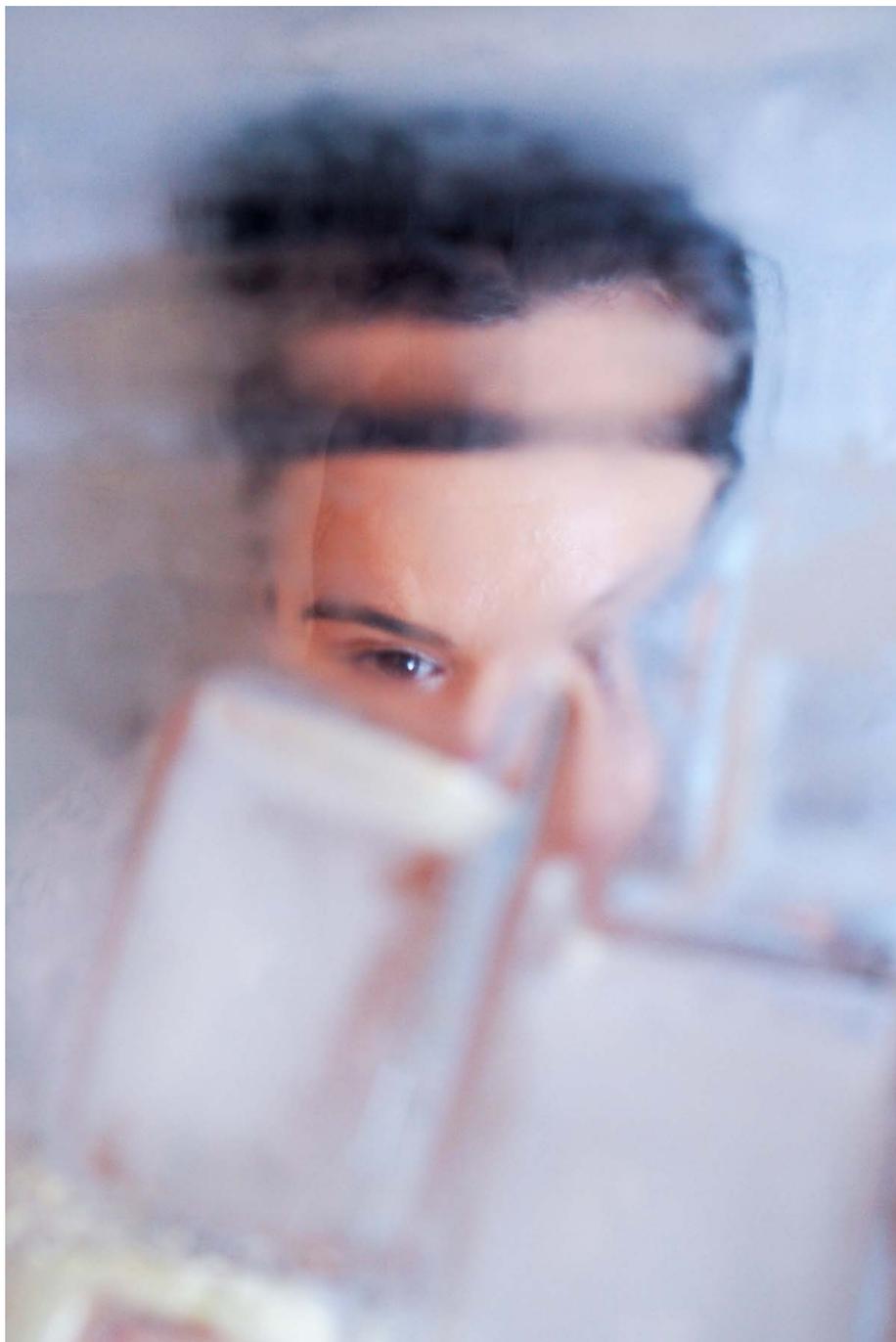
P5079670.JPG

1/100 seg em $f / 1,8$, ISO 200
25 mm (OLYMPUS M,25mm F1.8)





LIÇÃO 32 - GELO



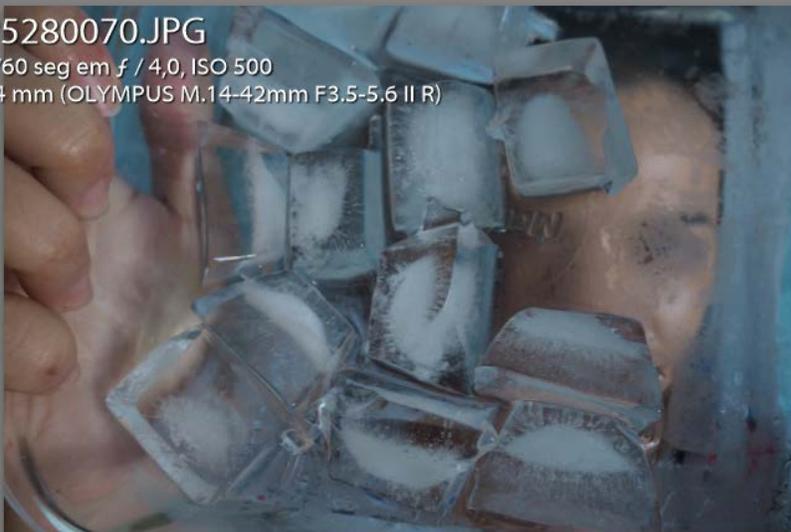
Essa foto foi feita com um recipiente de vidro com gelo dentro. Eu estava deitada, segurando a travessa acima do meu corpo e o clique foi feito no ângulo zenital (Lição 9).

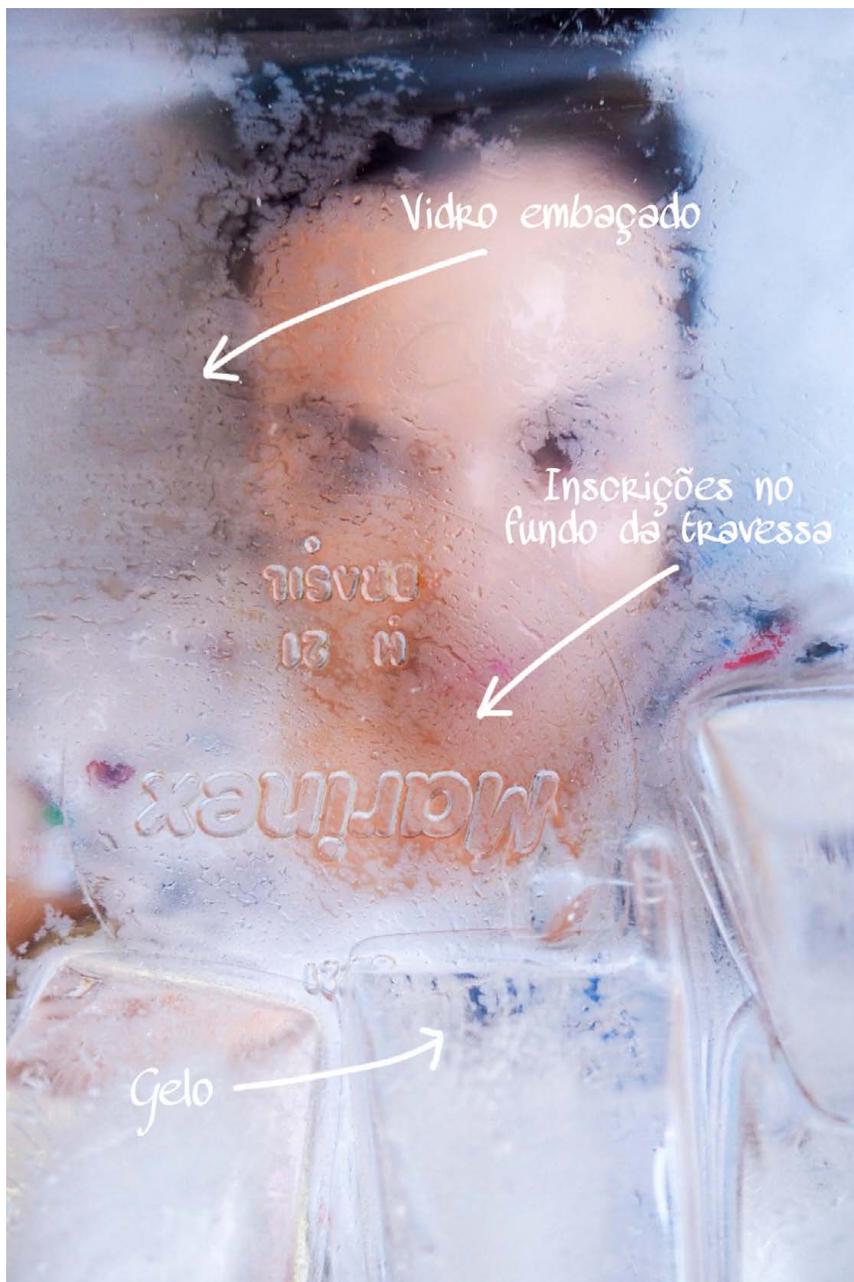
Uma das maiores dificuldades é que a superfície de vidro fica embaçada facilmente e com dificuldade de dar nitidez ao que está do outro lado. Não há necessidade de configurações especiais na câmera para esse tipo de clique, mas sugiro um lugar bem iluminado para ajudar na nitidez da imagem. A foto passou por clareamento, ajuste de cor e corte na pós-produção.

P5280070.JPG

1/60 seg em f / 4,0, ISO 500

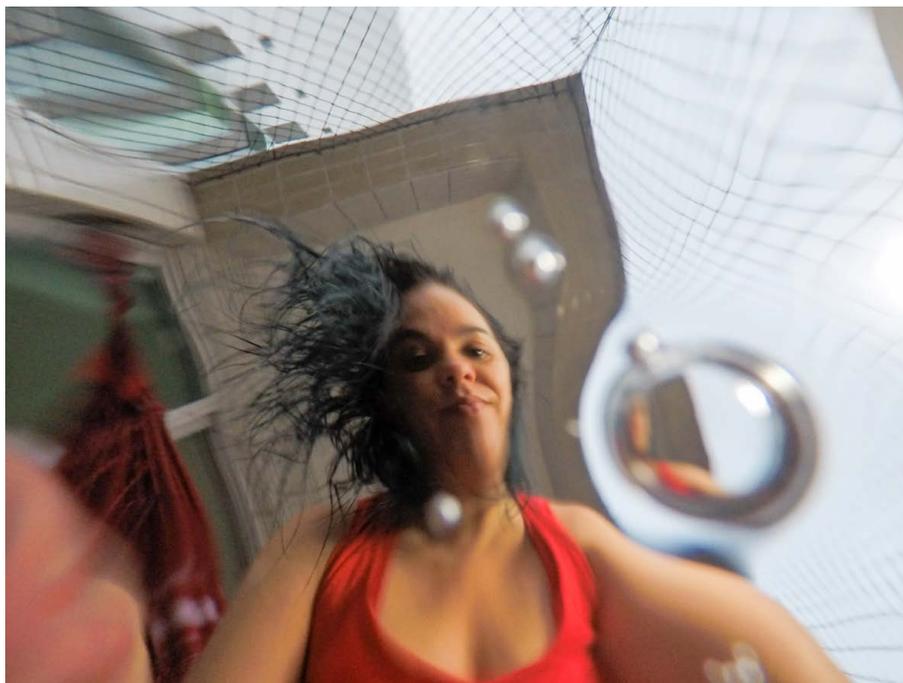
14 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)







LIÇÃO 33 - DEBAIXO D'ÁGUA



Existem algumas formas de fazer uma foto com a ideia de submersão da câmera, eu vou explicar aqui três maneiras diferentes:

1 – Com câmera à prova d'água: como eu fiz. Esse tipo de dispositivo pode ser colocado dentro da água e controlado através do aplicativo do celular, com outra pessoa manuseando. Porém, achei mais prático disparar com uma mão e mover a água ao mesmo tempo com a outra. Esse tipo de máquina fotográfica, apesar de submergível, tem algumas desvantagens: gera imagens de baixa definição em ambientes pouco iluminados e, por ser completamente automática, não é possível controlar o foco, limitando as opções imagéticas.

2 – Com a câmera tradicional: usando o disparador remoto (ou *timer*) debaixo de uma superfície de vidro com água. É possível criar um suporte para colocar a câmera por baixo, como copos ou recipientes diversos. O importante é deixar um espaço seguro para a câmera em baixo.



Câmera mergulhada
na água



3 – Esse mesmo arranjo serve para o celular, colocado abaixo dessa superfície de vidro com água. Se não tiver alguém para fotografar para você, é melhor ativar o temporizador do *smartphone*.





LIÇÃO 34 - PLÁSTICO BOLHA



Superfícies transparentes texturizadas são recorrentes na fotografia artística. Essa imagem foi feita com um pedaço de plástico bolha preso com fita adesiva numa estrutura de madeira do quarto, próximo a uma janela, principal fonte de luz dessa foto.

P4069360.JPG

1/125 seg em $f / 2,2$, ISO 100
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1,8)



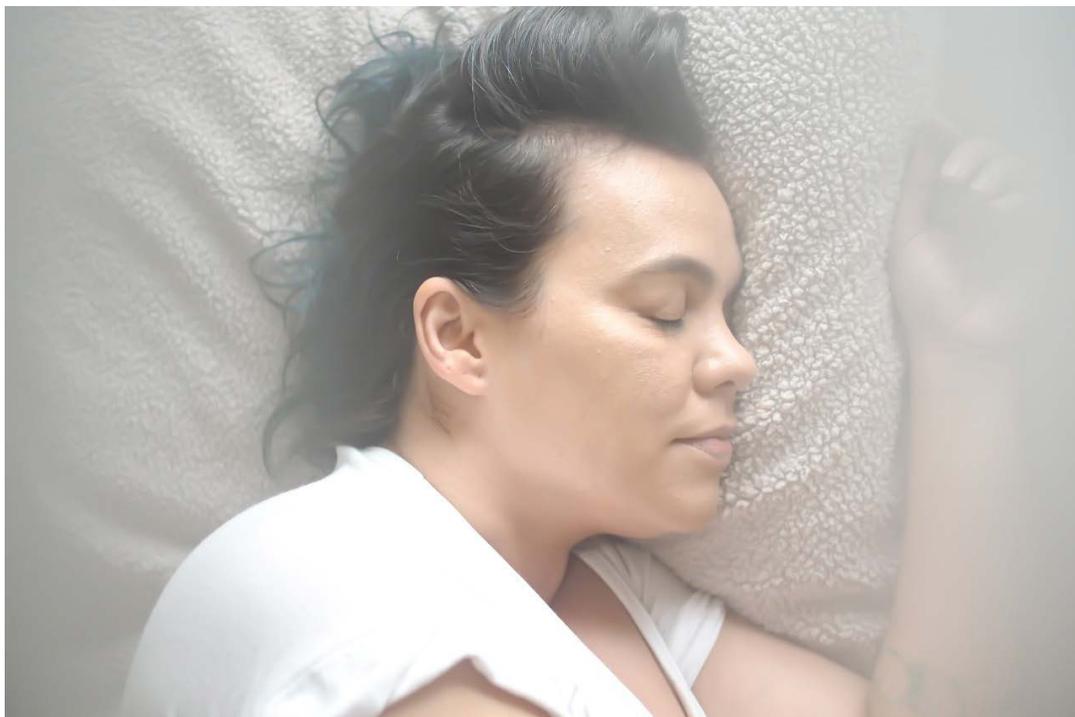
Efeito de plástico na pós-produção

Alguns aplicativos possuem filtros que simulam plásticos, para serem aplicados em fotos ou outras imagens. Usei o filtro *Plastic* do *Prequel* nessas fotos que foram feitas no mesmo ambiente da anterior.





LIÇÃO 35 - SACO PLÁSTICO



Existem formas simples de dar um toque de sonho, ou nuvem, quem sabe até um pouco surreal, às fotos sem precisar recorrer a aplicativos ou *softwares* de pós-produção. Um deles é colocar um saco plástico enrugado ao redor da lente, para criar uma espécie de vinheta na imagem. Preferi usar o saco transparente, mas também pode ser branco ou de outra cor para fazer um efeito diferente. Prendi o saco com um elástico

para facilitar o processo e evitar que ele saísse do lugar durante a foto.

A estética fica similar àquela dos filmes quando estão mostrando sonhos. Fiz uma foto um pouco estourada, ou seja, mais iluminada e superexposta do que normalmente faria para reforçar essa ideia.





LIÇÃO 36 - MEIA FINA

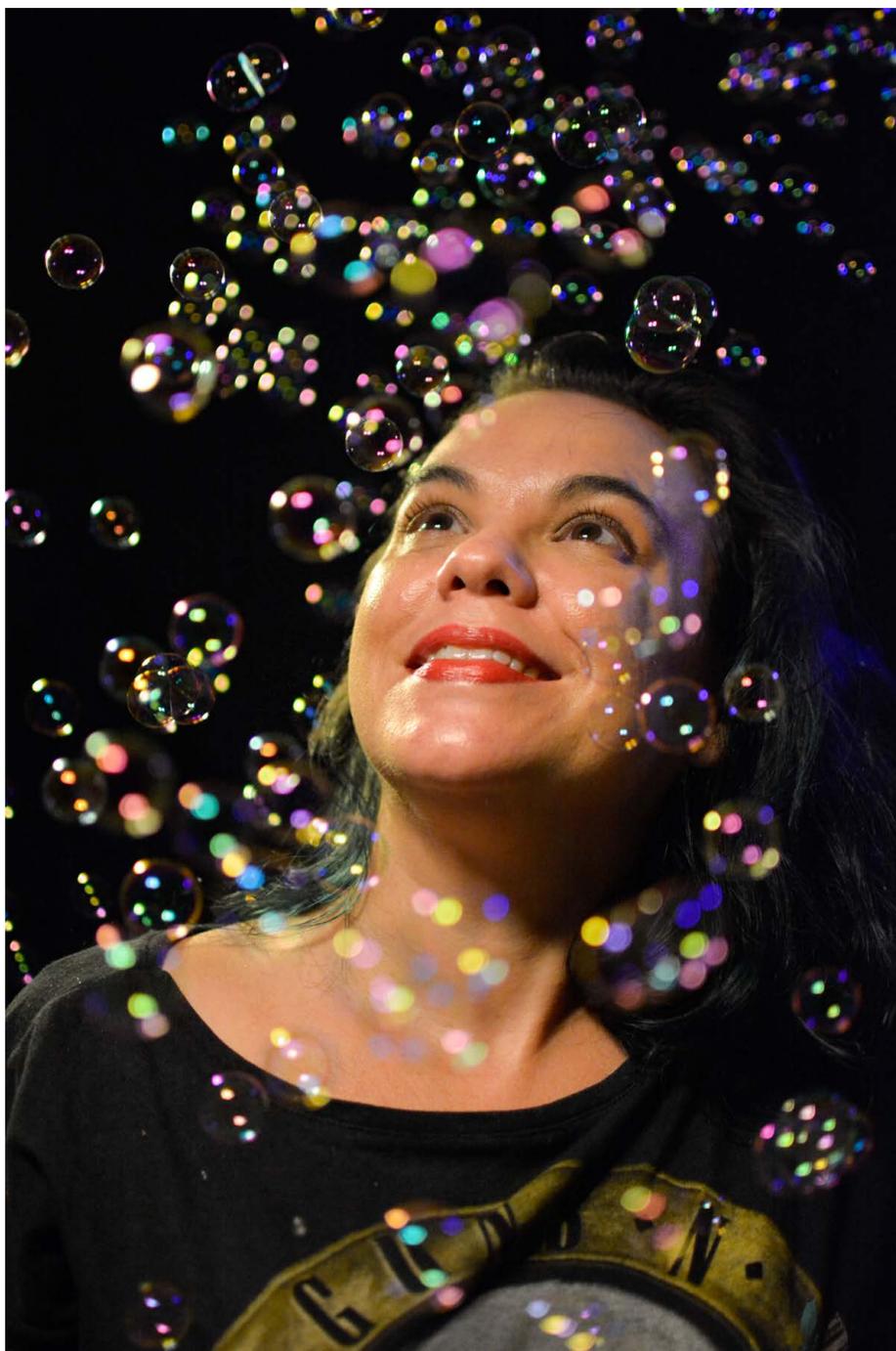


Outra maneira de fazer uma imagem de “sonho”, com ar nublado, sem precisar de pós-produção é o truque da meia fina. Muito usado na fotografia e no cinema no tempo do filme analógico, esse efeito fica melhor quando a meia está bem esticada e o ambiente iluminado. Nesse caso, a meia foi bege, mas pode ser de outras cores para efeitos distintos. Basta colocar a meia em frente à lente, presa com um elástico.

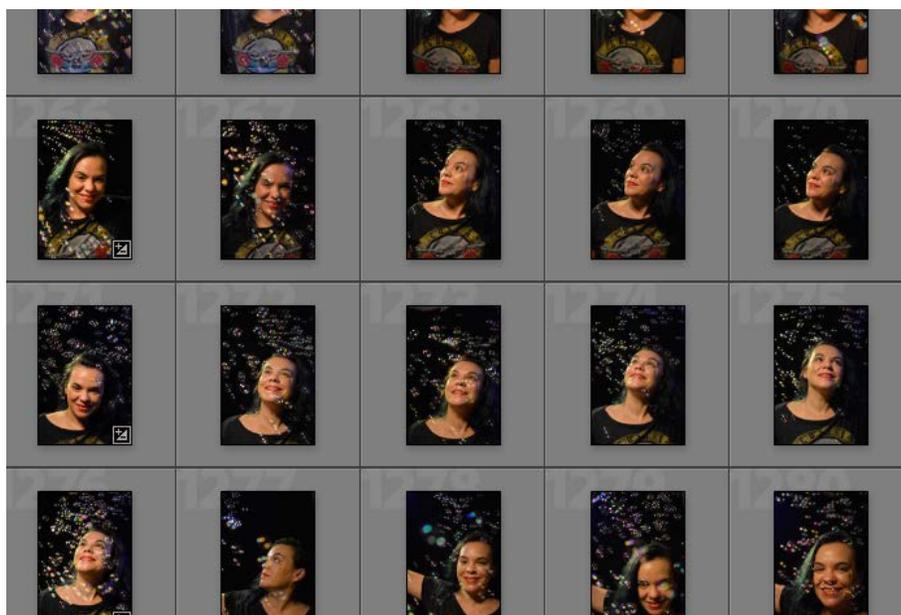




LIÇÃO 37 - BOLHAS DE SABÃO



Para fotografar bolhas de sabão, ou outros materiais com transparência como fumaça ou poeira, a principal dica é iluminar por trás, ou seja, contraluz. Caso contrário, o clique pode ser frustrante por não conseguir registrar bem essas superfícies. Nessa foto, foi preciso também cobrir a parede do fundo da imagem com o tecido preto para dar destaque às bolhas. Foi, sem dúvida, uma das fotos mais demoradas para fazer: além de montar a estrutura com luz de fundo e luz frontal, foram necessários muitos cliques até acertar um que as bolhas estivessem em posicionamento agradável, sem cobrir o rosto. Eu mesma soltava as bolhas de sabão com uma pequena máquina de brinquedo com a mão direita enquanto fazia a pose.



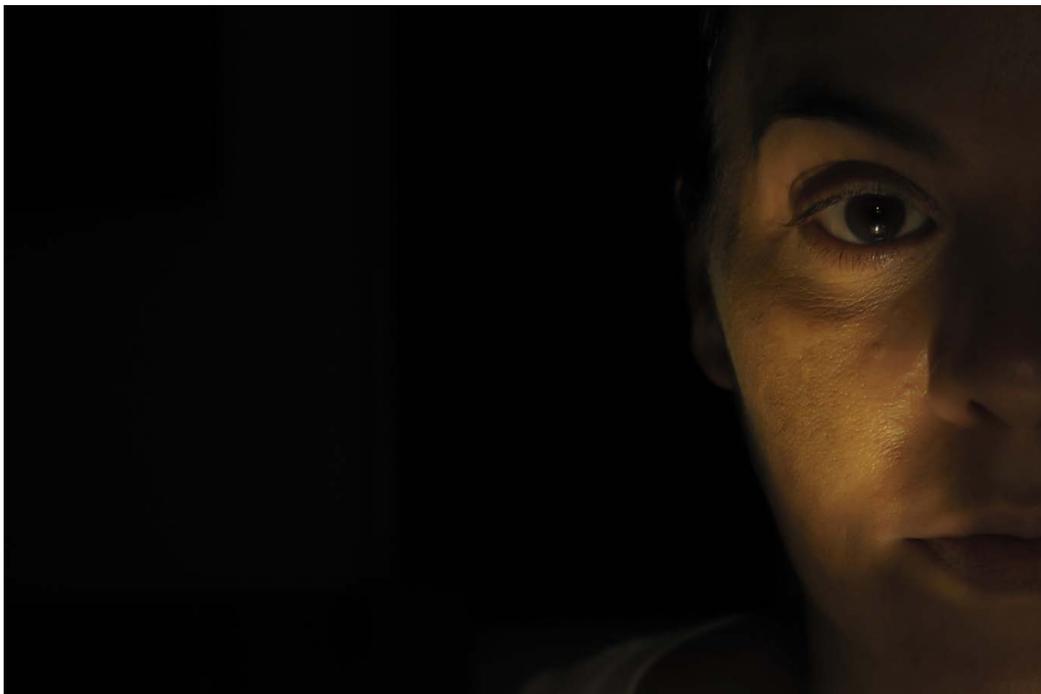
_DSC1760.JPG

1/250 seg em f / 2,0, ISO 2500
35 mm (35.0 mm f/1.8)





LIÇÃO 38 - ÁGUA E SUPERFÍCIES REFLEXIVAS

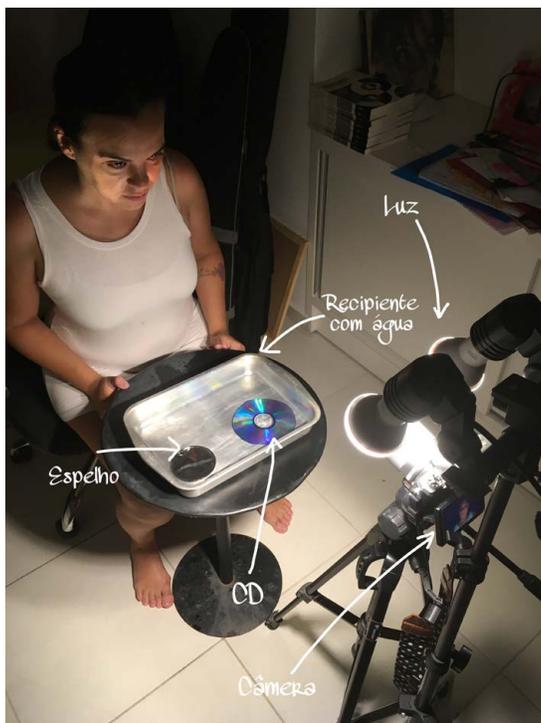
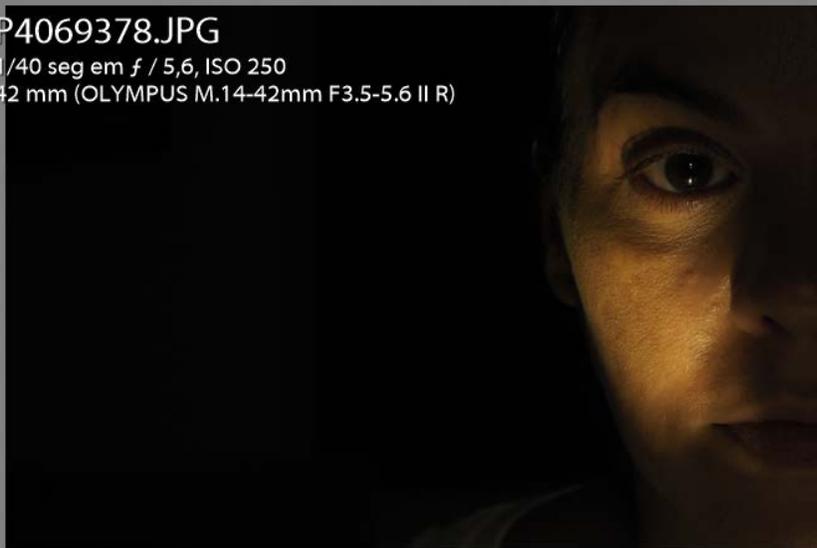


Essa imagem é, na verdade, um fragmento de um vídeo, uma proposta ideal para quem gosta de fotografia cinematográfica. Abaixo do meu rosto está um recipiente com água e objetos que refletem luz: um espelho e um CD. O resultado em vídeo são luzes dançantes que iluminam o rosto de formas diferentes. Mas para dar certo é preciso jogar uma fonte de luz nessas superfícies reflexivas e ficar mexendo a água, preferencialmente em ambiente escuro.

P4069378.JPG

1/40 seg em $f / 5,6$, ISO 250

42 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)

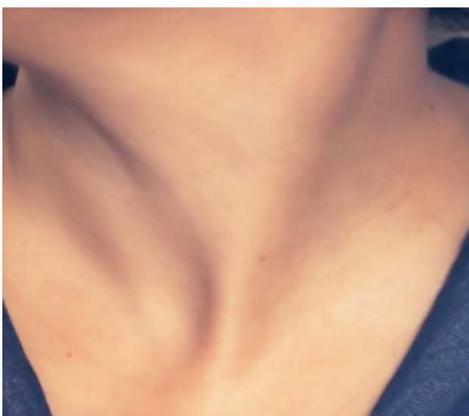




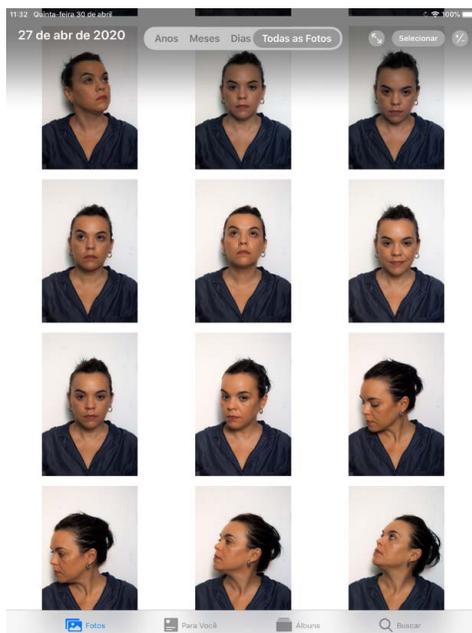
FOTOMONTAGEM



LIÇÃO 39 - FOTOMONTAGEM CLÁSSICA



A fotomontagem pode ser entendida como um termo genérico que designa a sobreposição de imagens ou a criação de uma nova imagem com pedaços de outras fotografias, e pode ser feita de várias formas. Na fotografia artística, essa técnica que existe desde os primórdios da fotografia analógica, ganhou outro *status*: o de criação e inventividade através de *softwares* e aplicativos. É, sem dúvida, um espaço para exercício da imaginação e é também um universo sem regras e sem limites, podendo ir da montagem mais básica e clássica como essa, até a formação de imagens inacreditavelmente impactantes. Para criar essas composições, eu fiz uma série de **autorretratos** e fui montando de diferentes maneiras no aplicativo *Picsart*.



Fotomontagem feita a partir das mesmas fotos





LIÇÃO 40 - TRÊS EM UMA



Esse é o tipo de imagem tecnicamente fácil de fazer, mas que precisa de atenção aos detalhes. O conceito é muito simples: deixar a câmera parada, tirar três (ou mais) fotos com a pessoa em lugares diferentes dentro do mesmo enquadramento e depois montar em algum programa de edição.

Dicas que podem ajudar no processo:

1 – não tire a câmera ou o celular do lugar, nem por um milímetro. De preferência, nem aperte o botão do equipamento na hora da foto para não correr o risco de movê-lo. Sugiro deixar os cliques em sequência (*timer* e disparo contínuo) para garantir que o enquadramento não mude. Para isso, deixe a câmera em um tripé ou apoiada em local firme.

2 – ajuste o foco e o balanço de branco (WB) para o manual, assim ele não fica mudando de uma foto para outra. No modo automático tem mais chance de dar diferença entre os cliques, o que fica evidente na montagem.

3 – na hora de fazer as poses, tenha o cuidado de se posicionar de forma distanciada de um registro para o outro, isso facilita muito a edição.

4 – preste atenção às sombras também na hora de se posicionar, para não ter que cortá-las.

5 – as fotos funcionam melhor se forem feitas com luzes artificiais (durante a noite, por exemplo) já que mantêm um padrão de luz.

Daí vai a sua criatividade para montar a cena e produzir as fotos. Fiz a montagem no aplicativo *Picsart* no celular mesmo – adicionando uma imagem em cima de outra, cortando e montando. Veja, a seguir, as fotos originais que foram usadas na montagem.





LIÇÃO 41 - FALSA POLAROID



A *Instax* faz parte do grupo de câmeras contemporâneas que revivem a nostalgia das fotos instantâneas popularizadas pela *Polaroid*. Apesar de ter um custo para cada foto, as máquinas são acessíveis e fáceis de encontrar no mercado, novas ou usadas. Essa proposta usa uma fotografia já produzida e monta outros cliques dentro dela de forma digital, dando a ilusão de que foram feitas nas fotos em papel.

O material necessário para executar essa ideia é ter uma foto dessas na mão, com qualquer imagem. Se não tiver, basta recortar um papel no mesmo formato e segurar para a câmera. Eu fiz uma sequência segurando a mesma foto em poses diferentes e depois montei no aplicativo *Picsart*. Para os cliques ficarem na mesma posição, é necessário deixar a câmera parada, em tripé ou apoiada em algo. A dica para dar o efeito de uma foto dentro da outra é montar de dentro para fora, inserindo a imagem já montada na outra. Essa sobreposição foi feita com o recurso "adicionar foto".



P4200486



P4200487



P4200488



P4200489



P4200490



P4200491



P4200492



P4200493



P4200494



P4200495



P4200496



P4200497



P4200498



P4200499



P4200500



P4200501



P4200502



P4200503



Foto original usada para edição e a sequência de montagem



Câmera apoiada em estante para ficar fixa e substituir tripé



TÉCNICAS FOTOGRAFÍCAS



PEQUENA PROFUNDIDADE DE CAMPO



LIÇÃO 42 - FOCO E DESFOQUE

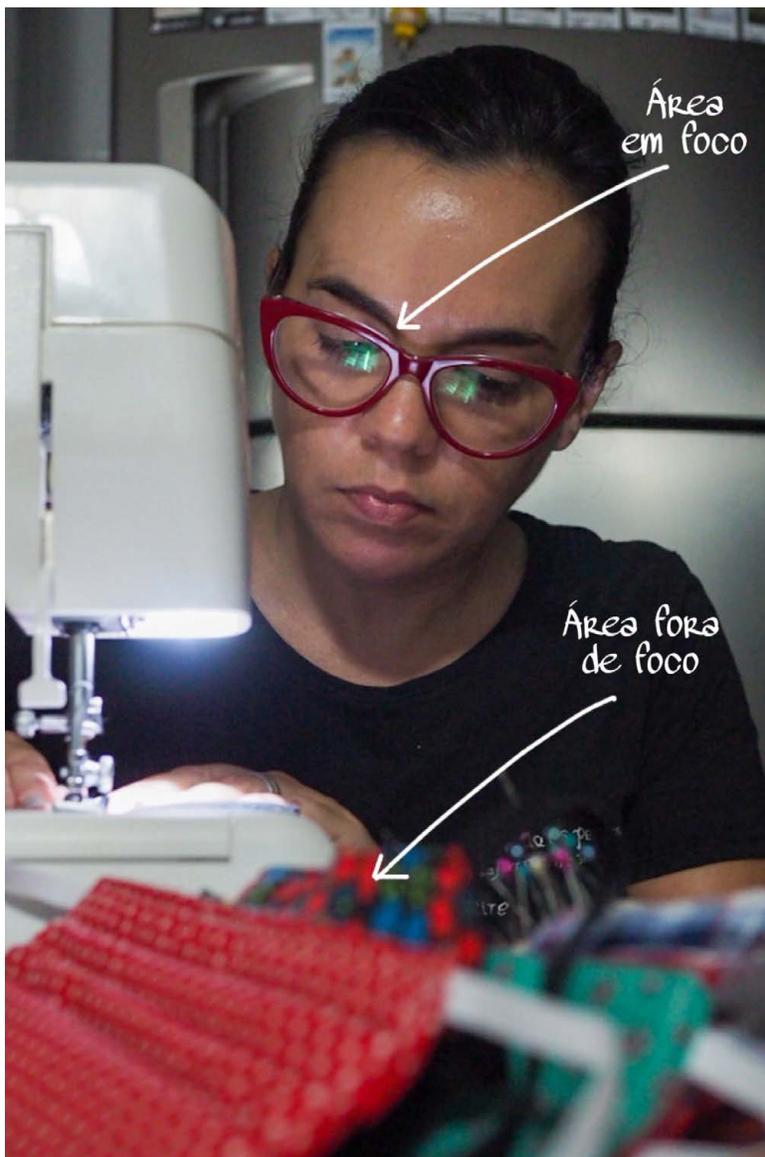


O foco pontual é uma das coisas que são características da imagem fotográfica. Ele consiste em deixar a imagem focada, ou seja, nítida, em uma região específica e outras áreas fora do foco, ou seja, embaçadas/desfocadas. Isso não é apenas um charme ou embelezamento, é também uma forma de dar destaque a um assunto em detrimento de outro, ou ainda fazer um fundo desinteressante ser menos notado. Quanto maior for a capacidade de desfoque da lente, menos profundidade de campo ela terá. Em outras palavras, a área nítida será pequena em relação à região desfocada da imagem. O oposto disso é a foto com foco em uma longa extensão, em distância, chamado grande profundidade de campo.

É mais fácil conseguir uma foto toda em foco do que uma imagem com desfoque, porque a parte da câmera que é capaz de provocar esse efeito é o diafragma. Ele é responsável pelo tamanho da abertura e, conseqüentemente, da entrada de luz na câmera. A capacidade da lente em desfocar esse fundo da imagem está na amplitude de abertura do diafragma dela, identificado pela letra F: quanto maior a passagem de luz, mais desfoque ela é capaz de fazer, quanto menor for esse "buraco", mais nítida fica a imagem, por maiores distâncias. Só que nem toda lente tem um diafragma que abre bastante, porque isso exige mais tecnologia e deixa o equipamento mais caro.

A maioria das lentes consegue pouco desfoque, com abertura de, no máximo, F3.5. Para ter uma pequena profundidade de campo com muito desfoque pode ser necessário aberturas maiores, como F2.0 ou F1.8. Essa identificação, de abertura máxima, é encontrada por escrito nas lentes. As câmeras que não têm lente intercambiável, ou seja, lente que sai e pode ser trocada por outra, possuem a limitação de não poder experimentar diafragmas diferentes, nem distâncias focais.

Para fazer esse autorretrato, usei a câmera com uma lente que abre até F1.8, considerada uma lente clara, mas não foi necessário abrir o máximo de sua capacidade para conseguir o efeito. Apoiei minha câmera em um livro na mesa, preparei a cena e coloquei um espelho ao lado da máquina para refletir a luz no meu rosto, já que a lâmpada da máquina ilumina pra baixo. Fiz a primeira imagem com o foco no meu rosto e o primeiro plano desfocado. Fiz outra imagem com o foco contrário e exatamente a mesma configuração no equipamento, mudando apenas a região de foco.



Fotos com foco no segundo e no primeiro plano, respectivamente.

Detalhes da configuração da câmera que estava igual nos dois cliques

P4079403.JPG

1/60 seg em $f / 3,5$, ISO 2500
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)

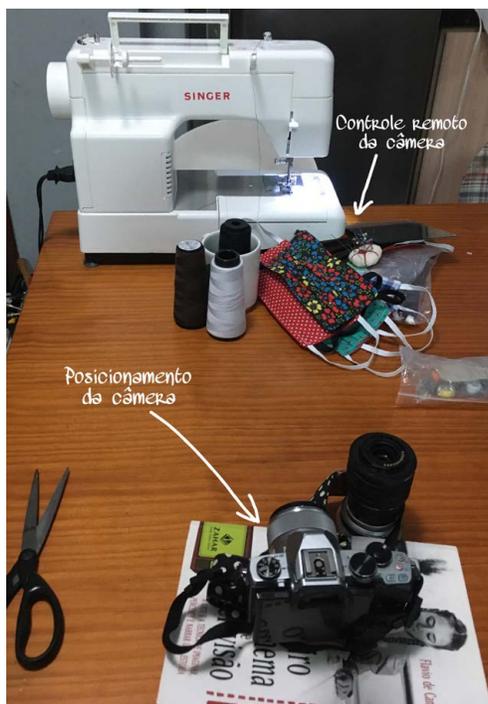


P4079404.JPG

1/60 seg em $f / 3,5$, ISO 2500
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)



Produção da Imagem



Identificação do diafragma na lente

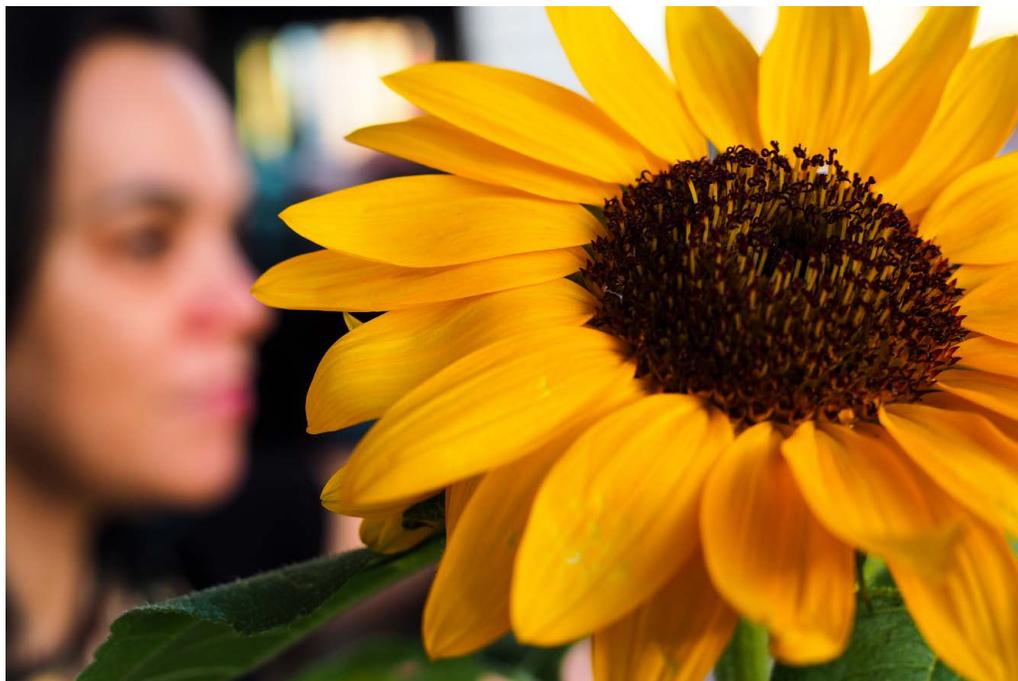


Identificação do diafragma na tela da câmera





LIÇÃO 43 - MACROFOTOGRAFIA



Houve um tempo em que a fotografia macro, ou macrofotografia, era uma técnica difícil que exigia investimento em equipamentos especiais: lentes de aproximação, tubos de extensão, foles e truques, como inverter a lente para conseguir uma ampliação e uma aproximação que ajudasse a fotografar o detalhe, o pequeno, o próximo. É claro que hoje ainda existem as lentes construídas especificamente para fazer essas imagens de pertinho, as objetivas macro, que permitem uma distância focal bem pequena entre a câmera e o

assunto fotografado. Elas têm um desempenho óptico construído para oferecer eficiência máxima nas fotos em close e permitem que o fotógrafo chegue bem pertinho do tema.

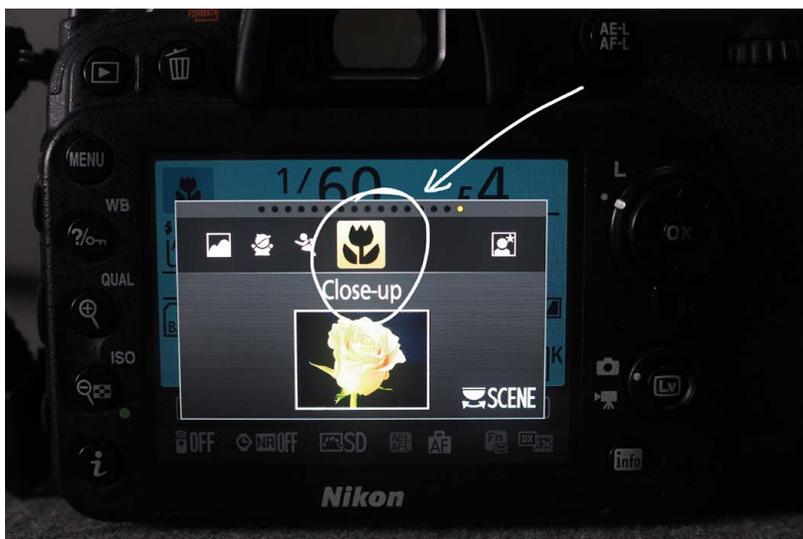
Mas investir nessas lentes exige recurso financeiro e vale mais a pena para quem quer se especializar nesse campo da fotografia. Isso não significa que não dê para exercitar esse tipo de registro com equipamentos mais acessíveis. Com o avanço da tecnologia digital, até as câmeras mais simples e compactas vieram com a possibilidade de fotografar de perto. Essa configuração, identificada pelo ícone da rosinha (ou florzinha) na maioria dos equipamentos, é uma grande ajuda para fazer fotos de flores e pequenos insetos, por exemplo. Por aqui, aproveitei o girassol, com minha câmera e lente comuns, aproximando o máximo que pude. A macrofotografia costuma ser um ótimo exemplo de pequena profundidade de campo também, ou seja, do desfoque em uma região da imagem para dar destaque à outra.



Ícone do
recurso de
macrofotografia⁶

6 Fonte: <https://icon-icons.com/it/icona/macro-macchinafotografica-fotografia-videofoto/122239>

Recurso de macro ou *close-up*





LIÇÃO 44 - BOKEH



Quase todo mundo que busca tutoriais de fotos diferentes na *web* já viu essa dica: usar um pisca-pisca natalino para fazer uma foto desse tipo. Mas, o que nem todo mundo sabe é que esse efeito visual tem um nome e uma explicação técnica. Essa também é uma foto com uma pequena profundidade de campo, ou seja, o foco está pontual no rosto, distante da lente, e o que se aproxima dela fica fora de foco.

Esse efeito arredondado e desfocado dos pontos de luz recebe o nome de *Bokeh* e pode ser feito em inúmeras situações de locais e de luz. A palavra tem uso recente no universo fotográfico e pode ser uma derivação do termo japonês *boke*, que significa algo como borrado ou "flocoso". Ele também pode acontecer com o foco na frente, ao contrário dessa, caso você tenha um equipamento (fotográfico tradicional ou de celular) que te permita controlar a abertura do diafragma e deixá-lo o mais aberto possível.

Nesse caso, as luzes próximas da lente ficam em desfoque, até no celular, porque existe uma limitação técnica nos equipamentos, especificada em cada um, que não permite a focagem até alguns centímetros próximos da lente. Você também tem a opção de iluminar o fundo para desenhar a silhueta, ou escuro como eu fiz, para ficar mais dramático. Usei um truque para iluminar o rosto no ambiente escuro: uma luz pequena na mão, escondida entre os dedos. Também funciona sem ela, mas você vai precisar de um ambiente mais claro. Existem diversos aplicativos e *softwares* que tentam simular esse efeito na pós-produção, mas não fica exatamente igual.

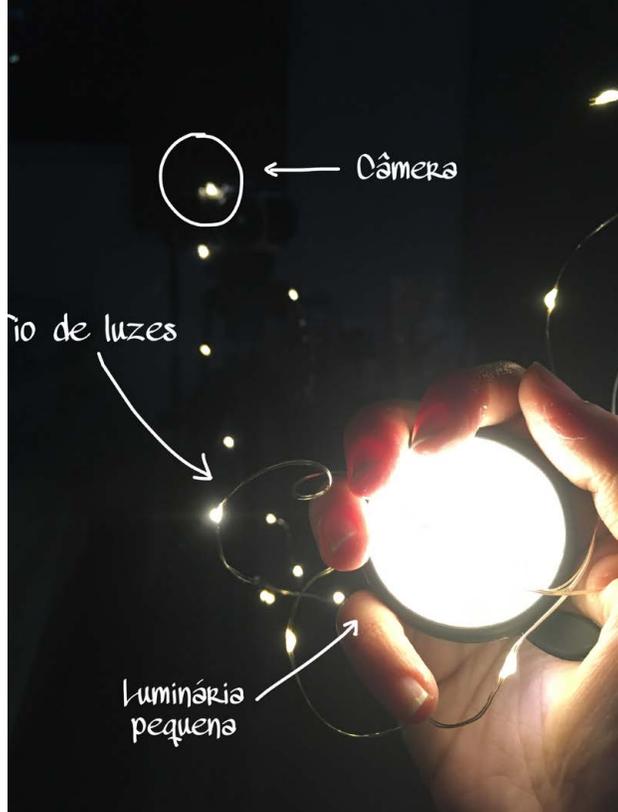
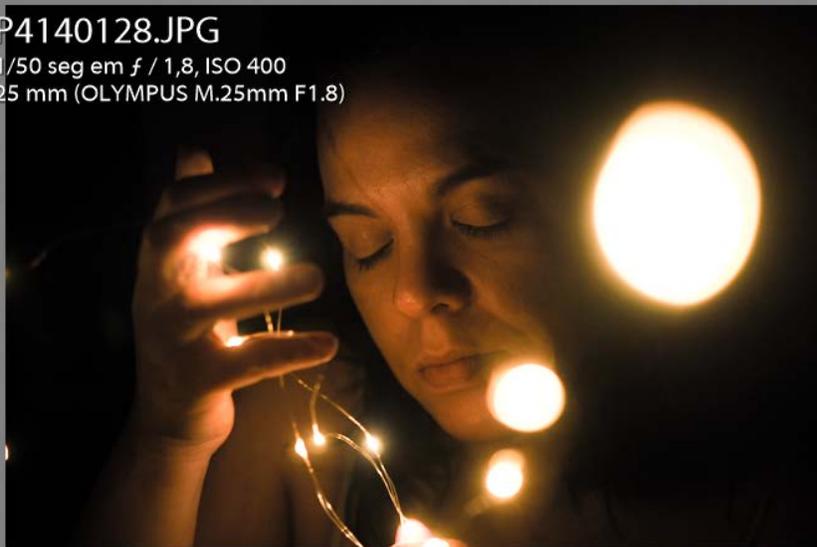


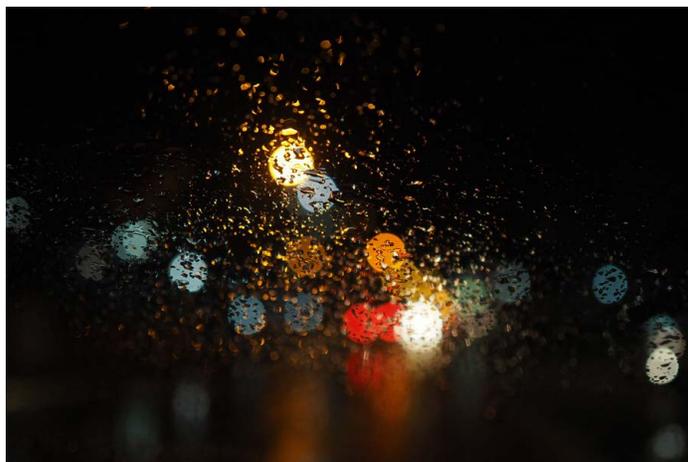
Foto do mesmo ensaio com
a configuração da câmera

P4140128.JPG

1/50 seg em $f / 1,8$, ISO 400
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)

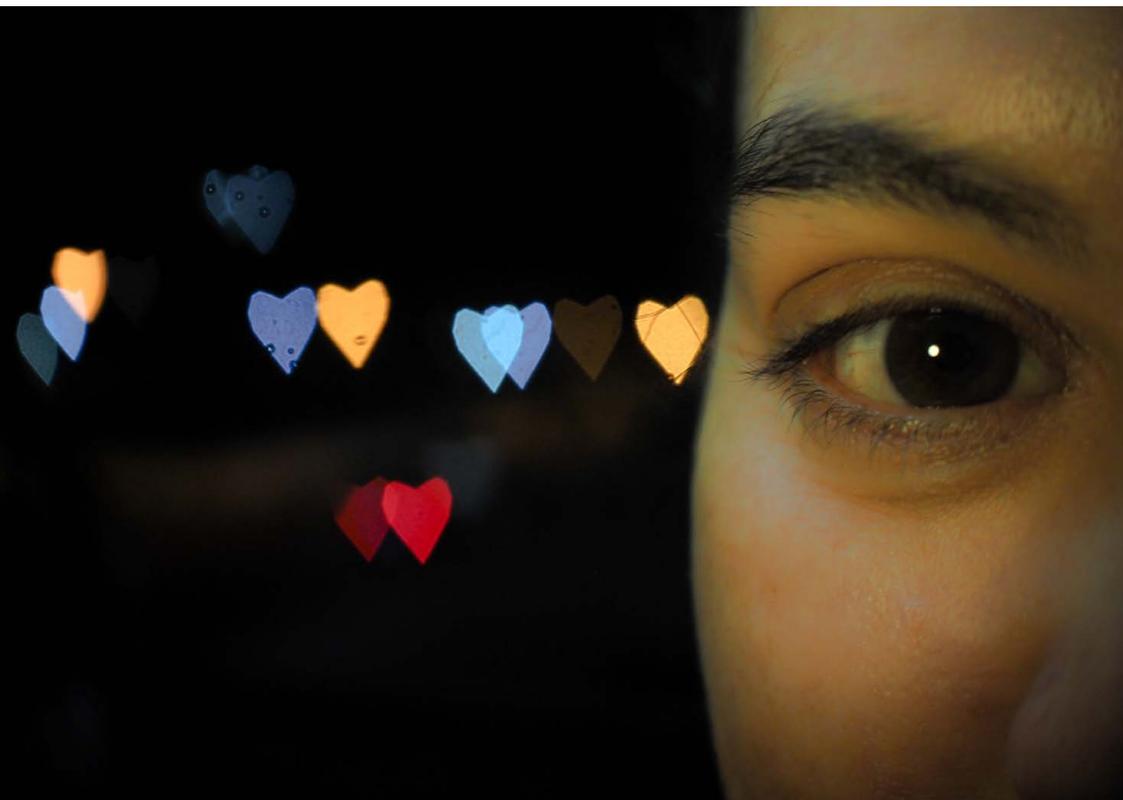


Bokeh em ambiente externo





LIÇÃO 45 - *BOKEH* COM FIGURAS



Uma variação do *Bokeh* tradicional é aquele com formatos diferentes e divertidos. A lição que trago aqui serve apenas para o equipamento fotográfico tradicional, não funciona para o celular. Para fazer esse tipo de imagem no *smartphone* você terá que recorrer a aplicativos. Na câmera fotográfica é simples: você precisa preparar uma máscara para a sua lente no formato que desejar, com

papelão ou papel preto. Essa máscara tem que ser do diâmetro exato da sua lente e o buraco no formato desejado proporcional a ela, de aproximadamente $1/9$ do tamanho total ou um pouco maior, você terá que testar na sua e se dedicar na habilidade de cortar a figura escolhida.

É possível também comprar *kits* com diversos desenhos, mas em geral eles são grandes e não funcionam em lentes de diâmetro pequeno. Essa ideia funciona porque o *Bokeh* (a luz desfocada em formato de bola) é resultado do formato do diafragma que existe dentro das lentes. Em tecnologias um pouco mais antigas, quando os diafragmas eram construídos com menos lâminas e criavam uma abertura em formato poligonal, as luzes reproduziam esse efeito. O que esse truque faz é simular uma espécie de diafragma externo, para que a luz desfocada ganhe seu formato.

Filtros para o Bokeh com figuras



Bokeh com filtros diferentes





VELOCIDADE DO OBTURADOR



LIÇÃO 46 - CONGELAR O MOVIMENTO



Com o controle da velocidade em que a câmera abre e fecha para deixar a luz entrar é possível criar o efeito de congelamento do movimento. Isso acontece quando a cortina que tem dentro equipamento abre e fecha rapidamente, e isso é definido por frações de segundo. A cortina, também chamada de obturador, é configurada automaticamente quando a câmera, ou celular, estão no modo automático ou modo cena (*scene*),

que é também um jeito automatizado de ajustar o equipamento para determinadas situações.

Em locais bem iluminados, a automatização em geral configura a cortina para abrir e fechar rapidamente, para evitar que a foto fique clara demais (superexposta). Já em situações de pouca luz, o congelamento do movimento fica mais difícil, porque a alta velocidade do obturador escurece a imagem (deixando ela subexposta), pois deixa entrar menos luz. No modo manual, é possível escolher essa velocidade e ajustar para a sua necessidade e intencionalidade.

Para essa foto na varanda, usei o ventilador para dar movimento aos cabelos, mas também teria funcionado com o secador. Com a câmera no tripé, o disparador no *timer* e no modo contínuo, fiquei me movimentando e jogando os cabelos com ajuda do vento. É o tipo de foto fácil de fazer com o celular em ambientes bem iluminados.

Outra foto do mesmo ensaio com a configuração da câmera

P5280158.JPG

1/2000 seg em f / 3,5, ISO 200

14 mm (OLYMPUS M.1442mm F3.5-5.6 II R)



Identificação do diaframa na tela das câmeras



Modo esporte



Modo criança



Identificação dos modos de cena (scene) nas câmeras





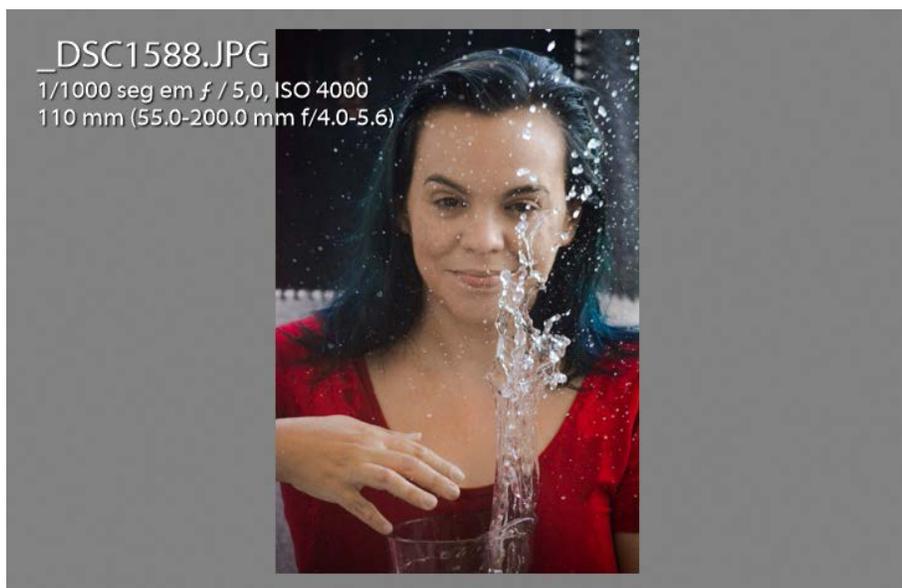
LIÇÃO 47 - SPLASH



Uma variação do congelamento do movimento que recebe um nome especial é o *Splash*: quando a imagem é feita com água. Mas também pode ser com outros produtos, como líquidos coloridos diversos ou pó, como talco ou farinha. Só que a água, enquanto elemento translúcido, acrescenta a dificuldade da luz: ela precisa ser iluminada por trás (contraluz) para ficar mais visível.

A tática foi fazer na varanda e colocar um tecido por trás para diminuir o estouro de luz no fundo da imagem. Também usamos uma lente para fotografar mais de longe e evitar respingos na câmera, posicionada a alguns metros de distância, no meio da sala. Peguei uma jarra de vidro e um abacate para jogar no recipiente enquanto a foto era feita em disparo contínuo (múltiplo), para aumentar as chances de flagrar o clique ideal. Essa é uma fotografia de ação, que precisa de uma velocidade um pouco maior, a depender do efeito que quer e da luz que tem.

Configuração da câmera para fazer o *Splash*





LIÇÃO 48 - REGISTRAR O MOVIMENTO



A velocidade do obturador também pode ser usada para a ideia contrária: a de mostrar o movimento. Isso é possível ao deixar a câmera fazendo a foto por mais tempo. Dessa forma, o que se movimenta em frente a ela durante a abertura da câmera fica registrado na imagem. Essa é uma maneira simples de representar essa técnica: com a câmera em um tripé, o tempo da cortina em um segundo (que é longo para fotografia) e com temporizador do disparo. Tentei ficar o mais parada possível com o corpo e mover apenas a cabeça, nem precisa mexer muito rápido para registrar o movimento na foto.

Imagem em formato original com as configurações da câmera na hora do clique

P4250708.JPG

1,0 seg em $f / 5,6$, ISO 400
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)





LIÇÃO 49 - PANNING



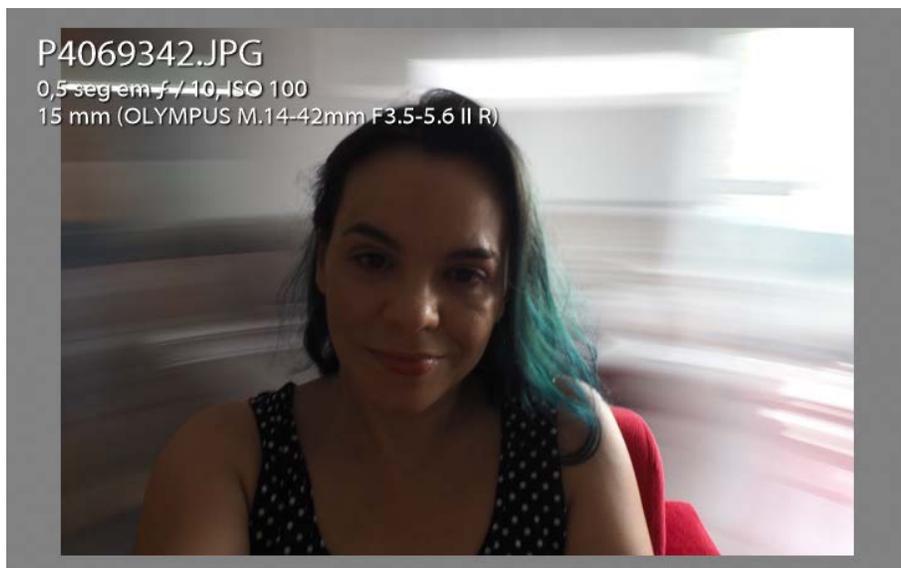
Um uso recorrente da longa exposição, ou seja, do registro do movimento na fotografia, é a técnica do *Panning*. Nela, o elemento principal, ou assunto da foto, fica nítido, enquanto a paisagem “se movimenta”. Para que isso aconteça, é necessário que o assunto fique parado em relação à câmera enquanto o fundo se move. Essa técnica é mais usada em ambientes abertos, para fotografar objetos e pessoas que estão em movimento, como bicicletas, motos ou carros, por

exemplo. Nessas situações, o fotógrafo precisa mover a câmera junto com o movimento daquele que se desloca, muitas vezes tendo que repetir o clique até conseguir acompanhar a velocidade do objeto fotografado e se movimentar junto com ele, quase como numa coreografia.

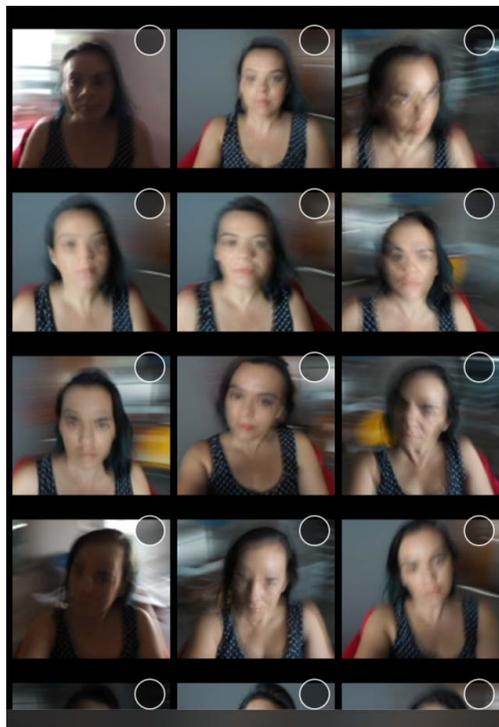
No caso dessa foto, ela foi feita durante o dia e configurei minha câmera com ISO baixo (100), diafragma mais fechado do que aberto (eu precisava escurecer a imagem para trabalhar com a baixa velocidade do obturador), e a cortina em 0,5 segundos, uma exposição longa para a fotografia, especialmente para uma situação iluminada. Também coloquei o temporizador e a opção de fazer 5 fotos na sequência, com intervalos de 0,5 segundos entre os cliques. Usei uma lente grande angular, porque a câmera estava muito perto de mim, eu tinha que ter um ângulo mais aberto para mostrar a paisagem. Em seguida, sentei na poltrona da sala segurando a câmera no tripé e girei enquanto fazia os cliques. Não precisa ser muito veloz, qualquer movimento vai ficar registrado na imagem.

A dificuldade maior é realmente ficar imóvel enquanto gira. São necessários muitos cliques e uma boa dose de paciência até acertar.

Outra foto do mesmo ensaio com a configuração da câmera



Sequência de fotos até acertar o clique

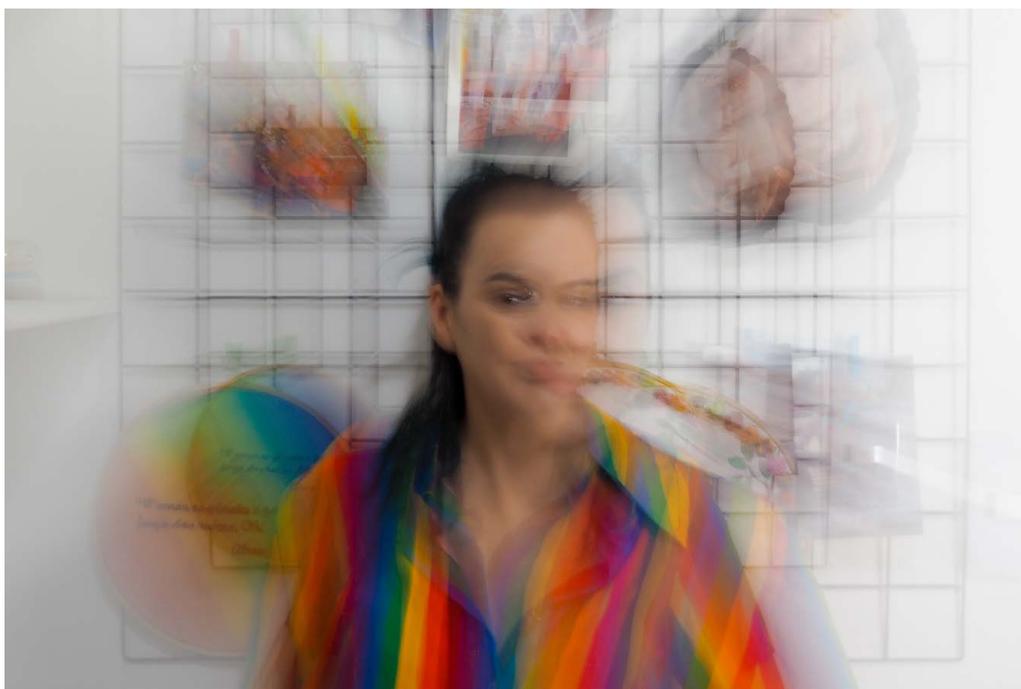
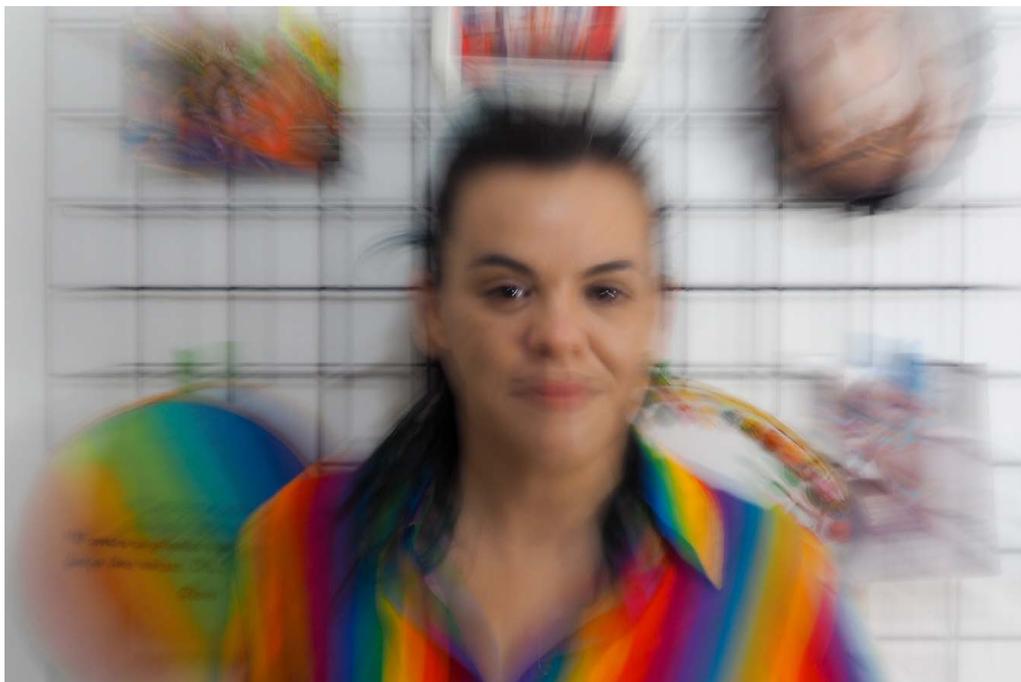


Passo a passo da produção da imagem em *Panning*





LIÇÃO 50 - ZOOMPANNING



O *Zoompanning* – também conhecido no Brasil pela expressão “puxada de zoom” – é nada mais do que uma foto em longa exposição do obturador onde você deixa a câmera parada, aperta o botão disparador e, durante a captura da imagem, você puxa o zoom da lente para modificar a distância focal e deixar essa imagem riscada, como se fosse saindo do centro (ou entrada).

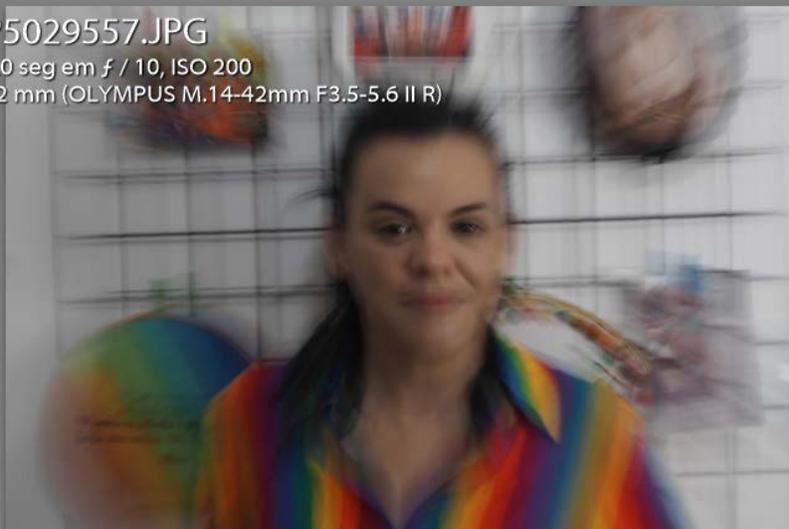
Na teoria é simples, mas pode ser trabalhoso encontrar o ponto certo de posicionar o centro da sua imagem e acertar a velocidade do movimento da lente, sem mover a câmera do lugar. É que não necessariamente o centro do movimento de zoom é o centro da imagem quando você vê pelo *viewfinder* (ou visor). Não é preciso uma exposição muito longa e nem um movimento abrupto, uma leve modificação de zoom focal já ficará registrado na imagem. Ter a câmera fixa em um tripé e usar o temporizador do disparo facilita o movimento na lente. O efeito é divertido e funciona muito bem com paisagens e natureza.

Zoompanning com configuração da câmera

P5029557.JPG

1,0 seg em $f / 10$, ISO 200

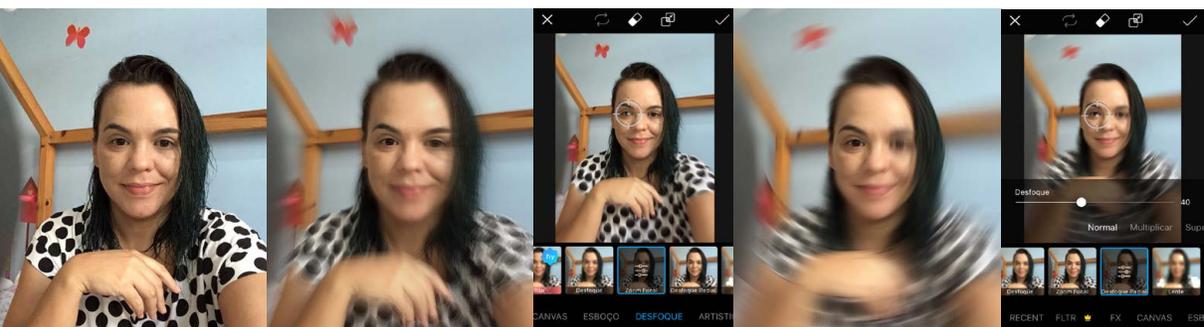
42 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)



Zoompanning no celular

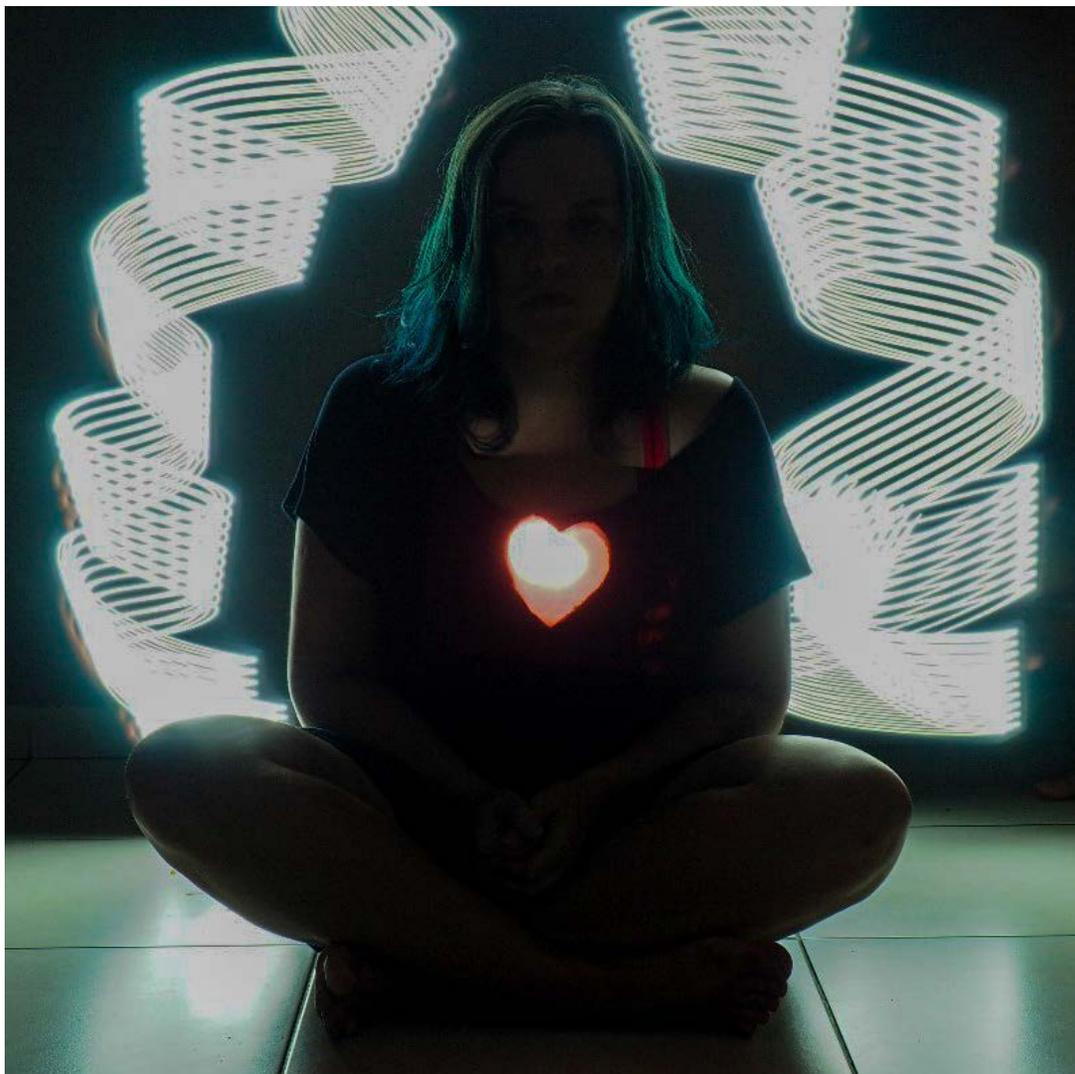
É possível experimentar efeitos similares em aplicativos. Essas imagens foram feitas 100% no celular: da foto ao tratamento. Não fica igual, mas a proposta é a mesma e é muito fácil de fazer. Depois de capturar a imagem, fui para o aplicativo *Picsart*, onde apliquei o filtro de distorção de duas maneiras diferentes: imitando o *zoom* focal, ou seja, a puxada de *zoom*, e outro com o desfoque radial, em formato circular (que também é possível fazer com a câmera, só que é necessário girar o equipamento em torno do eixo central da imagem, algo um pouco mais elaborado).

É importante lembrar que existem muitos aplicativos e *softwares* capazes de simular essa técnica, que passa a ser um efeito de pós-produção e não uma técnica fotográfica de captura da imagem.





LIÇÃO 51 - *LIGHT PAINTING* SILHUETA



O *light painting* é uma técnica fotográfica que ajuda a compreender o funcionamento do modo manual da câmera, em especial o comportamento do obturador (cortina). É uma técnica fascinante e cheia de possibilidades de criação de desenhos com a luz. Essa não é uma forma nova de fazer imagens fotográficas, com a câmera analógica se fazia do mesmo jeito (existem algumas fotos famosas de Pablo Picasso “pintando” em *light painting*, por exemplo). Ela consiste em deixar a cortina da câmera aberta por muito tempo, o suficiente para desenhar alguma coisa com fontes de luz, que podem vir da lanterna de celular ou de um brinquedo que brilhe no escuro. Tudo que passar de luz em frente à câmera ficará registrado no sensor.

A fotografia digital foi essencial para a popularização dessa técnica, porque barateou e agilizou o processo: você poder ver na hora como a imagem está ficando e refazer quantas vezes for necessário. Você vai precisar de: câmera no modo manual, tripé, ambiente escuro, luzes diversas e alguém para desenhar.

O plano B, para quem não tem tudo isso, é: um celular que tenha algum aplicativo que te dê o controle do obturador da câmera, um apoio para deixá-lo parado, um ambiente escuro e uma luzinha qualquer. Eu usei uma luz de segurança (a parte branca por trás de mim), uma caixinha de sapato transformada em um “carimbo de luz” de

coração e uma lanterna pequena. Escolhi a opção de fazer a foto com silhueta, sem iluminar a parte da frente do corpo, para dar mais destaque ao efeito provocado pelas luzes. Configurei minha câmera com ISO 400, diafragma F11 e 13 segundos de exposição, para dar tempo de desenhar as coisas. O tempo de abertura da cortina vai variar de acordo com a complexidade do seu desenho. Também usei o *timer* para dar tempo de apertar o botão e se posicionar para fazer os desenhos. O temporizador também ajuda a não movimentar sem querer a câmera na hora do clique, ela realmente precisa ficar parada para garantir a nitidez do desenho.

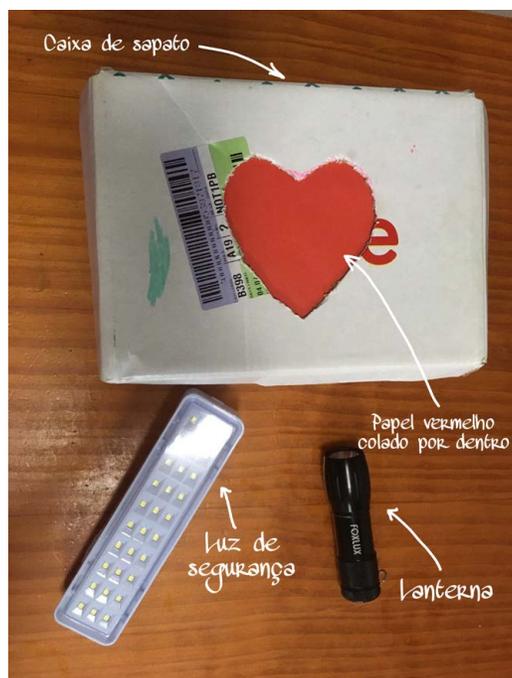
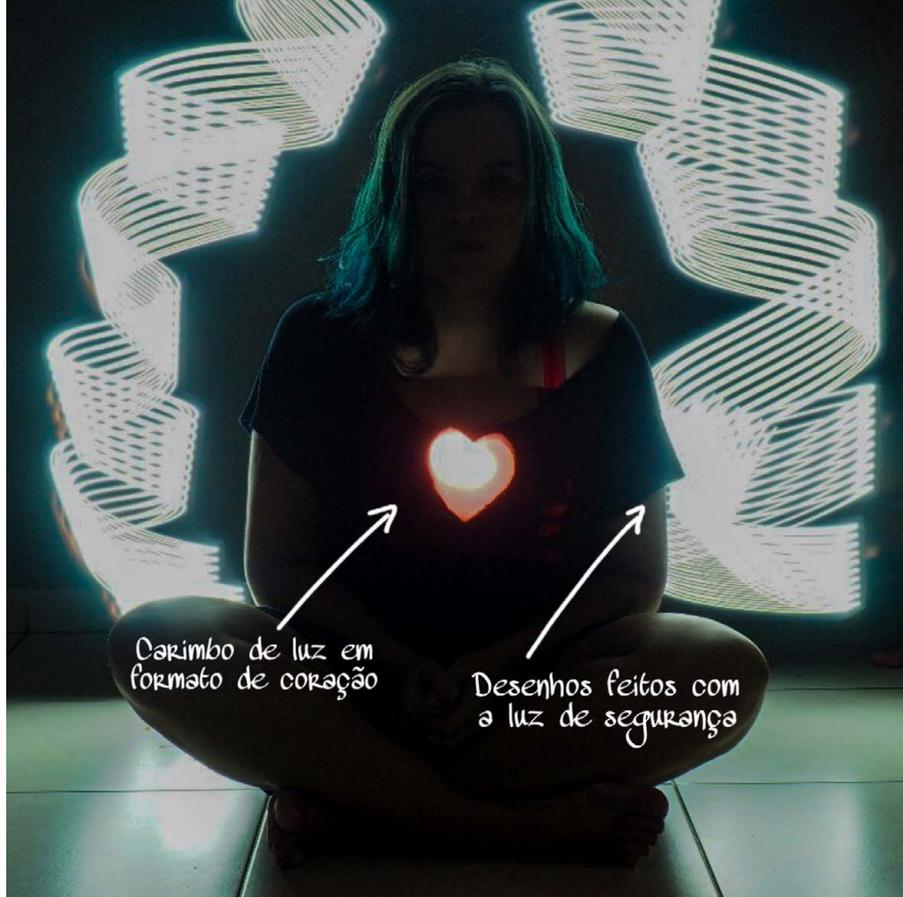
Light Painting com configuração da câmera e sem corte

P4089418.JPG

13,0 seg em *f* / 13, ISO 400

24 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)

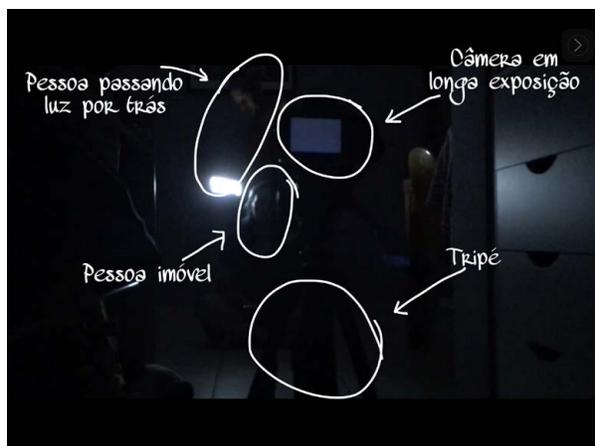
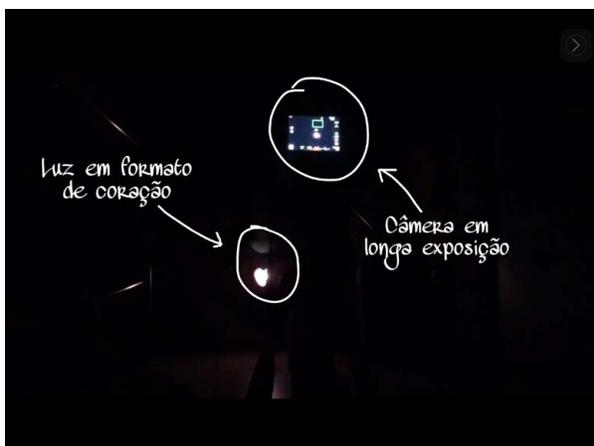
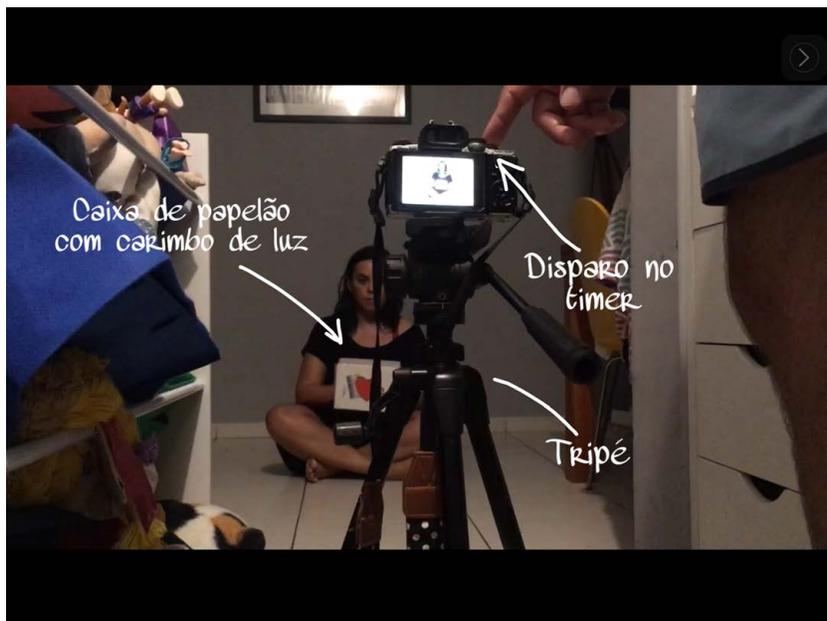




Detalhes do "carimbo de luz"



Passo a passo do *Light Painting Silhueta*





LIÇÃO 52 - LIGHT PAINTING ILUMINADO



Também é possível fazer o *light painting* em ambientes um pouco mais claros ou iluminar objetos e pessoas durante o processo de captura da imagem. Uma das formas de fazer isso é disparando o *flash* em algum momento do clique, mesmo que seja de outra câmera ou um *flash dedicado* (externo) disparado remotamente ou por outra pessoa. Mas nessa imagem recorri à outra maneira: deixei o ambiente minimamente

claro e tentei ao máximo não mover o corpo enquanto abria o livro. Na preparação da cena, coleí a luz de natal nas bordas do livro com fita adesiva, deixei a câmara no tripé e usei a luminária de leitura rebatendo a luz na parede oposta, para ficar suave. A câmara, que estava em um tripé do outro lado da mesa, foi disparada com o controle remoto pelo celular e no *timer*, com uma exposição de 3,2 segundos, tempo suficiente para abrir o livro. A imagem ficou granulada por causa do ISO alto, intencionalmente usado para deixar a foto mais clara no ambiente com pouca luz.



Configuração da câmera

P4200576.JPG

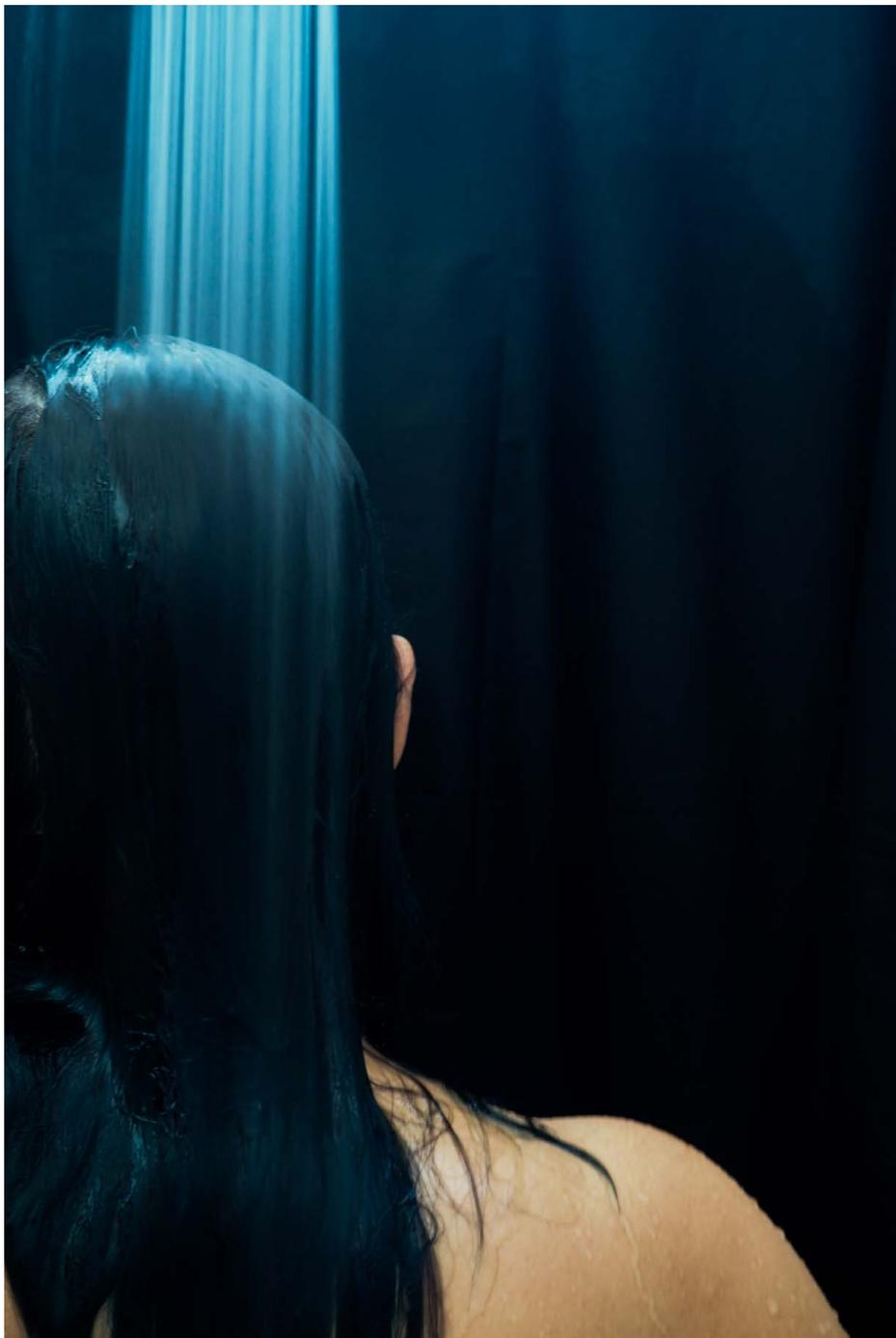
3,2 seg em $f / 22$, ISO 800

25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)





LIÇÃO 53 - VÉU DE NOIVA



A técnica intitulada “véu de noiva” consiste numa longa exposição do obturador e costuma ser feita em ambientes com água corrente, especialmente cachoeiras, mas também fica interessante em praias. Ela provoca um efeito de desenho contínuo na água corrente: com o reflexo da luz na superfície deixando uma aparência semelhante a um tecido ou fio contínuo. Foi um grande desafio adaptá-la ao ambiente doméstico, talvez a foto mais difícil de executar, por causa da situação limitada de luz nos locais de água corrente da casa, como o banheiro.

Para resolver, foi necessário colocar o tecido preto dentro do *box* do chuveiro e encontrar um ângulo que tivesse um contraluz na água, para poder iluminá-la, que veio da janelinha do banheiro. Essa imagem precisou do manuseio do equipamento na hora do clique, na busca pela posição que fizesse a água ficar em evidência.



Configuração da câmera

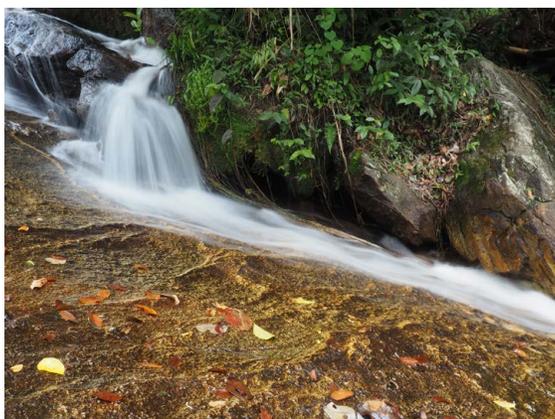
P5280204.JPG

1,0 seg em $f / 5,6$, ISO 200

28 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)



Técnica do véu de noiva em fotografia na natureza





LIÇÃO 54 - FOTOS FANTASMAGÓRICAS



Existem muitas formas de fazer fotos com essa cara sobrenatural, a maioria em pós-produção. Mas também dá pra fazer na câmera ou com ajuda dos aplicativos e softwares. Eu trago três maneiras diferentes de produzir esse efeito fantasmagórico nas fotos. O primeiro deles, e mais simples, é a dupla exposição do sensor. Para fazer desse jeito, você vai ter que recorrer ao recurso de dupla ou múltipla exposição que tem em muitas câmeras (veja mais detalhes nas Lições 55 e 56). Mas ela consiste em fazer dois cliques sobrepostos na mesma foto: o primeiro sem eu estar no quadro e o segundo comigo na imagem, me deixando translúcida.

Qualquer elemento que fique em um clique e não no outro aparecerá transparente. Para que a imagem parecesse antiga, usei uma lente lomográfica na câmera: ela ajuda a remeter às características de uma fotografia analógica em equipamento simples. Depois tratei a foto nos aplicativos para dar essa aparência envelhecida: converti para preto e branco, apliquei vinheta e granulação. Um cenário diferente, como uma casa antiga ou um local em ruínas, daria mais verossimilhança à cena, ou seja, a deixaria com mais cara de verdade.

Configuração da câmera

P5240026.JPG

1/30 seg, ISO 4000



Foto fantasmagórica com longa exposição



Outro jeito de fazer esse tipo de foto é com a longa exposição, ajustada no obturador ou cortina da câmera, como mostrado nas lições anteriores. Basta deixar a câmera em um tripé ou

ponto fixo e fazer a foto durante um tempo longo, que vai variar de acordo com cada necessidade e situação de luz. A iluminação dessas fotos foi a natural, do dia, vinda da janela lateral, e usei a exposição de 1 segundo. Durante o clique, me movimentei para ficar sem definição enquanto a outra pessoa ficava imóvel. A principal diferença para a dupla exposição é que essa imagem é feita em um clique só. Em um local maior é possível fazer o "fantasma" caminhar por alguns metros e aparecer em mais de um lugar na imagem. Na pós-produção só ajustei para parecer foto antiga, igual à outra: preto e branco, granulação e vinheta escurecendo os cantos.

Configuração da câmera

P5240031.JPG

1,3 seg, ISO 100



Foto fantasmagórica com dupla exposição na pós-produção



Aqui o processo foi: duas fotos diferentes com a câmera no mesmo lugar, sem nenhuma configuração especial.

Depois, em aplicativos de edição, como o *Picsart*, por exemplo, coloquei uma imagem por cima da outra, deixando a minha figura translúcida. É claro que em *softwares* como o *Photoshop* é possível fazer, mas eu fiz no celular mesmo. A Lição 56 explica com mais detalhes esse tipo de montagem.

Configurações da câmera

P5240034.JPG

1/60 seg, ISO 10000



P5240033.JPG

1/60 seg, ISO 10000





DUPLA EXPOSIÇÃO



LIÇÃO 55 - NA CÂMERA



Também conhecida por “múltipla exposição”, essa técnica se origina na sobreposição de negativos na fotografia analógica. Depois, o processo passou a ser feito nas próprias câmeras, expondo o negativo mais de uma vez à sensibilização pela luz. Nas câmeras que usam negativos, o truque é não passar o filme de um clique para o outro e sobrepor as imagens no original, fazendo o resultado no próprio equipamento. Algumas câmeras digitais possuem a opção de simular esse mesmo processo, expondo o sensor à luz mais de uma vez, criando a imagem na hora, sem a necessidade de pós-produção. Existem dispositivos que exibem o vulto da imagem anterior por cima da nova, possibilitando um enquadramento melhor e menos intuitivo. Foi assim que eu fiz, sobrepondo as imagens na câmera mesmo. É possível encontrar aplicativos que permitam fazer essa dupla exposição no celular.

Configurações da câmera

P4289486.JPG

1/80 seg em f / 1,8, ISO 200
25 mm (OLYMPUS M.25mm F1.8)



Modo múltipla exposição em diferentes equipamentos





LIÇÃO 56 - NA PÓS-PRODUÇÃO



Outra forma de fazer a dupla exposição é sobrepondo diferentes imagens na pós-produção, no computador ou no celular. Essa foi feita no dispositivo móvel: uma foto minha em pé e depois tratada e montada no *Picsart*, mas pode ser outro aplicativo. O primeiro passo foi o mais trabalhoso: pintar todo o fundo da imagem de branco, ampliando a foto e mudando a largura do pincel. Também é possível fazer isso com ferramentas de recorte, mas dependendo do aplicativo o corte não fica bem feito. Depois vem a parte mais fácil: sobrepor outra foto. Eu pesquisei na *web* por *wallpaper free* (papéis de parede gratuitos) de celular com os temas diversos como praia, arco-íris, por do sol e coqueiros, por exemplo, depois é só adicionar a imagem por cima, mesclar e clarear. Você também pode produzir as próprias fotos para sobreposição e criar efeitos diferentes.

Criação de fundo branco para sobrepor imagens



Dupla exposição montada na pós-produção





FLASH CRIATIVO



LIÇÃO 57 - DISPARO CONTÍNUO



O disparo contínuo do *flash* em um único *frame* (única foto) é uma técnica que registra o movimento: fica especialmente belo em danças e manobras de esportistas, por exemplo. Ao iluminar o assunto fotografado enquanto ele se movimenta, várias vezes no mesmo clique, somos capazes de registrar essas etapas.

Também chamado de *flash* em repetição, a execução dessa técnica depende das possibilidades de equipamento que você tem: configurações da câmera e *flash dedicado* (ou *flash externo*). Essa imagem foi produzida com o *flash* na mão (desconectado da câmera), em um ambiente pequeno, que não me permitia muita movimentação.

É importante que o fundo da imagem seja escuro, caso contrário a figura em movimento poderá ficar muito translúcida, a não ser que essa seja sua intenção. Por isso, recorri ao tecido preto colado com fita adesiva na parede. Configurei a câmera para uma longa exposição e ensaiei o movimento. Com a sala toda escura e a câmera no tripé com uma exposição de oito segundos, outra pessoa disparava o *flash* na mão jogando a luz em mim por três vezes durante o movimento, produzindo a imagem em um único clique. Se você pretende usar o celular com uma longa exposição, pode experimentar iluminar com uma lanterna ou luminária, mas vai ter que ser ágil ligando e desligando.

Configurações do clique

P4180447.JPG

8,0 seg em $f / 11$, ISO 100

25 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)



Recurso de *flash* em repetição na câmera





LIÇÃO 58 - DISPARO DE SEGUNDA CORTINA



O *flash* de segunda cortina (também chamado de ajuste de sincronismo, dessincronismo ou ainda *slow sync* do *flash*) é uma técnica que dispara a luz exatamente antes do fechamento do obturador, possibilitando uma imagem de movimento com congelamento no final do clique.

Esse é um recurso que já vem de fábrica em alguns equipamentos, mas se sua câmera não tem essa configuração, é possível fazer deixando

em longa exposição do obturador (eu deixei 5 segundos) e jogando um *flash* no final desse tempo com outro aparelho. É preciso procurar onde essa configuração está no seu equipamento: cada marca identifica de um jeito. Esse recurso consiste de um *flash* que acontece ao final da exposição. Por exemplo, numa exposição de 10 segundos, ele vai iluminar a cena no fim desse tempo.

Na minha câmera ele dispara também no começo. Isso provoca um efeito de movimento na foto e congela o último instante. Fica bem legal se usado em ambientes noturnos com iluminação colorida, como bares e boates. Um fundo escuro também ajuda a visibilizar o movimento, por isso usamos o tecido preto preso com fita adesiva na parede. O resultado sai exatamente assim da câmera, com essa espécie de rastro do movimento.

Configurações do clique

P4250734.JPG

5,0 seg em $f / 20$, ISO 400

22 mm (OLYMPUS M.14-42mm F3.5-5.6 II R)



Ajuste da velocidade de sincronismo do *flash* em diferentes equipamentos

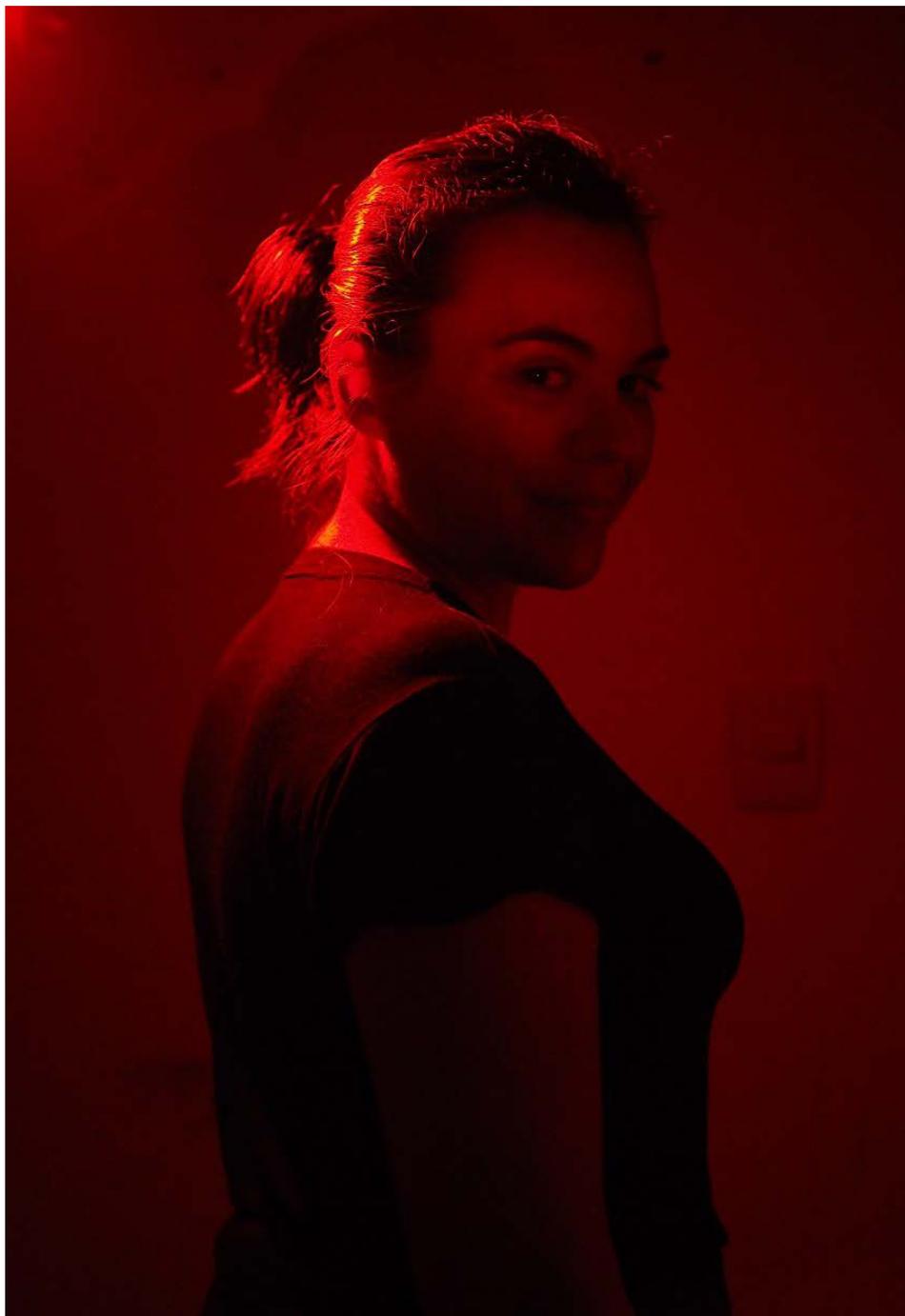




FILTROS E LENTES



LIÇÃO 59 - VERMELHO



Originalmente usado para melhorar o contraste na fotografia em preto e branco (ele aumenta os tons de cinza), o filtro vermelho também pode servir para uma fotografia em cores criativa e dramática. Para dar um toque de iluminação profissional, também teve luz para o cabelo, feita com uma luminária de leitura apoiada na estante, e uma lanterna na mão do fotógrafo mirando no olho. É possível simular um filtro desses com papel celofane, mas a qualidade da imagem fica diferente, principalmente se o papel estiver enrugado.

Esse tipo de filtro, bem como outros que produzem efeitos distintos, pode ser adquirido com facilidade e a preços acessíveis em lojas especializadas ou em páginas na internet. Para saber se o filtro vai encaixar na sua lente, descubra qual o diâmetro dela. Essa numeração vem, em geral, identificada na frente ou na lateral da objetiva, dependendo do equipamento e da marca, e é indicada com o símbolo de um círculo com um corte no meio (Φ), acompanhado da medida em milímetros (ex: 52mm, 35mm, 25mm).



Filtro vermelho HOYA HMC 52mm



Identificação do diâmetro das lentes





LIÇÃO 60 - COLORIDOS



Um lado azul e o outro, laranja. Muitos aplicativos simulam esse tipo de filtro, mas aqui fizemos com eles rosqueados na lente da câmera. Esse tipo, com metade da imagem com uma cor em degrade, existe de diversas tonalidades e geralmente é usado para fotos de paisagem com o horizonte, para mudar a cor de cima ou de baixo, fazer um céu com diferentes nuances de forma gradativa, por exemplo. Resolvermos rosquear dois deles juntos para deixar a imagem bicolor.

Filtros Bower *Digital HD Graduated – Blue e Orange*



Filtros encaixados entre eles e na lente





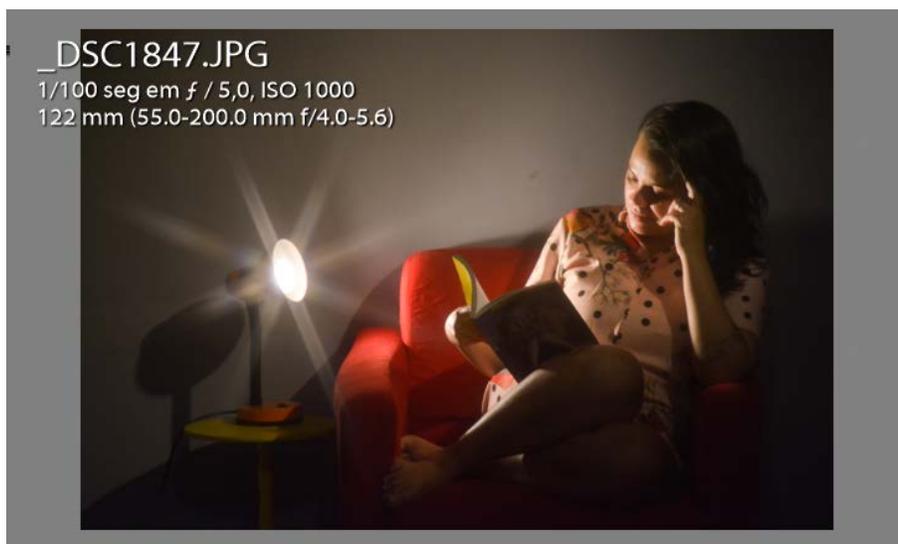
LIÇÃO 61 - ESTRELA



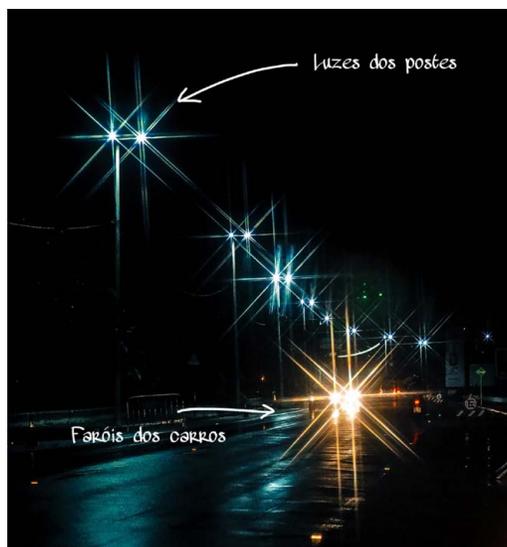
Muitos aplicativos tentam imitar o que esse filtro faz desde o tempo da fotografia analógica: transformar pontos de luz em estrelas. Ele é chamado *Cross Screen Star* ou *Cross Screen* e é identificado com o número de pontas que faz nas estrelas que cria: 4x, 6x, 8x, por exemplo. Nele é possível enxergar as linhas que cruzam o vidro para fazer esse efeito. Nessa foto, usamos um filtro antigo, por isso ele tem outra nomenclatura: *Halo Cross*, mas é a mesma coisa. Ele é mais usado em fotos noturnas em ambientes externos: fica lindo em ruas cheias de postes e estradas movimentadas, registrando os faróis dos carros, por exemplo.

Usá-lo dentro de casa foi um verdadeiro desafio, já que tínhamos pouca distância entre a câmera e o ponto de luz. Se a fonte de luz estiver muito próxima, o efeito não vai funcionar. Também não dá certo com a luz fora de foco, ela tem que estar bem nítida. A foto foi feita colorida, resolvi transformar em preto e branco para destacar o resultado do filtro.

Configuração da câmera



Filtro de estrela usado em ambiente externo







LIÇÃO 62 - OLHO DE PEIXE



A lente (ou objetiva) olho de peixe é uma grande angular que registra a imagem de forma distorcida, provocando o arredondamento do registro fotográfico. Ela leva esse nome por se assemelhar ao olho de um peixe, já que é volumosa e arredondada. Existem diversos tipos e modelos, bem como a simulação via aplicativos e *softwares* na pós-produção. Ela também pode ser um acessório, como um filtro, encaixado à frente da lente.

O olho mágico, usado em portas para ver quem está do lado de fora, é um tipo de olho de peixe. As câmeras de segurança também são. Umas mais acentuadas do que outras, as lentes olho de peixe podem ser divertidas. Você pode experimentar com o olho mágico da porta, segurando na frente da lente da câmera do seu celular, e a qualidade ótica dessa foto vai depender da nitidez do seu olho mágico. Mas também é possível comprar esse tipo de acessório para uso nos dispositivos móveis. São baratos e vêm com um encaixe parecido com uma pinça para posicionar a lente em frente à câmera do *smartphone*.

Olho mágico e filtros em formato de lente olho de peixe usados no aparelho celular





ÚLTIMAS DICAS

Faça álbuns de referências

Enriqueça seu repertório visual e guarde imagens inspiradoras. Vale a pena investir no hábito de olhar imagens diversas, em fontes variadas de visualidades distintas que sirvam de alimento para suas ideias. Isso pode ser feito tanto de maneira tradicional, em papel, montando um álbum físico, ou mesmo criando pastas com arquivos digitais no computador, celular ou em redes sociais que possibilitem um armazenamento organizado.

O importante é sair um pouco da zona de conforto visual, onde somos inundados diariamente por fotos muito parecidas entre si, e investigar imagens antigas e novas, não apenas fotográficas. O mundo físico e virtual oferecem uma infinidade de possibilidades nesse sentido.

Conheça seu equipamento

Muita gente acaba subutilizando o equipamento que tem por falta de conhecimento sobre ele. Seja qual for, da câmera do celular ao aparato mais moderno, é essencial que você conheça os recursos, possibilidades e limitações do que dispõe para fotografar. Você consegue isso de algumas maneiras: lendo o manual, conferindo resenhas e tutoriais, mas, principalmente, experimentando os recursos em situações diversas, principalmente em condições de luz diferentes.

Um medo muito comum é o de não saber configurar de volta ao modo como estava antes ou ainda de quebrar o equipamento ao modificar as configurações. Para tranquilizar nesse sentido, eu explico: os equipamentos têm um *reset* para restaurar as configurações de fábrica e, além disso, a câmera não quebra ao apertar os botões que foram feitos justamente para isso. É claro que é preciso ter cuidado ao manusear os dispositivos tecnológicos, mas as câmeras foram feitas para esse tipo de ação. Quanto mais você conhece o equipamento que dispõe, melhor proveito você consegue tirar dele.

Por exemplo, se você tem um celular que não fotografa bem em situações de pouca luz, pode investir em registrar em locais bem iluminados. Ou ainda, se você tem uma câmera muito pesada, saberá que será difícil levá-la consigo para fotografar em experiências que exijam um grande esforço físico. Ou mesmo, se seu equipamento tem um disparo lento, ou seja, um *delay* ou atraso entre o momento em que se aperta o botão disparador e o instante do clique, pode ser frustrante usá-lo em situações que demandem velocidade no registro, como em fotografia esportiva ou fotojornalismo.

Exercite

Eu costumo dizer que podemos aprender fotografia de duas formas: vendo fotografias e fazendo fotografias. Elas se somam e são complementares. Apesar do grande acesso aos celulares com câmera na contemporaneidade, o universo da fotografia não é democrático nem inclusivo: livros e cursos exigem, em geral, um investimento financeiro relativamente alto; equipamentos novos e de qualidade são caros.

Além disso, muitos têm medo de fotografar em locais abertos por causa da violência, em especial aqueles que fazem parte de grupos mais vulneráveis, como as mulheres. Portanto, é preciso ser criativo para exercitar a fotografia em um país como o nosso. Buscar locais seguros, como o próprio lar, o exemplo desse livro, se faz necessário, mas essa não é a única opção.

Você pode fazer uma lista de locais relativamente seguros que te façam fotografar tranquilamente, como festas em família ou parques fechados. Tentar reproduzir fotos inspiradoras também é uma excelente ideia de exercício. Procure, na sua família ou na sua comunidade, um profissional ou uma profissional de fotografia que te receba para acompanhar algum trabalho. Além disso, as Instituições Públicas de Ensino continuam sendo espaços gratuitos e de qualidade onde é possível encontrar cursos que contenham fotografia em

suas estruturas curriculares, em especial nas áreas de Artes e Comunicação.

Além de tudo, estude, pesquise e leia. O investimento em conhecimento será um passo essencial para levar sua fotografia para outro nível. Existem quatro tipos principais de livros de fotografia: os que são como este, manuais explicativos de técnicas e dicas de feitura da imagem fotográfica; outros que são catálogos de fotografias, coletivos ou individuais, de grande valor para inspiração, amadurecimento do olhar e crescimento de repertório visual; aqueles sobre gêneros e estilos, que mesclam breves conceituações com imagens ilustrativas; e os que são de caráter teórico, histórico, conceitual e reflexivo, flertando muitas vezes com a filosofia. Algumas obras podem mesclar mais de um tipo, e todas elas têm a sua importância para a capacitação do fotógrafo profissional ou amador. Esse é um universo que sempre tem algo novo a nos ensinar.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUITONI, Dulcília S. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

BUSSELE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

EASTERBY, John. **150 lições para aprender a fotografar: técnicas básicas, exercícios e lições para fotógrafos iniciantes**. São Paulo: Editora Europa, 2010.

FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgar Blucher Ltda, 1990.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002.

FREEMAN, M. **O olho do fotógrafo:** composição e design para fotografias digitais incríveis. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GIMENEZ, Alex. **A física e a matemática intrínsecas na Fotografia.** São Paulo: Photos Editora, 2017.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular:** introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.

MAGNO, Alexandre. **Como tirar boas fotos com o celular:** Dicas de fotografia na era digital. E-book kindle. 2017.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Guia completo de fotografia.** São Paulo: Editora Abril, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

VILICIC, Filipe. **O clique de 1 bilhão de dólares:** a incrível história do brasileiro Mike Krieger, fundador do Instagram. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

GLOSSÁRIO

Ângulo – Compõe o enquadramento e se refere ao posicionamento do equipamento em relação ao assunto fotografado (de cima, de baixo, de frente, etc).

Assunto fotográfico – Outra forma de nomear o tema principal da fotografia.

Autorretrato – Gênero fotográfico herdado da pintura que se refere ao registro de si mesmo.

Balço de Branco (*White Balance*) – Ajuste do tom de branco da câmera (medido em graus Kelvin, ajustado manualmente quando disponibilizado pelo equipamento ou nos modos pré-estabelecidos, a exemplo de sombra, luz do sol, incandescente, fluorescente, etc).

Cinematografia – Área de atuação no cinema e no audiovisual referente à fotografia cinematográfica, ou seja, fotografia em movimento.

Close – Tipo de enquadramento com pequena abertura de quadro em altura e largura. Também conhecido por plano fechado ou plano detalhe.

Composição – É a organização visual dos assuntos no quadro fotográfico. Existem algumas regras de composição que colaboram no entendimento dessa disposição dos elementos no quadro, como a regra dos terços e a espiral de Fibonacci, por exemplo.

Cortina/obturador – Parte do equipamento fotográfico que abre e fecha durante o disparo da câmera. Tradicionalmente localizada no corpo da máquina, também pode ser encontrada na lente em alguns dispositivos, como em câmeras *Mirrorless*.

Diafragma – Orifício dentro da lente formado por lâminas que abrem e fecham em formato circular (ou poligonal) que permite a entrada maior ou menor de luz no equipamento fotográfico.

Disparo remoto – Recurso que permite disparar a câmera sem tocar no equipamento. Pode ser feito por cabo rosqueado no botão disparador, por dispositivo próprio para isso que funcione a distância, sem cabo, ou mesmo por aplicativos de celular, dependendo das possibilidades da máquina fotográfica.

Distância focal – Identificada através de milimetragem escrita no corpo da lente, se refere à distância entre o centro óptico da lente, localizado dentro dela, e o sensor da câmera (ou o filme, no caso do equipamento analógico). É pela distância focal que se determina a aproximação do assunto fotografado e do campo de visão da imagem registrada.

DSLR – Sigla que significa *Digital Single Lenses Reflex* e se refere à estrutura de espelhos e um pentaprisma localizado no topo da câmera que permite ver pelo visor a mesma imagem que entra pela lente. A tecnologia SLR foi um passo importante no desenvolvimento da fotografia em câmeras analógicas e foi absorvida pela era digital.

Enquadramento – Ação ou efeito de delimitar a imagem fotografada e a maneira de dispor os elementos dentro do quadro. Ângulo, plano e composição se unem para formar o enquadramento.

Estouro de luz – Quando a imagem está muito clara, superexposta ou estourada, com excesso de luz.

Flash dedicado – Também chamado de flash externo, aquele que é separado da câmera e que pode ser usado acoplado a ela ou não.

Foco – É o ajuste que serve para dar mais nitidez à imagem fotografada, podendo ser feito de forma manual, girando o anel de ajuste de foco da lente, ou de forma automática, quando disponibilizado pelo equipamento. A imagem “fora de foco” é aquela também chamada de “embaçada”, ou sem nitidez.

Frame – Fragmento de vídeo ou filme, imagem congelada da imagem em movimento.

GoPro – Câmera de empresa norte-americana de mesmo nome, especializada para o uso em esporte, aventura e velocidade. De tamanho pequeno e à prova d’água, o equipamento se popularizou pela qualidade da gravação em vídeo, agilidade de registro e de *download* para os dispositivos móveis.

Grande angular – Lente de grande amplitude no registro, em geral abaixo de 35 milímetros, que costuma arredondar os cantos da imagem por causa de suas características físicas. As grandes angulares extremas são também chamadas de lentes olho de peixe.

Granulação – Tem origem na fotografia analógica e se refere ao grão do detalhe da imagem fotográfica, à partícula que se sensibiliza com a luz. Está diretamente relacionado à configuração usada na hora do clique: quanto maior o ISO, mais esse grão vai aparecer. Pode ser usado como

conceito e proposta intencional ou entendido como falta de qualidade, dependendo do contexto.

Hashtags – São palavras-chave de um assunto, antecedidas pelo símbolo gráfico da cerquilha ou grade (#), usadas nas redes sociais como indexadores e localizadores de temas.

Instax – Câmera instantânea da empresa Fujifilm, lançada originalmente em 1998, reconfigurada e relançada em 2017, atingindo popularidade por ter o equipamento e o filme de custo relativamente baixo.

ISO – É o nível de sensibilidade da superfície fotossensível à luz: quanto maior a numeração, mais sensível ela será à incidência da luz, e vice-versa. Nas câmeras digitais ela pode ser mudada em cada foto.

Lente – Parte frontal da câmera responsável por dar mais nitidez à imagem. Pode ser de diversos modelos e características. Algumas câmeras vêm com a lente fixa, que não podem ser trocadas, e outras possibilitam a variação (intercambiáveis).

Lomografia – Fotografias feitas com câmeras Lomo, equipamentos analógicos inspirados em máquinas russas dos anos 1980 que se popularizaram a partir dos anos 2000 por causa dos efeitos causados nas imagens. Muitos acessórios

Lomo foram criados para câmeras digitais e vários aplicativos para celular simulam seus efeitos.

Médio formato – Nome dado às câmeras fotográficas que trabalham com uma superfície fotossensível (filme ou sensor) maior que o padrão, que é 35 mm.

Mirrorless – Equipamento fotográfico digital com recursos avançados de tecnologia e que não usa o sistema DSLR, deixando o equipamento menor e mais leve. A imagem vista pelo *viewfinder* dessa câmera é digital, uma espécie de *preview* ou previsão do registro final da foto.

Modo contínuo/disparo contínuo – Modo de disparo da câmera em sequência, ideal para situações de velocidade ou que precisem de um registro rápido.

Negativo – Material fotossensível usado nas câmeras analógicas para o registro da imagem fotográfica. O ISO na fotografia analógica é identificado na película fílmica, que traz uma sensibilidade única para todas as fotos. Na câmera digital, o negativo foi substituído pelo sensor.

Objetiva – Outro nome para lente.

Polaroid – Equipamento fotográfico analógico instantâneo popular em alguns países entre os anos 1940 e 1980. Consiste numa câmera que

revela a fotografia instantaneamente, assim que o papel sai do equipamento.

Preview – Expressão que vem do inglês e significa pré-visualização. É usada no campo do audiovisual quando se tem uma “previsão” da imagem que sairá no final do processo (fotográfico, videográfico ou cinematográfico).

Plano – Se refere ao modo de dispor os elementos ou assuntos dentro do quadro fotográfico, próximo ou longe da câmera, por exemplo. Existem diversos planos considerados “padrão” e nomenclaturas distintas para eles (primeiro plano, segundo plano, primeiríssimo plano, plano americano, plano aberto, etc.).

Plongée- Do francês “mergulho”, se refere ao ângulo que a câmera fica quando posicionada de cima para baixo. O contrário, de baixo para cima, é chamado de *contra-plongée*.

Profundidade de campo – É a expressão que designa as áreas em foco e fora de foco de uma imagem. Uma foto com pequena profundidade de campo tem uma grande área fora de foco, tanto na frente quanto atrás do assunto fotografado.

Rolleiflex – Linha de câmeras fotográficas populares nos anos 1950 que fotografavam principalmente com filmes quadrados, no formato 6cm x 6cm, e tinham o visor na parte de cima do equipamento.

Selfie – Nome que vem da junção das palavras *self* (do inglês *selfportrait* – autorretrato) e do sufixo *ie*, que designa diminutivo. Popularizada na era da fotografia digital, virou sinônimo de registros fotográficos de si compartilhados nas redes sociais.

Sensor – Parte fotossensível interna da câmera onde a imagem é capturada. É considerado o coração do equipamento fotográfico e o mercado disponibiliza equipamentos com uma grande variação de tamanho e qualidade.

Subexposta – Expressão que nomeia a fotografia que recebeu pouca luz na hora da sensibilização. Fotografia escura.

Superexposta – Expressão que nomeia a fotografia que recebeu muita luz na hora da sensibilização. Fotografia clara.

Timer/temporizador – Dispositivo que retarda o disparo da câmera.

Tripé – Equipamento que permite a estabilidade da câmera.

Viewfinder (finder) – Pequeno visor da câmera, onde a fotógrafa ou o fotógrafo colocam o olho para se concentrar no clique.

Vinheta – Escurecimento ou clareamento das bordas da imagem, de maneiras intensa ou suave. Remete ao universo da fotografia analógica antiga quando a qualidade das lentes condicionava o registro a esse arredondamento dos cantos da imagem. Era uma limitação técnica que se transformou em opção estética.

Wireless/wi-fi – Câmeras com dispositivo *wireless* ou *wi-fi* são aquelas que possibilitam o diálogo entre o equipamento e outros dispositivos tecnológicos, como celulares e *tablets*. Dessa forma, é possível controlar a máquina remotamente e baixar imagens para compartilhamento rápido.

Zoom – A lente *zoom* é construída de forma a permitir uma distância focal variável. Ela permite aproximação ou afastamento da imagem através da sua movimentação.

SOBRE A AUTORA

Agda Aquino é professora de fotografia desde 2007. É docente dos departamentos de Comunicação Social da UEPB (curso de Jornalismo) e da UFPB (curso de Cinema e Audiovisual), sendo a primeira mulher a assumir oficialmente, através de concursos públicos, as cátedras de fotografia nos dois cursos. É graduada em Jornalismo, com especialização em Redação Jornalística, mestrado em Comunicação e Estudos da Mídia e doutorado em Educação, onde desenvolveu uma tese sobre o ensino de fotografia nos cursos de Jornalismo

do país. Além da docência em fotografia, tem experiência na fotografia documental, de moda e experimental, além de exposições fotográficas, curadorias, juris e comissões julgadoras de concursos fotográficos.



EJ Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2021,
utilizando a fonte Avenir.

